

ANA DA CONCEIÇÃO RODRIGUES DA CRUZ

**A VIDA NA CORDA BAMBA: violência e
criminalidade em *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS-UNIMONTES
MONTES CLAROS - MG
Outubro / 2023**

ANA DA CONCEIÇÃO RODRIGUES DA CRUZ

A VIDA NA CORDA BAMBA: violência e criminalidade em *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Estadual de Montes Claros, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras – Estudos Literários.

Área de concentração: Literatura Brasileira

Linha de Pesquisa: Literatura, Territórios, Fronteiras (LTF).

Orientador: Prof. Dr. Osmar Pereira Oliva

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS-UNIMONTES
MONTES CLAROS - MG
Outubro / 2023**

AGRADECIMENTOS

A escrita dessa dissertação pude conhecer com profundidade a história e o percurso do grupo afrodescendente na sociedade brasileira. Muitas foram as reflexões a partir da escrita de Conceição Evaristo acerca das vidas costuradas a fio de ferro, por isso, não podia deixar de agradecer a cada um que esteve comigo nesse processo.

Agradeço à Deus pelo dom da vida, pelas bênçãos, proteção e por permitir chegar até aqui. À minha família, minha maior riqueza. Meus filhos: Matheus Rodrigues, Juliana Rodrigues e Bernardo Rodrigues, fonte de inspiração constante, quero agradecer por compreender os momentos distantes, ao meu esposo, Nilson Barros, pelo companheirismo.

Agradeço ao meu orientador, Osmar Pereira Oliva pela brilhante orientação, pelo comprometimento, dedicação e paciência. Obrigada também por proporcionar-me o conhecimento da literatura feminina negra, a qual propiciou à mim conhecer o percurso do negro, especialmente a resistência da mulher negra perante as adversidades, e por me conduzir ao caminho da leitura e escrita.

Agradeço às professoras: Geuvana Vieira, Kátia Alencar, pela leitura atenta e preciosa na banca de qualificação, pelas dicas de sugestões de obras. As ponderações das senhoras foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. Diante disso, o meu muito obrigada.

Agradeço à Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes pela oportunidade, por me ajudar na realização dos meus sonhos, desde a graduação.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma se fizeram presentes nessa nova etapa de minha vida.

Meu muito obrigada!!

A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande”, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.

(Conceição Evaristo)

RESUMO

Esta dissertação teve por objetivo analisar a violência e a criminalidade em contos do livro *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo (2014). Partimos do pressuposto de que o foco é a violência e o crime na periferia urbana, especificamente, localizados nos morros. A obra é constituída de quinze contos, neles há a presença simbólica e física da violência e dos crimes sofridos ou praticados pelos protagonistas negros, moradores dessas periferias urbanas. Neste estudo, buscamos identificar as várias formas de violências e crimes sofridos, como aqueles praticados pelos personagens protagonistas dos contos: “Ana Davenga”, “Duzu-Querença”, “Maria”, “Di Lixão”, “A gente combinamos de não morrer”. E assim, averiguar como essas violências e esses crimes serviram para demonstrar a supremacia do negro ou colocá-los frente a transgressiva numa sociedade fragmentada, e os meios de sobrevivência da comunidade afro-brasileira na sociedade contemporânea. Conceição Evaristo tornou-se uma das maiores escritoras intelectuais da literatura negro-brasileira contemporânea, e traz por meio da escrita personagens negros, que, por séculos foram estereotipados e marginalizados. Além disso, por se tratar de uma escrita feminina, estereotipada pelo cânone, como: uma escrita sem juízo de valor político e social. Nesse viés, por ser escritora negra, o peso dessa discriminação foi árduo e excludente. Assim, a pesquisa parte do método hipotético-dedutivo bibliográfico para constatação do estudo. Desse modo apoia-se nas teorias antropológicas de: Skidmore (1979); Azevedo (2004); Spivak (2010); nas teorias da literatura afro-brasileira de Duarte (2011); nos estudos sociológicos e históricos acerca dos africanos, no Brasil de Freyre (2004). Dessa forma discute-se as Leis que prevêm punições e crimes aos maus tratos retratadas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Nº 8.069 reformulada pela Constituição Federal em (1988) e a Lei Maria da Penha, 11.340 (2006) sobre punições a crimes de violência doméstica, ao estudo da obra escolhida a análise, *Olhos d'água*, dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Conceição Evaristo; Conto; Violência; Criminalidade; Negro.

ABSTRACT

This dissertation aimed to analyze violence and crime in the short stories of the book "Olhos d'água" by Conceição Evaristo (2014). We started with the assumption that the focus is on violence and crime in urban peripheries, specifically located in the hills. The work consists of fifteen short stories, in which there is both symbolic and physical presence of violence and crimes suffered or committed by black protagonists, residents of these urban peripheries. In this study, we sought to identify the various forms of violence and crimes suffered, such as those committed by the protagonists of the stories: "Ana Davenga," "Duzu-Querença," "Maria," "Di Lixão," "A gente combinamos de não morrer." Thus, we investigated how these violence and crimes served to demonstrate the supremacy of black individuals or place them in a transgressive position in a fragmented society, and the means of survival of the Afro-Brazilian community in contemporary society. Conceição Evaristo has become one of the most significant intellectual writers of contemporary Afro-Brazilian literature, portraying through her writing black characters who have been stereotyped and marginalized for centuries. Furthermore, as a female writer, stereotyped by the canon as having a writing without political and social value judgments, the weight of this discrimination was harsh and exclusionary. Thus, the research follows the hypothetical-deductive bibliographic method for the study's verification. It relies on anthropological theories by Skidmore (1979), Azevedo (2004), Spivak (2010); Afro-Brazilian literature theories by Duarte (2011); and sociological and historical studies on Africans in Brazil by Freyre (2004). The discussion also encompasses laws that prescribe punishments for abuses portrayed in the Statute of Children and Adolescents (ECA), No. 8,069 reformulated by the Federal Constitution in (1988), and the Maria da Penha Law, 11,340 (2006), regarding punishments for domestic violence crimes, in addition to the analysis of the chosen work, "Olhos d'água," among others.

KEYWORDS: Conceição Evaristo; Short Story; Violence; Crime; Black.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO 1- O NEGRO NA CORDA BAMBA	12
1.1 Conceição Evaristo: vida e obras	13
1.1.2 Olhos d'água: contos que sangram	21
1.1.3 Escrita de autoria feminina negra, no Brasil	36
1.1.4 Literatura brasileira e os personagens negros	46
CAPÍTULO 2- A CRÍTICA LITERÁRIA NA CORDA BAMBA	50
2.1 O olhar das margens: literatura, crítica literária e estudos culturais	51
2.1.2 Os estudos pós-coloniais, no Brasil.....	57
2.1.3 Identidade e resistência feminina negra na literatura negro-brasileira	60
CAPÍTULO 3- A VIDA NA CORDA BAMBA	67
3.1 A vida nas margens e a resistência do negro	68
3.1.2 O negro em Olhos d'água e a dimensão psicoafetiva da violência e do racismo	77
3.1.3 A mulher negra e o colonialismo racista	86
3.1.4 Marcas da ordem patriarcal e as dimensões do colonialismo em “Di Lixão”	94
3.1.5 A escrita de sangrar em “A gente combinamos de não morrer”	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIA	115

INTRODUÇÃO

Esta dissertação teve por objetivo analisar a vida na corda bamba: violência e criminalidade no livro *Olhos d'água* (2014), de Conceição Evaristo. Desse modo buscou-se analisar a violência e os crimes sofridos ou praticados pelos protagonistas negros nas comunidades periféricas urbanas em cinco destes contos. Para Amanda Cristine Oliveira Nascimento, em sua dissertação de mestrado, *Diálogo com o cânone na ficção de Augusta Faro* (2021), “o conto é a forma espontânea da prosa, possibilita o surgimento de uma narração fantástica ou realista pelo vínculo que possui com a cultura popular; além de possibilitar ao homem uma interpretação da sociedade a qual pertence” (NASCIMENTO, 2021, p. 09).

Os problemas de instigação desta pesquisa foram os seguintes: quais foram as formas de violências e crimes físicos ou simbólicos sofridos pelos negros protagonistas dos contos de *Olhos d'água* e como buscavam superá-los? As violências e os crimes praticados pelos negros eram como forma de demonstrar supremacia hegemônica da classe negra? Como ocorria a forma de procurar a busca pela sobrevivência na sociedade contemporânea pós-moderna com vários traços do passado patriarcal?

O tema se justifica, porque, diferentemente do cânone que estereotipou o negro na literatura, colocando somente como pano de fundo infantilizado e a mulher como erotizada, sensual, Conceição Evaristo traz esses personagens como protagonistas mesmo vivenciando as piores violências, alguns protagonistas são sujeitos praticantes, ditam as regras, subvertendo a imagem do negro na ficção canônica de subalternidade diante do racismo e do preconceito que eram subjugados no patriarcalismo brasileiro. Além disso, trata-se de uma literatura brasileira feminina negra em favor dos afrodescendentes, sobretudo, mesmo a autora colocando homens protagonistas, o seu olhar, a sua escrita é voltada à resistência e insubordinação do feminino.

Essa pesquisa é de relevância para os estudos de literatura e valorização do texto literário escrito por mulheres, porque a autora constrói personagens femininos e masculinos representativos da literatura negra brasileira que sofrem as violências e crimes no cotidiano na cidade urbana, especificamente em favelas nos morros, onde foram destinados os marginalizados após abolição da escravidão brasileira.

Dessa forma, nota-se verossimilhança dos traços patriarcais, os protagonistas negros dos contos em análise questionam o passado, duvidam do presente e carregam as incertezas

do futuro na pós-modernidade. Em alguns contos, os protagonistas foram exemplificados como lixo nesse ambiente, outros ceifaram a própria vida por insatisfação da condição de pobreza.

Com isso, realiza-se às análises a partir dos contos: “Ana Davenga”, “Duzu-Querença”, “Maria”, “Di Lixão” e “A gente combinamos de não morrer” com finalidade de averiguar e evidenciar as violências e os crimes relacionados a gênero, raça e classe. Por isso, utilizamos o tema o negro na corda bamba, visto que, no conto, “A gente combinamos de não morrer”, a narradora afirma que: “A morte incendeia a vida, como se essa estopa fosse. Molambos erigem fumaça no ar. Na lixeira, corpos são incinerados. A vida é capim, mato, lixo, é pele e cabelo” (EVARISTO, 2014, p. 99-100). Além disso, outras passagens dos contos, Evaristo faz uso desse termo.

Em *Olhos d'água*, Evaristo (2014) trouxe protagonistas que sofrem as piores violências sociais com homens, mulheres, jovens e crianças negras. Por isso, trouxe os atos de violências e de crimes sofridos pela comunidade negra nos centros urbanos e moradores de favelas das periferias urbanas. Escritora de dores humanas, realidade, dores de mulheres e homens: a autora adquire ascensão de representar as dores e crueldade de homens e mulheres. Universalização homem e mulher.

Neste cenário, os protagonistas sofreram os diversos crimes: estupro, violência doméstica, de gênero, intolerância racial, rejeição materna, violência materna, prostituição infantil, violência psicológica e moral, crimes sociais e policiais pelo fato do envolvimento da mulher negra com bandido, crimes por disputa de espaço de poder devido ao tráfico. Além dos crimes estatais, como: falta de moradia digna, falta de acesso à educação, alimentação, saúde, emprego e proteção¹, protagonistas negros, que viviam em condições de miséria social absoluta.

Alguns contos a narradora refere-se que alguns protagonistas sonham com dias melhores a partir de escolas e associações, entretanto, noutros contos os protagonistas nem sonham com dias melhores, vivem o momento, o hoje, o agora, devido às incertezas da vida em favela, consideram o viver como um pó branco que o vento transforma em fumaça.

Esses personagens protagonistas que sofrem essas mazelas sociais são jovens, crianças que perdem a vida, devido ao ambiente propício de criminalidade, como reflete o

¹ Constituição de 1988, a qual refere o artigo Art. 6º: São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, de 05.10.1988. Brasília, 1988).

conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”. A menina morre ao descer o morro em busca da irmã para descobrir o paradeiro da figurinha flor e de repente inicia-se um tiroteio no morro por disputa de poder, percebe-se de forma explícita que o irmão de Zaíta é quem estava à frente deste comando.

Além disso, este estudo se justifica, pois privilegia a escrita feminina e negra, visto que a grafia era restrita ao masculino, como afirma Constância Lima Duarte (2020) “Na contramão do memoricídio”, a mulher era descrita pelo viés do masculino, o qual considerava a figura feminina sem detenção de saberes sociológicos e científicos. Assim, a mulher era mantida em forma de casulos à espera do casamento. Entretanto, Duarte afirma que esse casulo era pertencente somente à mulher burguesa, porque cabia a mulher negra o ato de trabalhar e ceder às imposições dos patrões, em que as usavam sexualmente, muitas vezes à força.

Sobretudo, o pensamento decolonial, a influência midiática, as propagandas, os movimentos sociais negros em prol da luta feminina afrodescendente, permitiu a mulher, dos dias atuais, sofrerem duras críticas sociais e enfrentar diversos sacrifícios para adentrar ao mundo editorial. A escrita feminina negra é pior, pois há preconceito e racismo, que prevalecem arraigados na sociedade contemporânea, como argumenta Eduardo de Assis Duarte (2011) acerca da escrita negra ter alcançado notoriedade a partir de 1978, por meio da formação dos grupos negros afrodescendentes, como: o Grupo Quilombhoje, Negrícia, os quais deram visibilidade aos escritores negros invisíveis, como: Conceição Evaristo, que alcançou notoriedade a partir das publicações nos Cadernos Negros do grupo Quilombhoje. Conforme Anzaldúa (1980), existe a dificuldade até de mulheres brancas realizarem leituras de mulheres pretas.

Diversos estudiosos realizaram análises das obras e da vida de Conceição Evaristo, principalmente, no meio acadêmico, muitos trataram da violência e dos crimes sofridos pelos protagonistas negros, que se entrecruzam nesta pesquisa, à medida que se busca analisar a violência e a criminalidade. Por isso, optamos pela obra *Olhos d'água* por ser recente e carente de estudo, mas, sobretudo pelo fato de trazer um cenário de violências, crimes de forma explícita nas periferias. Concomitantemente, diversificava das demais obras da autora, porque incorpora personagens protagonistas homens, e, sujeitos que lideram.

Nesta perspectiva, averiguar e evidenciar o fato dessas violências e crimes não serem somente sofridos como praticados pelos negros. A insatisfação dos protagonistas dos contos de *Olhos d'água* por pertencer a esse ciclo de pobreza, da busca da rememoração da

ancestralidade de um passado escravo, a busca da ruptura de posição de vítima. Nessas narrativas há denunciamento das mazelas sofridas pelos negros numa sociedade machista, porém essa voz autoral que permeia, nos contos, não retira o masculino negro dessa posição, porque, conforme Duarte (2020), tanto homem branco como negro são machistas e na análise de alguns contos, no segundo capítulo desta pesquisa, como: “Ana Davenga” e “Maria” verificam-se o ar de superioridade do homem negro sobre feminino, o que dá ênfase ao tema desta pesquisa. Como também a violência exercida de mulher branca, negra sobre outra mulher, visto que a violência doméstica sofrida pela personagem Maria e a violência doméstica e exploração sexual sofrida pela protagonista Duzu-Querença foram exercidas em partes por mulheres brancas burguesas.

A dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo apresenta a vida e as obras da autora, as diversas formas de violências e crimes contra negro na periferia urbana brasileira ao contextualizar à escrita de sangrar nos quinze contos da obra. Como a pesquisa trata da literatura negra brasileira, buscamos apresentar as características dessa literatura, na visão de Proença Filho (2004), Eduardo de Assis Duarte (2014) e Bernd (1998).

No segundo, fez-se necessário uma abordagem acerca do percurso do negro na escravidão brasileira na visão de Freyre (1977, 2004). O pós abolicionismo na visão de Azevedo (2004) e Prado Júnior (1986). Apresentamos a identidade e a resistência negra, na visão de Bernd (2003); Bhabha (1998); Hall (2006), dentre outros, que foram utilizados para aporte nesta pesquisa.

No terceiro capítulo, analisamos os cinco contos: “Ana Davenga”, “Duzu-Querença”, “Maria”, “Di Lixão”, “A gente combinamos de não morrer” para evidenciar o proposto desta pesquisa, em relação a violência e a criminalidade. Ao conceituar com estudos de Freyre (1977, 2004); Azevedo (2004); Mbembe (2014); Nascimento (1978); Killomba (2019); Ribeiro (2017); Carneiro (2003), dentre outros.

Tendo em vista que o conceito de literatura negro-brasileira é recente, logo, está em processo de formação pelo fato de ser o próprio negro falando do semelhante, que foi considerado por séculos o outro do Outro ao fazer o “resgate que leva à persistente construção de uma narrativa outra, dissidente, que atravessa o tempo e se constitui ela própria como lugar de memória [...], pois que assume a perspectiva do sujeito historicamente silenciado e estigmatizado como Outro” (DUARTE, 2020, p. 81). O que torna-o sujeito histórico, identidade cultural, social, rompe com a imagem estereotipada abordada pela hegemonia canônica da branquitude, negro submisso, delinquente, infantilizado, preguiçoso

e sexualizado, como em *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado (1958), o mulato Firmo e Rita Baiana de o *Cortiço*, de Aluísio Azevedo (1890).

Nas narrativas do livro *Olhos d'água* (EVARISTO, 2014), os protagonistas, diante do sofrimento, das mazelas da miserabilidade econômica e social, do medo, ditam as regras, porque são detentores dos atos. Assim, como afirmação da escrita voltada ao olhar do feminino, nesses contos masculinos, os protagonistas morrem, enquanto as mulheres seguem resistentes às insubordinações até no momento da morte.

Por isso, Evaristo possui uma literatura engajada no feminino, de tal modo, que em uma entrevista ao Itaú Cultural afirmou utilizar poucos personagens masculinos, e, ainda, esses personagens são transformados, se humanizam e ganham sensibilidade a partir do agir, do comportamento da mulher, ao ter papel importante na trama.

Importante ressaltar que alguns autores divergem em relação ao conceito de literatura afro-brasileira² e negro-brasileira. Assim sendo, na pesquisa será utilizada os teóricos da literatura negro-brasileira³, e da afro-brasileira.

² Na literatura, por razões fundamentadas em teorias racistas, a eliminação da personagem negra passa a ser um velado código de princípios. Ou a personagem morre ou sua descendência clareia. A evolução do negro no plano ficcional só pode ocorrer no sentido de se tornar branco, pois a “afro-brasilidade” pode sobreviver sem o negro, uma vez que um afro-brasileiro pode ser um não negro, ou seja, não ser vítima da discriminação racial ou, até, ser um discriminador. [...] Denominar de afro a produção literária negro-brasileira (dos que se assumem como negros em seus textos) é projetá-la à origem continental de seus autores, deixando-a à margem da literatura brasileira, atribuindo-lhe, principalmente, uma desqualificação com base no viés da hierarquização das culturas, noção bastante disseminada na concepção de Brasil por seus intelectuais. “Afro-brasileiro” e “afrodescendente” são expressões que induzem a um discreto retorno à África, afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana. [...] um caráter compulsório, enquadrando a produção literária em seus pressupostos ideológicos. O interesse de intercâmbio econômico com os países africanos sustenta as iniciativas de intercâmbio cultural. Atrelar a literatura negro-brasileira à literatura africana teria um efeito de referendar o não questionamento da realidade brasileira por esta última. A literatura africana não combate o racismo brasileiro. [...] Afro-brasileiro, expressão cunhada para a reflexão dos estudos relativos aos traços culturais de origem africana, independeria da presença do indivíduo de pele escura, e, portanto, daquele que sofre diretamente as consequências da discriminação.

³ A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa brancura que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. Por se tratar de participação na vida nacional, o realce a essa vertente literária deve estar referenciado à sua gênese social ativa. O que há de manifestação reivindicatória apoia-se na palavra “negro”(CUTI, 2010, p. 34 – 37 – 42).

CAPÍTULO 1

O NEGRO NA CORDA BAMBA

CAPÍTULO 1- O NEGRO NA CORDA BAMBA

Neste capítulo, apresentaremos a vida e obras de Conceição Evaristo, ao contextualizar com diversas formas de violências, crimes e a escrita de sangrar nas narrativas de *Olhos d'água*. Discutiremos a escrita feminina e negra, os afrodescendentes, personagens estereotipados pela literatura canônica brasileira. Analisaremos as violências e a criminalidade, sobretudo, as criminalizações presentes nos contos, visto que esses fatores aproximam da realidade das comunidades periféricas afrodescendentes pós-escravocrata, ao tornar verossímil o negro na corda bamba, na escrevivência de *Olhos d'água*.

1.1 CONCEIÇÃO EVARISTO: vida e obras

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu, no dia 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Filha de Joana Josefina Evaristo, que era lavadeira, fonte de sustento da família, não teve muito contato com pai biológico, foi criada pela mãe e pelo padrasto Anibal Vitorino, juntamente com oito irmãos na favela Pindura Saia na Zona Sul de Belo Horizonte, vale ressaltar, que essa favela foi extinta, em 1965 e deu origem ao bairro Cruzeiro e a avenida Afonso Pena.

Cursou magistério numa escola renomada do centro de Belo Horizonte, Instituto de Educação de Minas Gerais, concluiu seus estudos aos vinte e cinco anos de idade. Sua mãe tinha esperança que o filho tenha mudança a partir dos estudos, com isso colocou os filhos mesmo longe, mas, em escola de renome, na infância frequentaram o jardim de infância Bueno Brandão e Grupo Escolar Barão do Rio Branco, escolas que atendiam à classe de alto poder aquisitivo de Belo Horizonte.

O primário, no “Apartheid⁴” escolar como afirma Conceição Evaristo pelo fato de que a escola era dividida, no andar de cima ficavam alunos considerados adiantados e com característica para representar a escola em eventos, e no andar de baixo era destinado aos alunos pobres. Após a conclusão do magistério, Conceição Evaristo não conseguiu trabalho por falta de indicação, mudou-se para Rio de Janeiro, em 1973, onde passou no concurso para professora primária, posteriormente, cursou Letras Português pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1990, e nessa mesma cidade lecionou até aposentar-se em escolas públicas.

⁴ [História] Política de discriminação racial ou separação entre a raça branca e negra, propagada por uma minoria branca, durante grande parte do século XX, na África do Sul. Tudo o que estiver relacionado com o ato de segregar, principalmente no âmbito racial. Disponível: <https://www.dicio.com.br/apartheid>. Acesso em 20/05/2022.

A escritora tornou-se mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), dissertação intitulada *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, em 1996, e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, com tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011)⁵, com a temática nos estudos acerca dos afro-brasileiros nas obras de Nei Lopes e Edmilson de Almeida Pereira em comparação ao angolano Agostinho Neto.

No entanto, Isabella Rosado Nunes revelou no ensaio, *Sobre o que nos move, sobre a vida* (2020), que Conceição Evaristo ao ter todas essas qualificações e notoriedade não chegou a ser docente universitária, exceto como palestrante convidada⁶. E, a própria escritora, em entrevista ao Itaú Cultural (2017), questionou o fato dela ter alcançado notoriedade aos setenta anos de idade. Fato esse que numa análise mais profunda pode elucidar na escrita e entrevistas orais dessa autora, o racismo e o preconceito. Assim, nessa entrevista sempre referenciando, que essa longevidade se deve ao fato do lugar de pertença ser outro da elite, porque não fazia parte do grupo favorecido.

Segundo Evaristo (2017) há um vício enganoso ao falar que a pessoa negra, e pobre ao trabalhar e estudar, conseguiria tudo, mas na opinião da autora isso não acontece, porque a maioria não consegue, continua na pobreza, um ou outro consegue. De acordo com a autora, o fato do preconceito, do racismo e do modo como os descendentes ancestrais foram largados contribuíram muito para haver essa situação que acomete até os dias atuais.

A escritora, desde cedo, sentiu na pele, a dor da fome, do morar em barraco de favela, no morro, o pânico quando chovia, trabalhou como doméstica, iniciou aos oito anos de idade para ajudar no sustento familiar, “sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência” (EVARISTO, 2021, p. 16). Contudo, a autora revela que pegava alimento nas lixeiras para matar a fome dela e da família “os restos dos ricos, lixos depositados nos latões sobre os muros ou nas calçadas, foi um modo de sobrevivência também experimentado por nós” (LITERAFRO, s/d, s/p).

Evaristo ao fazer uma comparação aos estudos do Diário de Maria Carolina de Jesus, afirma, que, na década de 60, na cidade de Belo Horizonte :

Não só o cheiro e o sabor do lixo, mas ainda, o prazer do rendimento que

⁵ Biografia de Conceição Evaristo, Literafro, o Portal da Literatura Afro-brasileira (UFMG).

⁶ Sigo impactada, até hoje, com o fato de que as universidades brasileiras, embora a convidem para muitas palestras, não a tenham em seus corpos docentes. E não se trata de olhar para o futuro ou inovar, mas de reconhecer e dar espaço para as culturas ancestrais, como as literaturas de autoria negra [...] (NUNES, 2020, p.16).

as sobras dos ricos ricos podiam nos ofertar. Carentes de coisas básicas para o dia a dia, os excedentes de uns, quase sempre construídos sobre a miséria de outros, voltavam humilhantemente para as nossas mãos. Restos⁷” (LITERAFRO, s/d, s/p).

Diante disso, a autora parte do lugar de fala para retratar o conceito de literatura negro-brasileira, como abordado por Luiz Silva Cuti no livro, *Literatura negro-brasileira* (2010), que, “os negro-brasileiros, lançaram-se a esse empenho, não por ouvir dizer, mas por sentir, por terem experimentado a discriminação em seu aprendizado” (CUTI, 2010, p. 14).

É uma escritora mineira, contemporânea, intelectual, assídua e ferrenha na luta em prol das causas que envolvem a população afrodescendente brasileira, como: a opressão e marginalização. Abordando: a miséria, fome, violência dos corpos femininos e violência e crimes urbanos dentro das favelas nos morros⁸. Por exemplo, publicou seu primeiro texto, o qual o considera como uma crônica, intitulado *Samba Favela* no jornal O Diário e numa revista de um seminário em Viamão, no Rio Grande do Sul entre (1963-1964) como recorda a autora. A partir desse texto, que surgiu o conceito de “Escrevivência”, para ela, escrevivência é uma escrita da coletividade, mesmo partindo da escrita de si, do autor, “ela abarca, colhe vidas, histórias do entorno” (EVARISTO, 2020, p. 35).

A partir da escrevivência, porque escreve(r) vivencia(s) como diz Constância Lima Duarte (2020), a escritora Conceição Evaristo afirma que escrevivência “surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre”(EVARISTO, 2020, p. 38) traz essas vozes silenciadas de personagens femininas negras e os diversos conflitos sociais e interiores sofridos pela classe afrodescendente.

Evaristo a partir de suas memórias ancestrais diaspóricas aproximam seus textos da realidade negra no cenário brasileiro, que excedem limites e tempos. Por isso, [...] “ havia o momento em que esse corpo escravizado, cerceado em suas vontades, em sua liberdade

⁷ Entrevista concedida pela escritora Conceição Evaristo ao portal Literafro da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Disponível: www.letras.ufmg.br. Acesso em 10/03/2022.

⁸ ORIGEM DO TERMO FAVELA: Durante a Guerra de Canudos, os soldados republicanos levantavam o seu acampamento em morros próximos ao local das batalhas. Um desses morros se chamava Morro da Favela, sendo que favela é o nome de uma planta típica da região dos combates. De volta da guerra e em uma situação econômica complicada devido à falta de pagamento, muitos desses soldados se instalaram em acomodações precárias no Morro da Providência, construções essas que lembravam aquelas que eles levantaram no Morro da Favela, de modo que o apelido pegou, o morro onde se instalaram ficou conhecido como Morro da Favela. A partir disso, na década de 20 do século XX, o nome favela passou a ser associado a qualquer tipo de moradia que apresente uma construção demasiadamente simples e precária. Disponível em: <https://www.meusdicionarios.com.br>. Acesso: 10/11/2023.

de calar, silenciar ou gritar, devia estar em estado de obediência para cumprir mais uma tarefa, a de “contar histórias para adormecer os da casa-grande” (EVARISTO, 2020, p. 30), e que perpetua no cotidiano em extrema intensidade. Ressalta-se, que a autora parte da escrevivência e dos textos, mas segundo ela, sua escrita não é autobiográfica, porque não são inocentes e que ela inventa sem nenhum pudor.

Conforme, Evaristo (2020), desde muito nova pratica o ato de escrever, como: redações escolares, mas seu reconhecimento na literatura acontece a partir da década de 90, quando entrou em contato com o Grupo Quilombhoje, publicando uma coletânea com seis poemas, no volume de número 13 dos cadernos negros, no qual envolve o poema “Vozes-Mulheres”. Participante ativa do grupo, inclusive alguns contos da obra analisada por nós, “Di Lixão”, “Maria” foram publicados no número 14 de cadernos negros em 1991. A partir dessas publicações, a autora ganhou engajamento nacional e internacional, com publicações na Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos da América, inclusive em 2007 seu romance *Ponciá Vicêncio* foi traduzido para inglês nesse país. Por essa razão, suas obras são dignas de estudo e pesquisas, no Brasil e no Exterior.

Vencedora de diversos prêmios literários, como: o Prêmio Jabuti pela obra *Olhos d'água* (2015), em 2017 recebeu o Prêmio Itaú Cultural de São Paulo pelos aspectos de vida e literatura de Conceição, no ano de 2018 recebeu o prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais pelo conjunto de obras, a escritora foi homenageada com Prêmio da Academia Claudine de Tencin pela tradução e publicação do livro *Olhos d'água* para francês pela Editions des Femmes.

Primeira escritora homenageada pela 6ª Olimpíada de Língua Portuguesa com o tema *O lugar onde vivo*, pelo Itaú Social. Influenciadora de projetos em 4.876 municípios brasileiros com a participação de 85.908 professores, de 42.086 escolas⁹. E, o projeto retomado pelo Itaú Cultural, em 2017, Cartas Negras, uma troca de correspondências com escritoras negras nos anos de 1990. Atualmente, Conceição Evaristo é a titular da Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência, parceria do Itaú Cultural e do Instituto dos Estudos Avançados (IEA-USP).

Possui obras traduzidas inglês e francês, além de renomado reconhecimento nos centros acadêmicos e pós-graduações. Há diversos estudos, em relação a obra dessa autora dissertações, pós-graduação, monografias de graduação que trata da opressão e a

⁹ Disponível no livro *Escrevivência: a escrita de nós*, 2020, p. 19.

marginalização da etnia negra, como: o racismo, preconceitos sociais, violências de gênero, sociais, raça e classe.

Esta pesquisa encontram amparos às dissertação de mestrado de Aline Arruda¹⁰ (2007) intitulada, *Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: Um Bildungsroman feminino e negro*. No texto a autora discute a questão da temática do romance de formação europeu por assemelhar ao Bildungsroman de Goethe, ao abordar a questão da arte, as viagens da protagonista em busca de formação, entretanto a estória romanesca do *mythos*, porque acredita-se que a escrita coloca o protagonista como herói literário. Argumenta que Ponciá ao traçar diversos obstáculos, ao percorrer viagem, família, retorna para demonstrar o caminho diaspórico vivenciado pelos antepassados na literatura e na história, mas, a protagonista acaba em busca de um reencontro consigo mesma. Depois de viver tantas frustrações, esse reencontro dá-se pelo retorno à arte, herança herdada da família, para marcar a história da protagonista e da família.

Marlei Castro Tondo¹¹ (2018) com a dissertação *A violência contra as personagens femininas nos contos de Olhos d'água da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo*, analisa a violência em seis contos e busca mostrar a violência relacionada às personagens femininas protagonistas nos centros urbanos presentes na obra. A pesquisadora discorre, que essas violências aos corpos femininos estão presentes desde o romance *Ponciá Vicêncio*, como forma de mostrar resquícios do patriarcalismo, em que o homem se achava dono do poder e da mulher. No entanto, o estudo mostra a resistência e insubmissão das personagens femininas diante do masculino.

Para Cristiane Rodrigues Antunes da Silva¹² (2017), a dissertação de mestrado *Violência contra a mulher negra: Uma leitura de Insubmissas Lágrimas de Mulheres* traz as discussões em torno da violência étnica e de gênero, mostra mulher que mesmo diante do sofrimento por parte do masculino, não abaixam a cabeça seguem erguidas e insubmissas, no final, conseguem superá-las, “as vítimas erguem-se resistentes e insubmissas às agressões preconceituosas dos homens hostis e violentos, assim como reescrevem a representação das mulheres negras resgatando suas lutas e culturas” (SILVA, 2017, p. 47).

Constância Lima Duarte (2020), pesquisadora assídua de Conceição Evaristo,

¹⁰ Dissertação orientada pelo Professor Doutor Eduardo de Assis Duarte

¹¹ Dissertação orientada pelo Professor Doutor Marcos Hidemi de Lima

¹² Dissertação orientada pelo Professor Doutor Osmar Pereira Oliva

publicou o artigo *Canção para ninar menino grande: o homem na berlinda da Escrivivência*, no livro *Escrivivência: a escrita de nós*¹³ em que ela analisa o personagem Fio Jasmim, um homem viril que usava as mulheres como forma de preenchimento de vazio dentro de si, no entanto, nunca se dava por satisfeito. Logo, esse personagem foi modificado, sensibilizado com o encontro de identidades diferentes, a personagem Eleonora Distinta de Sá.

Uma das mulheres de Fio Jasmim havia ido embora após 35 anos de encontros e desencontros, tanto tempo que a personagem chamada Tina já se encontrava aposentada. Essa partida de Tina deixou Fio Jasmim desolado diante da atitude feminina, pois acreditava que estaria sempre a sua disposição.

A personagem Eleonora Distinta de Sá faz Fio Jasmim se colocar no lugar da mulher, do sofrimento feminino, como forma de rompimento do patriarcado. Diante disso, Constância Lima Duarte reitera que o homem branco, o negro também possui atitudes machistas, “Os homens-negros ou brancos, o texto afirma, são iguais no sentimento de superioridade diante da mulher” (DUARTE, 2020, p. 140).

Eduardo de Assis Duarte pesquisador da literatura afro-brasileira e da escrita de Conceição Evaristo traz diversos ensaios, dentre eles o artigo *O Bildungsroman afro-brasileiro, de Conceição Evaristo* (2006). Nesse texto, o autor discute acerca da vida da escritora, suas dificuldades para estudar e conseguir trabalho. E a necessidade da autora em falar por si e pelos seus. Por essa razão, há alguma característica marcante dos autores “afro-brasileiros, que a partir de si constrói a imagem do seu grupo infensa aos estereótipos e empenhada em não deixar esquecer o passado de sofrimentos, mas igualmente, de resistência à opressão” (DUARTE, 2006, p. 306).

Evaristo reitera que:

Historicamente, é essa a nossa realidade, e a ficção, de certa forma, também não retira esse personagem desse lugar construído e permanente ao longo da história. Não retira, apenas denuncia. Pela construção dos personagens brancos aponta-se a prepotência, os desmandos, os privilégios do poder exercido pelas pessoas brancas sobre os não brancos (EVARISTO, 2020, p.28).

Na entrevista concedida a Nunes (2020), Conceição Evaristo afirma que constrói personagens humanas diferentemente dos outros discursos literários que as negavam, julgavam, culpabilizam ou penalizavam, porque “Uma das marcas dessas narrativas e de

¹³ Organização: Constância Lima Duarte; Isabella Rosado Nunes

toda a minha obra é uma maneira de funcionalizar a comunidade negra de uma outra forma. É uma ficção que traz personagens talvez nunca construídos da forma que construo na Literatura Brasileira” (EVARISTO, 2020, p. 40).

Em 2003, Evaristo publicou o seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*. Neste romance a narradora traz uma protagonista negra, filha de descendentes de escravos, desposuída até mesmo de sobrenome, pois carregava o sobrenome Vicêncio devido este ser o senhor dono das terras que a sua família morava e trabalhava. Presencia terríveis humilhações e sofrimentos com pais e avós após a abolição.

Seu avô Vicêncio, ao ver seus filhos serem vendidos, após a Lei de emancipação, mutila seu braço, mata sua esposa, posteriormente, suicida. Inconformada com as condições de vida, tanto dela como de sua mãe e do irmão Luandi, migra para cidade em busca de melhores condições de vida.

No entanto, Ponciá compra um barraco no morro, arruma um homem, mas não vê melhora, engravida sete vezes e sofre aborto, nessas gravidezes, agredida constantemente pelo marido, acaba na loucura. Na busca de um encontro consigo mesma, deseja voltar ao seu lugar de origem ao barro, que segundo Duarte (2020), Ponciá herdou do avô as marcas da perturbação mental pelo fato do sofrimento da protagonista.

Em (2006) publicou *Becos da Memória*, romance produzido e engavetado por quase vinte anos até a data de publicação. Nesse romance a escritora parte da ficção memorialística para reafirmar o drama sofrido pelos negros diante do desamparo perante leis estatais ao referenciar que é a escrita dela e negros. A narradora questiona o despejo e desfavelamento dos moradores do local para construção de bairro nobre.

A personagem Maria Nova mostra a dor e o sofrimento das pessoas negras e pobres ao serem retiradas dos locais, “entre a lembrança e o esquecimento, emergem os becos da infância autoral, povoados pelas vozes do testemunho, que trazem ao texto as agruras e carências de toda uma coletividade desprovida da cidadania, e logo expulsa para o bem longe daquela área e de seu entorno” (EVARISTO, 2020, p. 87).

Em (2008), a autora lança sua coletânea de poema, *Poemas de Recordação e outros Movimentos* pela editora Nandyala, relançado em 2017 pela Malê, a obra contém poemas que foram publicados nos *Cadernos Negros*, com isso esses blocos totalizaram 65 poemas, que tratava da sensibilidade e denúncias da condição do ser negro socialmente.

Também o livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), reúne treze contos femininos, que trazem depoimentos ao construir narrativas e mostrar as diversas formas de

violências sofridas pelos corpos femininos, mas essas mulheres erguem e superam, as dificuldades acometidas.

A obra *Olhos d'água* analisada foi publicada em (2014) pela editora Pallas e reúne quinze contos que abordam um cenário de violências e crimes, no contexto urbano, diariamente. E, dentro deste cenário, a escritora coloca o negro em posição de sujeito que lidera. Nessa obra, Evaristo inova, diferente das demais ao trazer homens como protagonistas, entretanto, os homens não possuem um final feliz, todos morrem. Nesse sentido, a autora afirma em entrevista ao Itaú Cultural não querer,

[...] colocar os homens só na situação de derrota ou na posição de sujeitos cruéis, em textos de minha autoria. Eles têm também histórias de dor e de suplantação dos sofrimentos. Também me incomoda a ausência de heróis negros na literatura; tenho de encontrar uma maneira de dar um protagonismo aos homens negros (EVARISTO, 2020, p. 43-44).

Assim, a escritora deixou claro que não por maldade, mas, a narradora não conseguiu criar um final feliz aos personagens masculinos.

Histórias de leves enganos e parecenças (2016) publicado pela Malê, novela ficcional, possui doze contos que concerne o mágico e o maravilhoso, tradição oral, assim, como na cultura angolana são repassadas de geração em geração a partir do ato de contar e ouvir histórias passadas que se fazem presentes na contemporaneidade, como aborda Assis Junior no texto “O segredo da Morta” no livro *A formação do romance angolano* (1999), “numa sociedade modulada pela tradição oral desse gênero tão afinado com a elaboração da escrita” (ASSIS JUNIOR in CHAVES, 1999, p. 63).

A mais recente obra da autora é *Canção para Ninar Menino Grande* (2018), traz por meio das narrativas um protagonista homem, Fio Jasmim, um macho viril que se achava o conquistador de mulheres, as usavam como objetos. O protagonista incentivado pelo fio condutor do pai e dos mais velhos, age de forma infantilizada e imatura para manutenção do poderio do masculino opressor em relação à mulher. No entanto, foi sensibilizada por Eleonora Distinta de Sá, personagem a qual gostava de outra mulher. A narrativa busca um rompimento do patriarcado ao fazer com que Fio Jasmim repense suas práticas e se coloque no lugar da dor e do sofrimento feminino ocasionado por si.

Diante dos estudos das obras de Conceição Evaristo, verifica-se que os textos e ensaios há a presença marcante das diversas formas de violências e crimes dos personagens de etnias negras, e todos os personagens são oriundos de um cenário de pobreza, tolhidos de direitos civis, violência de gênero, classe, identidade, racismo, preconceitos sociais,

intolerância racial.

Como exposto por Duarte(2020), a escritora Conceição Evaristo sofreu essas marcas excludentes sociais, na infância passou as piores mazelas, na fase adulta, como o desfavelamento de suas origens e grupos, desloca para outra cidade em busca de melhores condições de vida. A luta e a persistência para publicar seus textos. A autora em suas entrevistas aborda sobre as dificuldades em publicar suas obras, porque permanece arraigado a visão de confiança em textos masculinos, e brancos.

A literatura de Conceição Evaristo é uma literatura de denúncia dos marginalizados, pobres, especialmente, negros. Os protagonistas de *Olhos d'água* são negros, vivem os piores sofrimentos, humilhações sociais, um cenário de dor, de violência, de crimes, e, dentro das favelas, ao enfatizar essa voz autoral nas narrativas, como afirma Gomes¹⁴ “sem meias palavras, a pobreza e a violência urbana que a acometem: “ultimamente na favela tiroteios aconteciam com frequência e a qualquer hora” (GOMES in EVARISTO, 2014, p. 09).

Os protagonistas dos contos são mães solteiras, empregadas domésticas, crianças e jovens, que sofreram diversas violências como: violência doméstica, mulheres que se envolveram com bandidos, como meio de sobrevivência, estupro, envolvimento com tráfico, o descaso da igreja e do poder público. O que assemelham a dores humanas, realidade, dores de mulheres e homens – universalização homem e mulher.

1.1.2 *Olhos d'água: contos que sangram*

Na obra *Olhos d'água* (2014), o sangue se faz presente nas narrativas da coletânea, os protagonistas são imbricados simbolicamente ou fisicamente no ato do sangrar, sangue esse que ocorre tanto por tiros, balas perdidas, quanto ao referenciar o ato menstrual das protagonistas aos quatorze anos de idade. Conforme os autores, Chevalier e Gheerbrant (2001) no *Dicionário de símbolos*, “O sangue simboliza todos os valores solidários com o fogo, o calor e a vida que tenham relação com o sol. A esses valores associa-se tudo o que é belo, nobre, generoso, elevado. [...] O sangue é universalmente considerado o veículo da vida. Sangue é vida, se diz biblicamente” (CHEVALIER; GHEERBRANT 2001, p. 800).

A pesquisadora Assunção de Maria Sousa e Silva em seu ensaio *EscreVivência: itinerário de vidas e de palavras* (2020)¹⁵ na busca pela compreensão do conectivo do

¹⁴ IN: *Olhos d'água* (2014), de Conceição Evaristo, p. 09

¹⁵ IN: *Escrevivência: a escrita de nós Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (2020).

sangue na escrita evaristiana retoma os estudos teóricos do queniano Achille Mbembe e explica que essa tecitura é o que move a resistência, porque o leitor que carrega as feridas de um passado escravo que tomam conhecimento a subordinação perante o olhar da elite que os usurpam: “enquanto corpos negros atuam no narrado e no poetizado como sujeitas/os guardiãs/ãos da memória dolorida a expor as feridas que sangram; sob outra face, pela qual a escrita se materializa” (SILVA, 2020, p. 120). Percebe-se, essa é a forma de desestabilizar o que sempre foi apregoadado pela hegemonia eurocêntrica branca elitizada em que era mostrado somente um lado da história.

A partir dessa escrita o leitor é movido e o sujeito negro toma consciência de garantia dos direitos humanos: “Por isso a necessidade do fortalecimento e realinhamento perene da resistência negra, uma vez que a guerra é uma constante em situação de opressão e neocolonização ou ocupação colonial moderna”(SILVA *apud* MBEMBE, 2020, p. 119). Esses atos perpetuam, porque a legitimação da elite perante ao Estado se dá de forma violenta. Conforme Silva, por isso a resistência exige do negro a resistência perante ao comando dos que querem decidir.

Para Silva, talvez seria essa a razão do sabor de sangue na escrita de Conceição Evaristo, porque a partir dos atos conflitantes e de violência fulcral da subordinação, “esse estrato social expõe a realidade da nação oficializada em que excluídos e marginalizados histórico-social e culturalmente têm sua condição de sujeitos usurpada”(SILVA, 2020, p. 120).

Um passado de opressão, em que o negro era produto do Outro. A narradora de Conceição Evaristo reafirma com a personagem Bica que: “Escrever é uma maneira de sangrar. Acrescento: e de muito sangrar, muito e muito...”(EVARISTO, 2014, p. 109). Nesse sentido, só a escrita colocará o negro em lugar de ascensão social. Além disso, a escritora Conceição Evaristo em entrevista afirma que a ferida do passado ainda sangra na sociedade brasileira em relação a comunidade negra que continuam na miséria, dívida que o Brasil não quitou com os afrodescendentes.

Eduardo de Assis Duarte, no artigo, *Escrevivência, Quilombolismo e a tradição da escrita afrodiaspórica* (2020), diz que essa escrita de sangue da escritora Conceição Evaristo é uma forma de “marcar as águas do Atlântico Negro com a memória do sangue despejado dos tumbeiros ao longo dos séculos” (DUARTE, 2020, p. 81). Para o autor, essa é a marca dos autores negros brasileiros desde Maria Firmina dos Reis, em 1859, ao afirmar o Quilombolismo coletivo que figura desde a escravidão, como processo de fuga dos

sofrimentos dos povos negros. A escrita quilombolista de Conceição Evaristo, segundo Duarte reafirma:

Diferentemente do que muitas vezes se lê e tantos mais, o brutalismo que percorre as histórias da escritora, tem como centro a vítima, não o agressor. Distante da reitificação tarantinesca incensada pela indústria do entretenimento, o que sangra em seus textos é a humanidade atingida pela indiferença para com o negro vilipendiado como indesejável-espécie de figura “diferenciada” e incômoda, na vida real cotidianamente suprimida da paisagem pela eliminação pura e simples, conforme apontam as estatísticas da violência no Brasil (DUARTE, 2020, p. 85).

Diante disso, entende-se que essas problemáticas prevalecem até a atualidade, porém “o quilombo literário de agora resiste tendo nas mãos o livro – utopia da palavra poética como instrumento de identificação, a inquietar mentes e corações no processo de construção de si mesmos enquanto negros” (DUARTE *apud* NASCIMENTO, 2020, p. 80). Nesse novo processo decolonial, a escrevivência de Conceição Evaristo, o negro reage, porque contra-ataca e a vítima clama por reconhecimento e caráter individual. Com isso, o brutalismo ocorre no momento da dor, do medo em que é reivindicada a condição humana social.

De acordo com Silva, a carne negra é a mais barata do mercado, atualmente, não é mais, porque a escrita de resistência, como Conceição Evaristo de um passado opressor, o leitor é levado à reflexão e descolonização da mente, conseqüentemente, a expurgação do “tóxico visceral a fim de reconstruir outros modos de fala e visões de mundo”(SILVA, 2020, p. 121).

Para Cristina ferreira Pinto-Bailey (2021), em seu artigo *Escrevivência, testemunho e direitos humanos em Olhos d’água de Conceição Evaristo*, os contos da obra *Olhos d’água* (2014), de Conceição Evaristo são reivindicações dos protagonistas negros por seus direitos humanos, porque:

Os contos de Evaristo compartilham com a literatura dos direitos humanos elementos de denúncia, resistência e esperança, colocando-se em contraposição à cumplicidade da sociedade hegemônica, que permanece calada – seja por medo, indiferença ou ideologia – diante de uma situação de crise, qual seja, de violação dos direitos humanos dos afro-brasileiros. Os contos de *Olhos d’água* podem ser entendidos como literatura testemunhal ao unirem a memória ancestral afro-brasileira a micro-histórias, isto é, histórias pessoais cuja perspectiva particular incide sobre a história nacional (PINTO-BAILEY, 2021, p. 10).

Dessa forma, verifica-se que a escrita evaristiana é crucial na busca de uma identidade própria com direitos iguais na sociedade brasileira. Na obra *Olhos d’água*,

fisicamente ou com traços de memória, a escritora critica o cânone literário, inclusive pela falta da presença materna feminina negra na literatura ocidental. Outra marca imprescindível nos contos feminino é a presença do ato menstrual das meninas.

Como explica a pesquisadora Silvia Fávero Arend, no artigo, *Meninas: trabalho, escola e lazer* (2013), que as meninas da elite até o século XX o sangue menstrual simbolizava a preparação ao matrimônio, conseqüentemente, o ato de ser mãe. No entanto, para as meninas pobres e escravas esse ciclo menstrual servia de violências, porque eram violentadas pelos patrões, parentes próximos, e até mesmo pelos próprios pais. Sobretudo, essa situação se faz presente no cenário atual da sociedade brasileira.

Evaristo no ensaio *Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face* (2005)¹⁶ afirma essa valorização da mulher negra e mãe por meio da escrita, porque segundo a autora, o modelo de mãe, na literatura brasileira, eurocêntrica era a visão de “Maria”, pura, santíssima que receberia a salvação pelo ato da maternidade. Enquanto, a mulher negra era considerada “Eva” a maléfica, impura e representava o mal. Nessa perspectiva sua escrita encaixa nos parâmetros da literatura negro-brasileira, “do sussurro ao grito, vem alertando para isso, ao buscar seus próprios recursos formais e sugerir a necessidade de mudança de paradigmas estético-ideológicos” (CUTI, 2010, p. 13).

Para que o leitor melhor depreenda esse sangue neste trabalho, apresenta-se os contos que compõem a obra *Olhos d’água*, antes da análise dos cinco contos que faremos a discussão, no terceiro capítulo desta pesquisa. Essa apresentação se dá de forma sucinta para que a pesquisa não se torne exaustiva.

O sangramento nos contos depreende desde o título, porque é uma obra que traz as mazelas, os crimes com negros nas periferias urbanas. E, a sua grafia ficcional é uma escrita que denuncia a crueldade da violência com os negro-brasileiros, num espaço de exclusão, nesse caso urbano, especificamente nas periferias.

Quando a escritora se utiliza da imagem ocular (olho) e d’água (correnteza) as lágrimas de uma (mãe), o leitor já depara com sofrimento, e dor de alguém. No entanto, Chevalier e Gheerbrant afirmaram que a água é o símbolo da vida, mas, pode referir às “grandes calamidades” (CHEVALLIER; GHEERBRANT, 2001, p. 19). Além do título, o

¹⁶ 1 Texto apresentado na mesa de escritoras convidadas do Seminário Nacional X Mulher e Literatura – I Seminário Internacional Mulher e Literatura/ UFPB – 2003 2 Texto publicado em *Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora*, Nadilza Martins de Barros Moreira & Liane Schneider (orgs), João Pessoa, UFPB, Idéia/Editora Universitária, 2005.

conto de abertura no interior do livro é intitulado justamente “Olhos d’ água” e traz essa metáfora do olhar de uma mãe. Pela análise do conto, a voz narrativa mescla com voz autoral, pelas características da infância e juventude da escritora Conceição Evaristo junto a sua mãe e seus parentes.

De acordo com Pinto-Bailey¹⁷ “Olhos d’ água é a presença do tropo olhos em toda sua riqueza metafórica: olhos d’ água, minadouro, nascente de água, origem, raiz, mas também espelho, reflexo, visão, olhar e lágrimas” (PINTO-BAILEY, 2021, p. 13). Os protagonistas dos contos femininos, masculinos e infantis vivem em meio às violências e à criminalidade, e, alguns contos os protagonistas compactuam como sujeitos que lideram esses crimes dentro das favelas, local onde há a maior vulnerabilidade, devido à marginalização e ao desamparo que assolam os personagens de *olhos d’ água*. Essa palavra que dá ideia de nascente, de uma fonte de água corrente em extensão, uma bica de um telhado:

Este é um leitmotiv que acentua certos temas recorrentes nestes contos, tais como as origens e ancestralidade das personagens; suas raízes ou seu desenraizamento; o deslocamento do sujeito; a oposição entre a identidade do Eu e as máscaras sociais, entre outros. Estes temas, tais como explorados nestes relatos, estão profundamente ligados às experiências de violência, carência e vulnerabilidade vividas pelas personagens, as quais representam breves quadros da situação de crise e conflito enfrentada pela população afro-brasileira hoje (PINTO-BAILEY, 2021, p. 13).

A citação revela o que repercutem desde a formação social brasileira, características semelhantes com o conto de abertura do livro como já citado acima, “Olhos d’ água”. Nele não há o nome da protagonista, assim, como acontece nos outros contos da coletânea que o nome da protagonista da trama é o título do conto.

A violência é desencadeada na vida de uma filha, que depois de anos que havia partido da cidade natal, em busca de melhores condições de vida, acorda e desesperadamente, busca recordar: “De que cor eram os olhos de minha mãe”? (EVARISTO, 2014, p. s/n). E, narra que:

Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todos os nossos ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com suas próprias mãos, palavras e

¹⁷ Publicado: Rev. Bra. Lit. Comp., Porto Alegre, v. 23, n. 43, p. 8-19, mai.-ago., 2021. doi: <https://doi.org/10.1590/2596-304x20212343cfpb>.

sangue (EVARISTO, 2014, p. 18).

Percebe-se que a narradora expõe esse sofrimento, o fato de ter deixado os familiares e faz referência ao sangrar dos povos africanos. A metáfora do olhar da mãe percorre a trama, pois é esse olhar que torna o termo gerador conflitante do conto. O único conto do *corpus* que é narrado na primeira pessoa do singular, narrador autodiegético e há uma mistura de tempo psicológico e cronológico, em que todo momento a voz autoral retoma fatos do passado e a busca de resolução no presente:

Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida (EVARISTO, 2014, p. 16).

Nota-se o desespero por meios básicos de sobrevivência, a qual a mãe para ludibriar a fome das filhas, brincava de pegar nuvens como se fosse algodão doce, conforme Lívia Natália, no ensaio, *Intelectuais escrevientes: enegrecendo os estudos literários* (2020), um sujeito negro falar em primeira pessoa, “é afirmar-se enquanto corte, enquanto diferença inegociável, disparando, assim, a possibilidade de ser tornado inviável, uma vez que a afirmação positivada da negritude é algo não programado pelo pensamento colonial” (NATÁLIA, 2020, p.211). No conto, a narradora fala sobre momentos de tensão de quando chovia:

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós (EVARISTO, 2014, p. 17).

Vale salientar que Santa Bárbara é a santa das matrizes africanas na religião afro-brasileira. O conto permeia entre passado e presente, como um *flashback*¹⁸, diante do descontentamento por não se lembrar de uma marca tão importante da vida, assim a protagonista decide retornar a sua cidade para redescobrir a cor dos olhos de sua mãe, “Assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivi a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos orixás deveria ser a descoberta da cor dos olhos de minha mãe”

¹⁸ Flashback (também chamado de analepsis; plural, analepses) é uma interrupção na sequência temporal de um filme, narrativa ou peça de teatro, que leva a narrativa de volta no tempo a partir do ponto em que a história chegou, a fim de apresentar o relato de eventos passados. (recantodasletras.com.br). Acesso: 14/03/2023.

(EVARISTO, 2014, p. 18).

Entretanto, a voz narradora no conto diz que:

Quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que o vi? Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d' água. Águas de mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície (EVARISTO, 2014, p. 18-19).

No exposto é visível a sensação de retorno aos seus, a alegria do encontro, enfatiza a importância das mulheres nesse processo, pois no patriarcado elas lutaram em prol dos seus, como expõe June E. Hahner, no artigo, *Mulheres da elite: honra e distinção das famílias* (2013), que as mulheres foram fundamentais acerca da libertação do grupo étnico.

Nos demais contos de *Olhos d'água* (2014), é visível as narrativas que sangram devido a extremidade das violências e da criminalidade, como exposto nos contos, “Ana Davenga” e “Maria”, duas mulheres pretas, moradoras de favela e que têm a vida ceifadas somente pelo fato de relacionarem com homens envolvidos em quadrilhas. O desfecho trágico desses dois contos retrata a violência urbana pelo fato do racismo e do preconceito.

No conto Duzu-Querença, vemos uma criança que foi à cidade pelos pais para trabalhar de doméstica, e, estudar. Os pais da menina na esperança de um futuro diferente da profissão de pescador, levaram a criança para morar e trabalhar de doméstica, e assim estudar, mas, a menina acabara num prostíbulo e inicia a prostituição ainda criança. Não teve estudo como foi combinado ao pai de Duzu pela dona do prostíbulo, dona Esmeraldina, sendo explorada até o fim da vida.

Outro conto que sangra é “Quantos filhos Natalina teve”, uma adolescente que engravidara e no desespero da mãe, porque aumentaria mais uma boca à casa, sugere levar a menina para realizar o aborto. A personagem que ouvia sempre falar que a mulher a qual realizava esse procedimento comia o feto, devido a esse medo foge sem rumo nem destino certo e doa o bebê quando nasce para uma enfermeira. Com o passar do tempo, conhece outro homem, engravida novamente, o namorado Tonho e pai da criança ficou feliz, queria assumir Natalina e o filho, mas: “Ela não queria ficar com ninguém. Não queria família alguma. Não queria filho” (EVARISTO, 2014, p. 46).

Posteriormente, submete a uma barriga de aluguel para ajudar a sua patroa, a narrativa destaca que tanto Natalina quanto a patroa tinham características parecidas no tom

da pele, o que configura a relação de laços de irmandade entre as mulheres negras. Após o nascimento da criança, entrega-o aos patrões e retorna ao seu local de origem na favela, localizada no morro, entretanto é levada pelos bandidos que estavam à procura do irmão da personagem, é estuprada, nesse momento, mata o estuprador.

Ao descobrir a gravidez desse ato perverso e cruel, fica feliz, pois na sua convicção, é a única gravidez que não depende de laços afetivos: “Estava ansiosa para olhar aquele filho e não ver a marca de ninguém, talvez nem dela. [...] Um filho que fora concebido nos frágeis limites da vida e da morte” (EVARISTO, 2014, p.50). Esse conto retrata a violência feminina e a exploração do corpo feminino negro pelo masculino, como também pelo feminino, visto que a atitude da patroa diante do medo de perder o companheiro, foi de expor o corpo de Natalina como objeto de procriação de filho para satisfação do ego do casal.

O conto “Beijo na Face” e “Luamanda” refletem de forma explícita a violência doméstica urbana originada pelo poderio do masculino sobre o feminino. Duas mulheres pretas, que vivem as piores perversidades, a protagonista Salinda vivia presa, vigiada pelo esposo, ameaçada o tempo todo, porque estava:

Acostumada ao amor em que tudo ou quase tudo pode ser gritado, exibido aos aos quatro ventos, salinda perdeu o chão. [...] Aos poucos, as ameaças feitas pelo marido, as mais diversificadas e cruéis, foram surgindo. Tomar as crianças, matá-la ou suicidar-se deixando uma carta culpando-a. Salinda, por isso, vinha há anos adiando um rompimento definitivo com ele (EVARISTO, 2014, p. 52-53).

Por medo de perder as crianças, a protagonista prefere se sujeitar às humilhações cotidianamente. A personagem intertextualiza com Luamanda, personagem do conto “Luamanda”, a qual teve a vagina perfurada pelo ex-companheiro por não aceitar o fim do relacionamento: “A vagina ensanguentada, perfurada, violada por um fino espeto, arma covarde de um desesperado homem, que não soubera entender a solidão da hora da partida” (EVARISTO, 2014, p. 62). Duas personagens fortes, que mesmo diante dessas violências erguem a cabeça e lutam por um novo amor, sensível, compreensivo. Salinda encontrou esse amor puro nos braços de outra mulher, e Luamanda é a renovação do novo sempre.

Nesses dois contos, Evaristo constrói personagens negras, fortes, guerreiras e subservientes, diferentemente do que era visto na literatura do cânone brasileiro branco. Pois, as mulheres negras como destaca Djamilia Ribeiro, no livro, *Feminismos – plurais: O que é lugar de fala?* (2017) sempre lutaram, trabalharam para dar o sustento à família,

porém, elas não eram amparadas por lei alguma. Porque os arranjos das leis brasileira herdada de Portugal fizeram da mulher negra esse ser nada ser e a branquitude achou dono desse corpo para exploração do trabalho e do sexo, como refere Abdias do Nascimento (1978), que:

O Brasil herdou de Portugal a estrutura patriarcal de família e o preço dessa herança foi pago pela mulher negra, não só durante a escravidão. Ainda nos dias de hoje, a mulher negra, por causa da sua condição de pobreza, ausência de status social, e total desamparo, continua a vítima fácil, vulnerável a qualquer agressão sexual do branco. Este fato foi corajosa e publicamente denunciado no Manifesto das Mulheres Negras, apresentado ao Congresso das Mulheres Brasileiras realizado na Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro, em 2 de Julho de 1975... as mulheres negras brasileiras receberam uma herança cruel: ser o objeto de prazer dos colonizadores. O fruto deste covarde cruzamento de sangue é o que agora é aclamado e proclamado como o único produto nacional que merece ser exportado: a mulata brasileira. Mas se a qualidade do produto é dita ser alta, o tratamento que ela recebe é extremamente degradante, sujo e desrespeitoso (NASCIMENTO, 1978, p. 61-62).

Como comprova o fragmento, a mulher negra foi abusada integralmente, covardemente, uma atrocidade psíquica para satisfação e manutenção da riqueza da elite branca brasileira, essas pessoas foram raptadas da África, regiões de Moçambique, Congo, Angola e da África Central, transportadas para uso da elite brasileira durante a escravidão. Nota-se que com o fim da escravidão, essas mulheres ficaram vulneráveis devido às imposições do capitalismo elitizado, que as excluía do mercado de trabalho.

O sangrar é visível também no conto “O Cooper de Cida”, Evaristo cria uma protagonista que vive em função do trabalho:

Em casa, corria ao banho, ao quarto, à sala, à cozinha. Fervia o leite, arrumava a mesa, voltava ao quarto, avançava sobre o guarda-roupa e atracava-se ao uniforme de trabalho; logo depois já estava na sala fechando a porta e indo. Voava pelas escadas, pois o elevador era lento e no constante *cooper* ganhava a rua. Corria sobre a corda bamba, invisível e opressora do tempo. Era preciso avançar sempre e sempre (EVARISTO, 2014, p.66).

Nesse avançar a protagonista Cida não tinha tempo para si mesma, morava na cidade do Rio de Janeiro. Entretanto, nunca entrara na praia. A narradora ao utilizar o termo caleidoscópio nesse conto mostra o processo acelerado das mulheres, a sobrecarga numa sociedade capitalista moderna. Aos vinte e nove anos a protagonista estava se sentindo cansada.

A personagem ao observar um homem tranquilamente de manhã ao tomar banho na praia, coloca em choque os dois gêneros acerca da situação econômica: “Como uma pessoa,

em plena terça-feira às seis e cinquenta e cinco da manhã, podia estar tão tranquilamente brincando no mar? Deveria ser extremamente rico. Ou viver de juros”. (EVARISTO, 2014, p. 68). Nesse momento, a personagem reflete sobre a sua vida e então se dá conta de que “era uma mulher e não uma máquina desenfreada, louca, programada para correr correr” (EVARISTO, 2014, p. 68). Neste conto é traçado o papel da mulher negra e pobre na sociedade, a sobrecarga para conquistar algo, exigia abrir mão de si mesma para dar conta das atividades impostas, configurando a relação de gênero, classe e raça.

Ademais, a violência e a criminalidade no morro se fazem presentes também no conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, como afirma a narradora: “nos últimos tempos na favela, os tiroteios aconteciam com frequência e a qualquer hora. Os componentes dos grupos rivais brigavam para garantir seus espaços e freguesias. Havia ainda o confronto constante com os policiais que invadiam a área” (EVARISTO, 2014, p. 76). Além disso, neste conto é desencadeada a violência materna pelo fato do cansaço e da vida de pobreza que a mãe das gêmeas levava.

O pouco mantimento nas latas, a violência devido à insatisfação do irmão mais novo que via a sua família trabalhar muito e não ter dinheiro algum, o irmão mais velho estava no exército, no entanto, não tinha dinheiro, via o pai morrer de trabalhar na profissão de pedreiro e nunca retornava para casa com o bolso cheio. Ao ver a possibilidade de mudança satisfatória, o jovem parte para atividades ilegais: “O irmão de Zaíta liderava o grupo mais novo, entretanto o mais armado. A área perto de sua casa ele queria só para si. O barulho seco de balas se misturava à algazarra infantil” (EVARISTO, 2014, p. 76). No final da narrativa, há a violência de sangrar com a morte da personagem Zaíta, que em meio a um tiroteio tem o seu corpo todo perfurado por balas perdidas.

Estas violências e criminalidade permeiam nos demais contos da coletânea, como o menino “Di Lixão”, nesse conto a autora cria um protagonista jovem que vive nas ruas e sofre terrivelmente com um tumor bucal. O protagonista teve a mãe assassinada, entretanto, carrega dentro de si um ódio materno devido aos castigos excessivos que a mãe o colocava, com isso, faz referência à mãe como puta safada.

A violência por falta de amparo social, educação, meios básicos de sobrevivência é visto no conto “Lumbiá”, um menino que vendia balas e chicletes nas ruas para ajudar no sustento da família. Posteriormente, Lumbiá passa a vender flores por achar mais rentável. O protagonista que adorava presépio natalino por trazer características da família de pobreza “A casinha simples e a caminha de palha do Deus-menino, pobre; só faltava ser

negro como ele” (EVARISTO, 2014, p. 84).

Entretanto, o protagonista Lumbiá fica sabendo que uma loja tradicional por nome Casarão Iluminado ia montar um presépio e seria o mais belo. Porém, as crianças não entravam sozinhas, e a mãe de Lumbiá não podia levá-lo. O desfecho desse conto acontece de forma violenta, à medida que o personagem passa o dia em frente a loja, toma chuva, tremia de febre, mas permanecia ali na tentativa de ver o Deus-menino belo, como todos estavam comentando.

À noite, quando a loja estava fechando, Lumbia aproveita o descuido dos seguranças, e enfim conseguiu entrar na loja: “Lá estava o Deus-menino de braços abertos. Nu, pobre, vazio e friorento como ele. Nem as luzes da loja, nem as falsas estrelas conseguiam esconder a sua pobreza e solidão” (EVARISTO, 2014, p. 85). Nesse momento, o protagonista vê as características do Deus-menino à sua semelhança, o considera seu. Apanha o Deus-menino sai correndo e sem perceber que o sinal havia fechado, morre ali mesmo, atropelado por um carro: “O sinal! O carro! Lumbiá! Pivete! Criança! Erê. Jesus Menino. Amassados, massacrados, quebrados! Deus-menino, Lumbiá morreu!” (EVARISTO, 2014, p. 86).

Neste conto é configurado o dia a dia de muitas crianças afrodescendentes nas ruas das cidades brasileiras, ao vender balas ou outros objetos. Proibidas de entrar em estabelecimentos requintados, crianças consideradas farrapos humanos como acentua Achille Mbembe, no livro, *Crítica da razão negra* (2014).

Nos contos “Kimbá” e “Ei, Ardoca” também há intertextualidade ao referir-se às formas de violências. Os protagonistas desses contos estão insatisfeitos com o cenário de pobreza que os assola. O protagonista Kimbá recebeu este apelido de um amigo rico, o personagem Gustavo, que viu em Zezinho as características de um amigo da Nigéria. Zezinho (Kimbá) era morador do morro na favela, pobre, negro, que: “Detestava a pobreza, a falta de conforto, a fossa exalando o cheiro de merda. Detestava o rosto lavado no tanque, o café no copo vazio que antes fora de geleia de mocotó, o pão comprado ali mesmo na tendinha” (EVARISTO, 2014, p.89).

O personagem Ardoca, como afirma a narradora “Assistiu inúmeras vezes, como testemunha cega e muda, a assaltos, assassinatos, tráfico e uso de droga nos vagões superlotados” (EVARISTO, 2014, p. 96). Com isso, o personagem Kimbá na esperança de mudança tem um envolvimento amoroso com os amigos que conhecera Beth e Gustavo, entretanto, percebe que estava sendo usado pelos dois como objeto sexual, porque conforme

a narradora: “Beth tinha dinheiro. O amigo, dinheiro e fama. Kimbá, a noite e o dia” (EVARISTO, 2014, p. 94).

Além de ricos, a narradora revela que Kimbá após relações sexuais faz suas próprias comparações: “Comparou o negrume de seu corpo com a alvura dos corpos dos dois. Achou tudo muito bonito” (EVARISTO, 2014, p. 90). Beth e Gustavo propuseram a Kimbá dar-lhe de tudo, caso viesse a deixar a favela e ir morar consigos, mas Kimbá se revoltou, pois não suportava ter que dar e receber carinho, preferia ficar com Beth sozinho. Mas como escolher não seria possível, preferiu selar o pacto de amor entre os três com a morte: “A morte selaria o pacto de amor entre eles. A morte pelo amor dos três” (EVARISTO, 2014, p. 94).

O fim é trágico, pois Kimbá diante desse triângulo amoroso decide matar Beth e Gustavo, em seguida suicida. O protagonista Ardoca diante da insatisfação e do sofrimento diário por mais de trinta anos, se mata, mesmo após a morte tem todos os seus pertences roubados, e nenhum amparo assistencial é prestado ao protagonista que estava dentro do vagão do trem lotado.

O penúltimo conto da coletânea é “a gente combinamos de não morrer”, nele a autora coloca diversas vozes no discurso, e há representação da violência e da criminalidade exposta num ambiente marginalizado, dominado pelo comércio ilegal de drogas entre rivais. O desfecho desse conto é trágico, porque mesmo os amigos ao fazer um pacto de não morrer acabam por morrer numa dívida do tráfico de drogas.

O último conto da coletânea é “Ayoluwa, a alegria do nosso povo”, neste conto é narrado o sofrimento dos povos negros, que não viam saída, não produzia, não nascia, falta de água, alimentos, doenças, como argumenta a narradora:

Há muito que em nossa vida tudo é pitimbrado. Os nossos dias passavam como um café sambango, ralo, frio e sem gosto. Cada dia era sem quê nem porquê. E nós ali amolecidos, sem sustância alguma para aprumar o nosso corpo. Repito: tudo era uma pitimba só. Escassez de tudo. Até a natureza minguava e nos confundia. (EVARISTO, 2014, p. 111).

Nota no excerto o desamparo, a carência de meios de sobrevivência na vida dos personagens negros. A narrativa revela que tais problemáticas levaram alguns personagens a tirar a própria vida, matavam uns aos outros, devido à falta de credibilidade, de confiar que haveria alguma esperança, porque sofriam há muito tempo.

Entretanto, a narradora afirma que no meio dessa turbulência, eis que, a personagem Bamidele engravidou e nasceu uma menina para amenizar as dores dos afros

que não mais viam valor na vida. Como afirma a narradora:

Ayoluwa, alegria de nosso povo, continua entre nós, ela veio não com a promessa da salvação, mas também não veio para morrer na cruz. Não digo que esse mundo desconsertado já se consertou. Mas Ayoluwa, alegria de nosso povo e sua mãe, Bamidele, a esperança, continuam fermentando o pão nosso de cada dia. E quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução (EVARISTO, 2014, p. 114).

A citação explicita muito bem acerca da escrita evaristiana, a fortaleza e a resistência do feminino diante da adversidade e perversidade, o que configura com o processo feminino no patriarcado, como aborda Célia Maria Marinho de Azevedo, no livro, *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX* (2004), que diante da incerteza do masculino, que vivia na embriaguez, na pós-abolição, muitas mulheres negras foram à luta para manter suas famílias.

Características marcantes da autora, que diz ter como exemplo de vida essas mulheres fortes, guerreiras e persistentes, “na corda bamba da vida. Foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita” (EVARISTO, 2020, p. 49-50). Por isso, é importante salientar que os contos que sangram, são carentes de estudos mais aprofundados.

Diante disso, a escrivência de Conceição Evaristo encontra amparo nas teorias de Massaud Moisés, no livro, *A criação literária: prosa 1* (2006) acerca do conto, segundo esse autor, o contista age como o “símile” da “fotografia” ao obter um flagrante da realidade, transfere “em palavras a intriga condensada, aparentemente estática, da fotografia” (MOISÉS, 2006, p. 65).

Em relação ao narrador, sua escrita ganha amparo às teorias de Walter Benjamin, no livro, *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (1994), acerca do fim da arte de narrar e da valorização da oralidade: “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1994, p. 198). Conforme o autor, esse narrador parte da experiência ou das retratadas de outros e assim tece as narrativas, de acordo aos fatos ouvidos.

No livro *Olhos d'água* (2014), o narrador é heterodiegético, existe uma voz narradora que relata os acontecimentos na terceira pessoa do singular. Entretanto, na obra, tem dois contos que se distinguem dos demais, “A gente combinamos de não morrer” que

há mistura, tanto de primeira pessoa do singular como na terceira pessoa e o conto “Olhos d’ água”. Nos demais contos, o tempo mescla psicológico e cronológico, permeia entre passado e presente, as narrativas são lineares, além disso, os personagens têm atitudes diferenciadas em cada conto, entretanto, a violência e o crime ocorrem devido à inserção dos personagens à situação de marginalização (ambiente) e pobreza (econômica) que estavam inseridos.

Na estrutura dos contos de *Olhos d’ água* (2014), o leitor depara com situação inicial em que o protagonista é apresentado, no momento tenso de decadência, caminhando para haver o desfecho trágico na trama. Entretanto, a partir desse momento, o leitor é conduzido a acompanhar o que ocasionou tal sofrimento perverso na vida do protagonista, fase de tensão da trama. Os fatos retomam passado e presente do personagem, elucidando as atitudes passivas e ou violentas perante os fatos, tanto pelo social estrutural branco, como pelo negro. No desfecho dos contos, é retomada a situação inicial, porque há a realização do conflito, na maioria das vezes de forma trágica e violenta.

Há em todos os contos do *corpus* uma voz materna de forma presencial ou psicológica que dá conselhos, que canta como forma de incomodar os pensamentos contrários do filho, ou está à assistir uma novela como forma de mostrá-los os dois mundos: ricos e pobre, como ocorre nos contos masculinos da coletânea, que mostraremos nas análises adiante. Essa voz que impregna ruptura com o passado patriarcal, que tem esperança do novo a partir dos estudos, das associações, principalmente, no que refere ao feminino.

Outra característica marcante é da avó, uma pessoa mais velha que lhe aconselha que está sempre a rezar o terço, para pedir proteção. O que ganha amparo nos estudos de Benjamin (1994), ao discorrer que o narrador figura entre os mestres e os sábios. Por isso:

Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida (BENJAMIN, 1994, p. 221).

O fragmento comprova a atitude desses sábios em *Olhos d’ água* ao fazer referência à avó de Kimbá: Lidumira, a qual era descendente dos escravos e rezava incansavelmente: “Zezinho gostava de jogar capoeira. Vovó Lidumira pegava o rosário e ficava rezando-

rezando, enquanto ele atacava um inimigo imaginário. Ela rezava pedindo à Senhora do Rosário que protegesse o menino” (EVARISTO, 2016, p. 89).

Neste livro, o número de personagens dos contos é reduzido, porque as narrativas são curtas. No discurso, vemos o uso na maioria das vezes de recursos indiretos e diretos, os personagens utilizam da linguagem coloquial e diversos usos de gírias, características de grupos marginalizados, nesses diálogos a narradora não faz uso de travessões, o que rompe com o modelo de formalidade. Entretanto no *corpus*, há um conto mais extenso, “A gente combinamos de não morrer”, as cenas acontecem em forma de um texto dramático, cada personagem possui fala, nesse conto, vemos a mistura de diálogos diretos e indiretos, como uma única peça em que estão envolvidos ao drama.

Nesse conto, a autora traz uma menina de quatorze anos, que é mãe e companheira de Dorvi, fala pouco, prefere transferir o silêncio à escrita nos momentos de dor, “Eu, Bica, sei um pouco do segredo. Um pouco do saber basta. O saber compromete, penso eu. [...] A palavra que não se escreve, pois escrita está na palma e na alma de cada um” (EVARISTO, 2014, p. 102).

De acordo com Eduardo de Assis Duarte (2014), essa é uma característica da autora, para chamar a atenção da leitora feminina em escrever os seus textos, contar suas histórias, Evaristo em entrevista (2017) afirma que a única forma de mudar a hegemonia é a escrita, pois palavras proferidas o vento leva e a escrita permanece em algum lugar.

A arte de contar de Conceição Evaristo ganha amparo nos conceitos teóricos de Moisés (2006), conforme o autor, o conto é uma narrativa dramática, nele ocorre somente um drama, um conflito com sequência dos atos dos protagonistas, tanto externos no espaço e tempo e interno ao envolver a mente.

Benjamin (1994) corrobora que “a morte é a sanção de tudo o que o narrador pode contar. É da morte que ele deriva sua autoridade” (BENJAMIN, 1994, 208). Na narrativa de *Olhos d’água* (2014), esses traços são visíveis nos contos, porque busca desconstruir a visão estereotipada do negro na literatura brasileira canônica. Outro fato visível no *corpus* é o diálogo interior (monólogo) apregoadado por Moisés (2006).

Esse diálogo seria a ação psíquica dos personagens, como verificado no pensamento da personagem Zaíta, que: “A menina se lembrou da mãe e da raiva que ela devia estar” (EVARISTO, 2014, p.74). Segundo Moisés, o conto, na maioria das vezes, segue “as batidas do relógio ou as marcas do calendário” (MOISÉS, 2006, p.66), com isso o leitor insere na cena. Isso posto, na escrita de Conceição Evaristo verifica a verossimilhança,

como neste trecho da fala de Lumbiá, que “O dia caminhava para seis da tarde, vinte e três de dezembro” (EVARISTO, 2014, p. 85).

Contudo, os contos de Conceição evaristo são entendido como uma forma de denunciar as opressões, o racismo, o preconceito, a exclusão, a pobreza, como argumenta, Pinto-Bailey que:

O contexto retratado nos contos de Olhos d'água e em toda a obra da autora nação – golpe de estado, ditadura, repressão política – mas sim de estruturas sociais calcadas no legado da escravidão e sustentadas pela aquiescência de nossas instituições públicas e pelo nosso silêncio, ou seja, nossa cumplicidade como cidadãos “brancos.” (PINTO, 2021, p. 11).

Assim, como vemos na citação acima, os personagens são negro-brasileiros que trazem impregnadas as marcas da exclusão, devido aos resquícios patriarcais da escravidão brasileira. Evaristo em entrevista ao Itaú Cultural (2017) deixou claro o fato do racismo, do preconceito ser um legado deixado da escravidão, e que a construção dos personagens são a partir desses espaços de exclusão, porque a identificação parte dessa conexão, consequentemente, as pessoas que sofreram ou sofrem exclusão, se comovem, se identificam aos personagens e propõem mudanças.

1.1.3 Escrita de autoria feminina negra no Brasil

A escrita feminina na literatura brasileira ocorreu de forma lenta e tardia, até o século XIX as mulheres brasileiras exerciam papéis conforme os paradigmas patriarcais e burgueses, ao serem educadas e lapidadas para o casamento e aos afazeres domésticos, como revela Constância Lima Duarte em *Feminismo e literatura no Brasil* (2003). Sob essas demandas, as mulheres não exerciam papéis sociais e viviam reclusas, dentro de casa, sem acesso até mesmo aos estudos.

As mulheres eram inferiorizadas em relação ao conhecimento científico, como sem detenção de saberes, com isso, foram excluídas da historiografia literária, ao privilegiar, assim, o saber do masculino e branco da elite. As intelectuais que tentaram romper esses paradigmas impostos, como argumenta Duarte no artigo *Na contramão do memoricídio* in *Memorial do Memoricídio escritoras brasileiras esquecidas pela história* (2022), que “apesar de presentes no cenário literário desde o século XVIII, a produção das primeiras escritoras foi sistematicamente ignorada pelos historiadores, chegando, em muitos casos, a desaparecer como se nunca tivesse existido” (DUARTE, 2022, p. 15). Como reafirma o trecho:

Até as últimas décadas do século XIX, e mesmo nas primeiras do XX, ainda causava espanto uma mulher manifestar o desejo de ter independência financeira, querer votar, fazer um curso superior! E a publicação de uma obra de autoria feminina costumava ser recebida com desconfiança ou, na melhor das hipóteses, com certa condescendência pelo público leitor masculino. Afinal, era só uma mulher escrevendo, deviam pensar os que pregavam a inferioridade mental, moral e física do gênero feminino (DUARTE, 2022, p. 15).

Com isso, o espaço público era dominado pelo masculino que subjugar e mantinha a mulher no anonimato, na invisibilidade social, como salienta Duarte nesse trecho,

[...] homens dominavam o espaço público, as mulheres permaneciam confinadas em suas casas, analfabetas, cuidando unicamente de afazeres relacionados à família e submetidas a uma ordem patriarcal que estabelecia sua inferioridade. Vejam, estou me referindo às mulheres da elite, pois a experiência vivida pelas mulheres negras, escravizadas ou libertas, foi muito diferente (DUARTE, 2022, p. 15).

Assim as mulheres “viviam enclausuradas em antigos preconceitos e imersas numa rígida indigência cultural” (DUARTE, 2003, p. 152). Essa era a forma do masculino manter sua superioridade em sociedade.

No entanto, esses cuidados eram referidos às mulheres de elite, porque com as mulheres negras, pardas, pobres, escravizadas ou libertas, não usufruíram das proteções da elite brasileira, eram sempre expostas aos espaços públicos para exercer o trabalho, como revela Bebel Nepomuceno, no artigo, *Mulheres negras: protagonismo ignorado* (2013):

Às mulheres negras não coube experimentar o mesmo tipo de submissão vivido pelas mulheres brancas de elite até inícios do século XX. Tampouco seu espaço de atuação foi unicamente o privado, reservado às bem-nascidas, uma vez que, pobres e discriminadas, se viram forçadas a lançar mão de uma gama de estratégias para sobreviver e fazer frente aos desafios cotidianos (NEPOMUCENO, 2013, p. 186).

No exposto, nota os desafios de sobrevivência pela mulher negra no espaço de domínio do branco, conforme Hahner (2013), a mulher de elite na sociedade brasileira recebia dos parentes homens proteção contra qualquer situação relacionada à sexualidade, para permanecer intacta para o casamento.

Mas, Hahner (2013) reafirma que mesmo as mulheres brasileiras da elite ao ter todo privilégio de *status* e cor, entretanto: “no início do século XIX, em geral, as brasileiras de classe alta eram muito menos cultas, ou mesmo letradas, que suas contemporâneas europeias ou norte-americanas. Muitas sequer sabiam ler ou escrever o próprio nome” (HAHNER, 2013, p. 23). Eram totalmente submissas às imposições do masculino.

O acesso das meninas aos estudos, se dá de forma atrasada em relação aos meninos, porque iniciavam os estudos antes dessas. O estudo para menina era ministrado pela mãe, como argumenta Constância Lima Duarte, “uns poucos conventos, que guardavam as meninas para o casamento, raras escolas particulares nas casas das professoras, ou o ensino individualizado, todos se ocupando apenas com as prendas domésticas” (DUARTE, 2003, p. 153).

Até mesmo a igreja católica contribuiu para manter as meninas e moldá-las para obediência ao masculino, boa dona de casa e mãe, ao preservar, assim, a imagem da mãe santíssima, sem influência ao mundo político:

A própria Igreja Católica procurava restringir a atuação das mulheres na vida privada. Ao desencorajar a participação feminina no mundo da política e do trabalho fora de casa, os religiosos reforçavam a hierarquia existente entre homens e mulheres e o ideal de reclusão feminina (HAHNER, 2013, p. 25).

Como vemos, o catolicismo teve forte influência na manutenção do posto de submissão do feminino em oposição ao masculino. Além disso, segundo a autora, o que se sabe da vida das mulheres parte de relatos de viajantes romancistas estrangeiros, que visitavam o Brasil, como: Luccock em 1808, que se referia às mulheres estressadas e com envelhecimento precoce devido a forma como eram mantidas sob olhar autoritário do esposo e viviam cercadas de escravos.

Isso posto, as mulheres de cor, as escravas cabiam as tarefas de vendedoras ambulantes, trabalho nas lavouras, lavadeiras, arrumadeiras e a exposição à sexualidade. Ainda, estavam sujeitas às duras penalizações por parte das mulheres brancas que não aceitavam tais situações [...] “na ausência dos maridos, ordenavam que os capatazes marcassem os rostos das escravas a ferro ou chicoteassem-nas até a morte” (HAHNER, 2013, p. 27).

Tais problemáticas ganharam novas mudanças no processo de transição brasileira, com a vinda da família real para o Brasil no século XIX, intelectuais brasileiros que retornavam da Europa, os avanços no mercado de trabalho, a vida das mulheres ganha novas ascensões. Como afirma Constância Lima Duarte (2003) em reflexão aos estudos de Marina Coelho, esse foi o momento em que as mulheres despertaram do “sono letárgico em que jaziam” (DUARTE, 2003, p. 152).

A mulher começa a deixar aquele espaço reduzido, delimitado pelo masculino, pela influência cristã e começa a frequentar ambiente que era reservado somente ao masculino,

como: bailes e recepcionar convidados, por exemplo. Mesmo que de forma tímida como discorre Constância Lima Duarte (2022), esse século foi de efervescência e visibilidade às mulheres brasileiras confinadas, “algumas jovens escaparam desse limitado círculo vicioso e publicaram poemas, ensaios e até peças de teatro” (DUARTE, 2022, p. 15). Porém essas mulheres não foram aceitas com bons olhos pelo masculino, por acarretar na exclusão pelo cânone.

Algumas precursoras do movimento literário que buscavam o rompimento, que por décadas colocava o masculino em posição de superioridade e oprimia a mulher de participação nos espaços públicos, políticos e sociais. Assim, o nome de destaque desse movimento foi Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885) que foi,

[...] uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos em jornais da chamada “grande” imprensa. Seu primeiro livro, intitulado *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de 1832, é também o primeiro no Brasil a tratar do direito das mulheres à instrução e ao trabalho, e a exigir que elas fossem consideradas inteligentes e merecedoras de respeito (DUARTE, 2003, p. 153).

De acordo com Duarte (2003), Nísia Floresta questionava as discrepâncias nas diferenças de gênero, como forma de beneficiamento do masculino, porque havia as diferenças, “[...] no corpo, mas isto não significa diferenças na alma” (DUARTE, 2003, p. 153). Outro benefício daquele século foi o acesso aos estudos pelas meninas de classe alta, o que levaria a mudanças satisfatórias, pois muitas mulheres permaneciam analfabetas, entretanto, esses avanços em relação aos estudos não beneficiavam todas as classes e sim as burguesas.

Dentre as que se sobressaíram, encontram-se “a mineira Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779-1860); as gaúchas Clarinda da Costa Siqueira (1818-1867) e Delfina Benigna da Cunha (1791-1857); Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, publicava o livro *A philosopha por amor* (1845)” (DUARTE, 2003, p. 155). Essas mulheres buscavam nas escritas chamar a atenção do feminino para haver as reivindicações de direitos tolhidos.

Mulheres, impulsionadas, participaram dos movimentos na luta do feminino, na busca da construção de identidade própria. Porém, poucos jornais administrados pelo masculino ousaram publicar esses temas, os demais aceitavam publicações, que referiam a vida sentimental ou assuntos direcionados à moda. Somente em meados do século XIX, mulheres passaram a dirigir espaços, como: jornais, no entanto, foram criticadas, porque: “Os críticos chegam junto, considerando-a desde sempre uma imprensa secundária, inconsistente e supérflua, pois destinava-se ao segundo sexo” (DUARTE, 2003, p. 155).

No início do século XX, a luta das mulheres continuou, pelo direito ao voto, ao ensino superior, direitos iguais aos do mercado de trabalho, porque, até então, eram destinadas às mulheres a profissão de professoras e enfermeiras. Duarte (2003) refere que neste novo ciclo, destacam figuras femininas importantíssimas como “Bertha Lutz (1894-1976)” a qual liderava a “campanha pelo voto feminino e pela igualdade de direitos entre homens e mulheres no Brasil” (DUARTE, 2003, p. 160). Maria Lacerda de Moura (1887-1945) buscava pela libertação total do feminino. Nesse sentido,

[...] algumas escritoras se posicionavam frente ao governo ditatorial, revelando com coragem suas posições políticas, como Nélida Piñon, que participou da redação do Manifesto dos 1000 contra a censura e a favor da democracia no Brasil. Em 1981, a escritora lançava o livro *Sala de armas*, composto de contos aparentemente distintos mas que se estruturam em torno dos encontros e desencontros amorosos. Mais tarde, Nélida tornou-se a primeira mulher a tomar posse como presidente da Academia Brasileira de Letras, e apenas bem recentemente declarou-se feminista. Inúmeras outras escritoras poderiam ser lembradas pela reflexão que seus textos e personagens suscitam nas leitoras, como Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Sônia Coutinho, Hilda Hilst, Helena Parente Cunha, Marina Colasanti, Lya Luft, entre outras (DUARTE, 2003, p. 167).

Conforme o excerto diversas escritoras levantaram bandeiras reivindicando mudanças em prol da democratização do país, entretanto, vale salientar que muitas caíram no anonimato.

Em relação à escrita feminina e negra no Brasil, a literatura era baseada no modelo europeu, logo, o modelo epistêmico privilegiado, conforme Gonzales, no texto, *A categoria político-cultural de amefricanidade* (1988) era a “ciência da superioridade euro cristã (branca e patriarcal)” (GONZALES, 1988, p. 69). A mulher negra era destinada aos espaços de subalternidades, devido à sua condição social, pelo fato da ocupação servil de escrava, considerada raça inferior à raça branca.

Com isso, a escrita feminina negra ganhou visibilidade recentemente nos anos de 1970, mais, precisamente, nos anos de 1980, com as lutas do Movimento Negro Unificado (MNU). Nessa luta, as ativistas negras, como Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, buscavam a ruptura dos estereótipos de inferiorização das desigualdades sociais, raciais, de classe, *status* e de gênero no mercado de trabalho.

Mas a maior visibilidade ocorre no ano de 1995, como argumenta Nepomuceno (2013), “[...] com a Marcha Zumbi dos Palmares, comemorativa do tricentenário da morte do líder do Quilombo dos Palmares, e a participação na IV Conferência Mundial das Nações Unidas sobre a Mulher (Conferência de Beijing), na China” (NEPOMUCENO, 2013, p.

195). A autora reafirma, que:

Na celebração a Zumbi, mais de 30 mil pessoas concentradas em Brasília entregaram ao governo federal um documento denunciando as péssimas condições de vida da população negra no Brasil e cobrando ações com vistas à superação do racismo e das desigualdades raciais. Como resposta, o governo brasileiro prometeu formular políticas que garantissem a igualdade de cidadania para os negros. A preparação para Beijing deu-se com a realização de seminários e eventos que contaram com a participação de mulheres de todos os pontos do país, a partir da segunda metade dos anos 1980. Os dados levantados nesses encontros resultaram na publicação *Mulher Negra: Política Governamental da Mulher*, de autoria das ativistas Tereza Santos e Sueli Carneiro em parceria com a feminista branca Albertina Costa, lançada durante a Terceira Conferência Mundial de Mulheres, em Nairobi, no Quênia, em 1985 (NEPOMUCENO, 2013, p. 195 – 196).

Conforme o excerto, as discrepâncias em torno da população negra era degradante, contrapunha aos Direitos Humanos e Cidadania, as lutas ocorreram mediante as mulheres negras. Além disso, elas buscavam rupturas do arranjo de identidade e alteridade cultural, de acordo Gonzales (1988), a literatura ocidental estrangeira tomava para si como forma de determinar a inferiorização africana negra, como: língua, religião, cultura e corpo. Assim mantinham o poder sobre a raça negra. Como evidencia o trecho, que,

[...] o referencial das classificações triádicas do evolucionismo positivista das nascentes ciências do homem, como ainda hoje direciona o olhar da produção acadêmica ocidental. Vale notar que tal processo se desenvolveu no terreno fértil de toda uma tradição etnocêntrica pré-colonialista (século XV – século XIX) que considerava absurdas, supersticiosas ou exóticas, as manifestações culturais dos povos [...]. Daí a “naturalidade” com que a violência etnocida e destruidora das forças do pré-colonialismo europeu se fez abater sobre esses povos. No decurso da segunda metade do século XIX, a Europa transformaria tudo isso numa tarefa de explicação racional dos (a partir de então)” (GONZALES, 1988, p. 71).

Como refere a citação, o negro foi transformado em objeto de estudo dos europeus posteriormente dos brasileiros, porque tanto o homem, quanto a mulher negra e as crianças entraram à escrita epistêmica como arte rentável do lucro da sociedade capitalista patriarcal e moderna. As marcas da escravidão excluíaram as mulheres negras de ocuparem espaços destinados às mulheres brancas. Eram tidas além do trabalho, mercadorias de vendas, como comprova este anúncio no jornal de época exposto no livro *Sobrados e Mucambos* (1977), de Gilberto Freyre:

Vendem-se duas mulatas, de idade de 20 annos¹⁹, de bonitas figuras, sabendo engomar com perfeição, e cozinhar, e uma negra crioula da mesma idade, com todas as habilidades. Na mesma casa se recebe para vender de

¹⁹ Importante salientar que a escrita ortográfica prevalece a do autor do livro. Ver página: 428

comissão, oferecendo-se o bom tratamento e a prompta venda²⁰ (FREYRE, 1977, p. 428).

Verifica-se que vendia e revendia mulheres negras escravas num único local. Por esse viés, Silva (2020) reafirma que “A carne mais barata do mercado é a carne negra” (SILVA, 2020, p. 117), porque os negros eram considerados objetos de compra e venda para haver a manutenção e riqueza da corte patriarcal:

A cena do Brasil escravocrata retoma aos tumbeiros por onde transportavam as carnes – peças que seriam vendidas nos portos. Os folhetos anunciavam a venda de corpos com bons braços, torso e pernas para plantar, colher, debulhar, ensacar, colocar sacos nas costas e sustentar a riqueza das casas-grandes e da corte. Corpus quase sempre nus, costas esfaceladas, dilaceradas de tanto carregar a fatura para poucos. Desviados de seu lugar e destino de africanos livres, eram os corpos capturados e amontoados para a macabra Rota da escravidão, sem tempo para despedidas ou ajustes de contas com os seus. Apartados abruptamente, seguiam com amores e sonhos esfacelados, linhagens estranguladas e na face a máscara descomunal do nada ser. A peça em desventura, transmutada em suor e sangue, era alicerce econômico do sistema mercantil e escravagista para a manutenção do poder. Escravização anunciada (SILVA, 2020, p. 116 – 117).

A citação faz referência a esse corpo que não passava de uma peça exposta ao comércio e às manufaturas capitalistas elitizadas em um trabalho compulsivo, tanto homens quanto mulheres. Com isso, a mulher negra permaneceu por longos anos invisível socialmente, mesmo possuindo uma cultura oral, trazida do continente africano, a qual utilizava o canto oral, a contação de histórias infantis para ninar os filhos, os senhorzinhos das casas-grandes, as danças, seus dialetos para comunicar ao grupo, de nada adiantou.

Além disso, o ensino dessa época estava de acordo com *status* social e econômico das pessoas, com isso, as classes pobres foram as mais prejudicadas, porque:

A ascensão social pela educação é sempre uma boa aposta. Porém, desde muito cedo, a população negra, e a mulher negra em particular, teve maiores dificuldades em integrar o quadro educacional (os reflexos disso podem ser sentidos ainda nos dias atuais). Na Colônia e no Império, a condição jurídica de escravo vetava a negros e negras o acesso à educação formal; no pós Abolição, por conta do racismo existente na sociedade, essa população encontrou muita dificuldade de obter um lugar nos bancos escolares da rede pública. Paradoxalmente, a educação foi sempre vista pelo segmento negro como um caminho eficaz, não só para a eliminação do preconceito racial como para a conquista de lugares menos subalternizados na sociedade. No início do século XX, muitas mulheres negras que haviam amealhado pecúlio e até patrimônio imobiliário com o

²⁰ ANÚNCIOS DE JORNAIS BRASILEIROS DO MEADO E DO FIM DA ERA IMPERIAL relativos a estilos de convivência ainda patriarcal e já urbana em algumas das então principais áreas do país (Bahia, Rio Grande do Sul). Grupo X. Ver p. 428 do livro *Sobrados e Mucambos* de Gilberto Freyre (1977).

comércio de rua preocuparam-se em proporcionar educação para seus descendentes, ainda que tivessem que recorrer a professores ou instituições particulares. Essa preocupação estava presente tanto no seio de algumas famílias quanto nas organizações negras da primeira metade do século, que chegaram a constituir escolas, visando compensar a falta de unidades escolares e o descaso do governo para com o grande número de crianças negras mantidas à margem do sistema educacional por conta da pobreza ou da discriminação velada (pois no Brasil nunca houve leis raciais que proibissem negros de ingressar nas escolas públicas) (NEPOMUCENO, 2013, p. 189).

Conforme a autora, o estudo trazia emancipação, ascensão do negro e isso os tiraria do lugar de subalternidade apregoados pela população branca, que usufruía dessa manutenção para haver o privilégio de poder, tanto do homem como da mulher branca. No final do século XIX, com o fim da escravidão, até mesmo o acesso das mulheres negras à cidade do Rio de Janeiro foi restrito,

[...] enquanto das mulheres esperava-se que cobrissem seus corpos, contidos por espartilhos, com veludos, tafetás franceses ou quaisquer outros tecidos importados. Negras pobres com suas “roupas amarfanhadas”, “chinelinhas”, “carregando criancinhas de peito” deveriam sumir não só do “asfalto polido” da avenida Central, mas da paisagem do país (NEPOMUCENO, 2013, p. 187).

Nota-se que após o término da abolição da escravatura, as mulheres negras foram tolhidas de direitos civis. Ao iniciar os movimentos emancipatórios feministas, no século XIX, por direitos de igualdade e participação política pública, como: o direito de publicação, de acordo com Ribeiro (2017), na primeira pauta, as mulheres negras não foram incluídas. Somente na terceira onda do movimento que foram incluídas ao ter como marco precursor Maria Firmina dos Reis, com a publicação de *Ursula* em 1859, romance que denunciava a escravidão naquele momento. Como argumenta Maria Ligia Prado Stella Scatena Franco, no ensaio, *Cultura e política: participação feminina no debate público brasileiro* (2013), que o romance no século XIX,

[...] constituiu uma poderosa arma política por conta da possibilidade de divulgar histórias com enredos dramáticos, em que os cativos eram retratados como pessoas sofridas, injustiçadas e excluídas da sociedade, com vistas a tocar os corações e mentes dos leitores, ganhando simpatizantes para a causa. Maria Firmina dos Reis (1825-1917), por exemplo, publicou o romance *Ursula* (1859) altamente crítico à escravidão. Ela própria era mulata e filha ilegítima e, ao longo de sua trajetória como autora, escreveu para diferentes periódicos, fazendo da situação de grupos sociais desfavorecidos, como negros e indígenas, matéria-prima de seus textos. Foi professora de primeiras letras, entre 1847 e 1881, tendo sido admitida por concurso público. Em Maçaricó (MA), inaugurou e dirigiu uma escola de educação mista para crianças pobres. Ao fim da vida estava cega e pobre (FRANCO, 2013, p. 99).

Nesse sentido, Reis teve importante contribuição na causa negra, mas foi silenciada e se tornou invisível por anos. Conforme Nepomuceno (2013) às causas relacionadas às mulheres negras, não tinham relevância social, devido ao racismo que tinha se instalado na sociedade brasileira. Conforme, Homi K. Bhabha, no livro, *O local da cultura* (1988), até o ensino escolar por meio dos livros traziam a imagem do negro como uma pessoa demoníaca, em que uma criança via um negro sentia medo e começava a chorar próximo da mãe. Nepomuceno diz que,

[...] há grupos escolares que recebiam negros porque era obrigatório, porém os professores menosprezam a dignidade da criança negra, deixando-os de lado para que não aprendam, e os pais pobres e desacompanhados pelo pouco desenvolvimento dos filhos resolvem tirá-los da escola e entregar-lhes serviços pesados (NEPOMUCENO apud SISS, 2013, p. 190).

Percebe-se que a violência e a criminalidade exercida sobre o sujeito negro psicologicamente, os rotulavam enraizados nessas tarefas.

Retomando a escrita, para Lélia Gonzales (1988) as violências sofridas pelas mulheres negras decorrem pelo fato do racismo entre raça, classe e gênero, o “apartaid” das culturas africanas. O termo “apartaid” dialoga com a escrita de Conceição Evaristo que o utilizou para falar de sua condição social no grupo escolar em Belo Horizonte, local onde a escritora cursou o magistério e segundo a autora havia separações de classes.

Para Gloria Anzaldúa, no ensaio, *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo* (1981): “É improvável que tenhamos amigos nos postos da alta literatura. A mulher de cor iniciante é invisível no mundo dominante dos homens brancos e no mundo feminista das mulheres brancas, apesar de que, neste último, isto esteja gradualmente mudando” (ANZALDÚA, 1981, p. 229).

Essas problemáticas prevaleceram até o Golpe Militar de 1964, após isso, os grupos negros entraram em ação na busca de abolir os preconceitos raciais e de gênero. Consequentemente, houve mudanças significativas em relação à mulher negra, muitas assumiram postos de trabalhos, até então, destinado ao masculino. E, em relação ao campo artístico cultural, Nepomuceno afirma que:

O século XX testemunhou mulheres como Ivone Lara e Lecy Brandão abrirem espaço na ala de compositores, então exclusivamente masculina, de destacadas escolas de samba cariocas e, outras, caso da cantora Negra Li, quebrarem a hegemonia masculina no cenário do hip-hop. No campo literário, viu o livro de estreia de uma jovem escritora mineira, Ana Maria Gonçalves, ser aclamado como obra-prima de nível mundial

(NEPOMUCENO, 2013, p. 195).

Como vemos na citação, a virada do século trouxe efervescência aos movimentos femininos, propiciando visibilidade, no qual diversos grupos femininos articulados na luta da subversão das desigualdades raciais, de gênero e de classe surgiram nesse período. O momento conhecido como “enegrecimento do feminismo”, como reflete Nepomuceno (2013), acerca da abertura de diversos Grupos Negros, principalmente do Grupo Quilombhoje, o qual proporcionou aos escritores negros a oportunidade de publicar suas obras continuamente.

Diversas escritoras negras participantes de movimentos de grupos negros, como: Sueli Carneiro, Dijamila Ribeiro, dentre outras, buscam conscientizar sobre as lutas antirracistas na sociedade brasileira. Dentre elas, a escritora desta pesquisa, participante ativa desse movimento negro em prol do resgate da identidade e da ancestralidade negra. Com isso, trouxeram visibilidade às escritoras, como: Carolina Maria de Jesus (1914) negra, moradora de favela e catadora de recicláveis para o sustento da família, publicou em 1960 *Quarto de Despejo*.

A escritora, Geni Guimarães (1947) mulher negra, conseguiu entrar ao campo literário com publicações em *Cadernos Negros* do Grupo Quilombhoje. Na escrita as questões sociais e raciais dos povos negros. No conto “Metamorfose” do livro *A cor da ternura* (1991), a narradora fala da revolta de uma menina que não aceitava a cor de sua pele, na tentativa de clareá-la esfolia com “pó de tijolo moído, usado pela mãe para limpar as panelas tismadas no fogão a lenha” (DUARTE, 2020, p.82). Segundo Eduardo de Assis Duarte (2020), tempos depois a autora Geni Guimarães afirma em depoimento que essa personagem se tratava dela mesma, ao mostrar as cicatrizes do corpo.

Em 2003, foi aprovada a Lei número 10.639 em que foi promulgada a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana nas escolas públicas. Entretanto, Silva diz que no campo literário e cultural “as produções de autores e autoras negras estão em evidência, mas ainda não foram assentadas em patamares de reconhecimento que merecem” (SILVA, 2020, p. 121-122). Dessa forma, Evaristo ao participar da Feira Literária Internacional em Paraty (FLIP) questionou Paulo Werneck acerca da ausência de escritores negros. Em suma, a escritora afirma que:

Creio que a primeira mudança no mercado editorial foi ter descoberto que tem um público negro leitor. E o grande momento da descoberta desse público negro foi a FLIP. Primeiro, teve aquela polêmica a partir do manifesto liderado por Giovana Xavier. Naquele ano, nós estávamos em

Paraty, Ana Maria Gonçalves, Roberta Estrela D’Alva, outras escritoras negras e eu. Fomos muito procuradas para dar entrevista e registrar nosso descontentamento. No outro ano, a curadora da FLIP foi Josélia Aguiar, a quem eu chamo de “mulher coragem”. Ela mudou a face da FLIP. A presença nas mesas oficiais de escritoras negras e escritores negros tornou a FLIP um evento mais democrático. Aquela FLIP se tornou histórica. Nesse momento, o mercado livreiro descobriu que há um público negro que lê e que há um público, não somente negro, que lê autoria negra. Eu acho que essa foi a grande descoberta. Isso é um aspecto. (EVARISTO, 2020, p. 45).

Percebe-se que a mudança ocasionada na FLIP no evento de 2017, homenageou Lima Barreto, escritor negro, e nesse exato momento, foi visível a presença, tanto de homens como de mulheres negras. No entanto, esse marco evidencia também o quão longínquo se deu o percurso do negro no campo literário cultural, devido ter ocorrido recentemente. Dessa forma, Evaristo (2020), afirma que na atualidade a sociedade brasileira está menos hipócrita, porque percebeu que a luta contra o racismo não é uma discussão só para negros.

1.1.4 Literatura brasileira e os personagens negros

Eduardo de Assis Duarte, no livro: *Literatura afro-brasileira* (2014), afirma que a literatura negra brasileira falando do negro é recente, porque o percurso do negro na literatura reverbera de dois paradoxos. Em um primeiro momento, o negro exercia papel de objeto do “Outro”, o negro era o personagem principal na trama, e no segundo é o “protagonista”, o sujeito de história e identidade. A partir de meados do século XX, mais precisamente final dos anos 1970 – 1980 a literatura afro-brasileira traz o negro sujeitos liderantes de histórias:

Desde a década de 1980, a produção de escritores que assumem seu pertencimento enquanto sujeitos vinculados a uma etnicidade afrodescendente cresce em volume e começa a ocupar espaço na cena cultural, ao mesmo tempo em que as demandas do movimento negro se ampliam e adquirem visibilidade institucional. Desde então, cresce da mesma forma, mas não na mesma intensidade, a reflexão acadêmica voltada para esses escritos, que, ao longo do século XX, foram objeto quase que exclusivo de pesquisas estrangeiros como Bastide, Sayers, Rabassa e Brookshaw, entre outros (DUARTE, 2014, p.19).

Como comprova o excerto, a escrita negra ganhou novos contornos de mudanças nos espaços institucionais. Ademais, a escrita contrapõe a visão canônica do negro como objeto de passividade, submissão, infantilizado, maléfico e, as mulheres negras detentoras da sexualidade, eróticas, com intuito de alcançar a sensibilidade do leitor.

Para Domício Proença Filho, no livro: *A trajetória do negro na literatura brasileira* (2004), a trajetória do negro no discurso literário nacional tem dois posicionamentos: “a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada. Tem-se, desse modo, literatura sobre o negro, de um lado, e literatura do negro, de outro” (FILHO, 2004, p. 161).

Por isso, Proença Filho (2004) diz que existe uma dificuldade em distinguir a literatura negra brasileira da literatura brasileira, visto que desde o século XVII alguns negros já estariam na ativa com problemáticas que envolviam os marginalizados. Mas, a escrita literária, em que o autor se assume como negro, assume o seu lugar de origem, as suas condições sociais é recente. Nesse sentido, Zilá Bernd no ensaio, *Literatura negra brasileira: racismo e defesa de direitos humanos* (1998) reitera que a:

Literatura negra brasileira, também conhecida por Literatura afro-brasileira, e que pode ser definida como sendo aquela onde emerge uma consciência negra, ou seja, onde um "eu" enunciator assume uma identidade negra, buscando recuperar as raízes da cultura afro-brasileira e preocupando-se em protestar contra o racismo e o preconceito de que é vítima até hoje a comunidade negra brasileira, apesar de passados mais de cem anos da Abolição da escravidão (BERND, 1998, p. 91).

Como abordado na citação o eu enunciator, se assume e busca conscientizar coletivamente, as crueldades sofridas pelo grupo étnico no passado e no presente. Porque para Domício Proença Filho (2004), a presença do negro, na literatura brasileira, é marcada pelo viés do marginalizador e,

[...] se ele não dá voz ao negro mas se comporta como um advogado de defesa que quer comover a platéia e provar a injustiça da situação que denuncia, tenhamos presente, entretanto, que é ele quem assume, na literatura brasileira, o brado de revolta contra a escravidão, abre espaços para a problemática do negro escravo, num momento histórico em que o negro era, como assinala Antonio Candido, “a realidade degradante, sem categoria de arte, sem lenda histórica (FILHO, 2004, p. 164-165).

Tal problemática decorre pelo fato de o narrador falar pelos negros, com isso, o escritor detinha um papel de advogado dos negros e não relatavam seus problemas, de fato. A literatura de Conceição Evaristo ganha amparo, na literatura-afro-brasileira, pois se assumiu como negra na escrita: “Quando me debruço para construir uma ficção, uma narrativa ou um poema, um texto ensaístico, não me desvencilhei da minha condição de cidadã, negra, brasileira, viúva, mãe de Ainã... Toda a minha subjetividade é a subjetividade da escritora” (EVARISTO, 2020, p. 41).

Conforme Proença Filho (2004), alguns escritores brasileiros não conseguiam fugir

dos traços literários europeus, com isso, traziam o negro na literatura romântica de forma estereotipada, dentre estes, Bernardo de Guimarães (*Escrava Isaura*); Aluísio de Azevedo (*O mulato*). Segundo o autor, há escritores negros que levantavam bandeiras denunciando o racismo e o preconceito burgueses presentes na sociedade, os dramas interiores, porém era visível a presença de estereótipos, como: a submissão e branqueamento, visto, por exemplo, em Lima Barreto; Cruz e Souza a figuração do emparedamento, verdadeira morte social do sujeito negro; Nascimento Moraes, jornalista que denunciava a violência racista, dentre outros.

Enquanto, para Bernd (1998), a literatura negro-brasileira não está relacionada à cor e sim, a um eu enunciativo que se afirma como negro. Duarte assevera que:

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro (DUARTE apud LOBO, 2014, p. 21).

Importante salientar, de acordo com Eduardo de Assis Duarte (2011) e Zilá Bernd (1998) não significa que somente o negro pode escrever literatura negra, qualquer escritor pode falar sobre negro, não é descartado, mas, sua fala será sobre o negro, de fora do problema, o negro como personagem e não relativamente, a escrita do negro, como ocorre nas vozes dissidentes negras, o negro protagonista, sujeito de suas atitudes, o que torna mais verossímil a escrita. Michelle Pinto da Silva em sua tese de mestrado, *Identidade, memória e resistência em a cor da ternura em Ponciá Vicêncio* (2014), em consonância diz que:

A literatura produzida por escritores comprometidos com a militância negra é uma manifestação artística que traz um caráter de luta em prol da população negra. [...] por meio de uma linguagem carregada de significados, marca de opressão e exclusão sofridas por uma população relegadas por uma vida de perdas, negação e exploração perpetradas por uma sociedade preconceituosa e racista (SILVA, 2014, p. 09-10).

Como afirma o exceto, os escritores negros compromissados com etnias produzem uma literatura de luta contra os estereótipos pejorativos sofridos pela comunidade negra. Reafirmando suas potencialidades, seu caráter, sua contribuição em prol da formação da sociedade brasileira, sua história, identidade e cultura.

Assim como na escrita de Conceição Evaristo, uma escrita que abala as estruturas hegemônicas fundadas por séculos, mostra o problema sem meias palavras, grita em prol de seu grupo. Por isso, tornou-se uma das escritoras que busca dar voz aos silenciados, aos

marginalizados socialmente, e:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também (EVARISTO, 2020, p. 30).

Como comprova a citação, Evaristo traz personagens sujeitos que lideram suas atitudes, seus medos, seus locais de vivências, conseqüentemente, o desencadeamento de violências e de crimes devido à miséria e à condição econômica em que eles estão inseridos, na cidade urbana brasileira, nos dias atuais, porque como argumenta Cuti: “se as conquistas da população negro-brasileira são minimizadas é porque o propósito de um Brasil exclusivamente branco continua sobrepujando as mentes que comandam a nação nas diversas instâncias do poder” (CUTI, 2010, p. 13). Problemáticas que serão retratadas no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2
A CRÍTICA LITERÁRIA NA CORDA BAMBA

CAPÍTULO 2 - A CRÍTICA LITERÁRIA NA CORDA BAMBA

Para melhor compreensão da pesquisa em relação às violências aos crimes contra os negros e praticados pelos negros, se faz necessário neste capítulo um breve estudo sobre a formação da sociedade brasileira e o percurso dos negros dentro deste contexto de formação social. A escrita evaristiana contemporânea e como tornou-se resgate da insubordinação negra porque retorna sempre ao passado escravo, a sua ancestralidade para pontuar que esses traços vêm a ser subvertidos no presente.

Para analisar a violência e os crimes tema a vida na corda bamba na vida dos protagonistas negros(as) na obra *Olhos d' água* (2014), precisou analisar o processo de formação da sociedade brasileira.

2.1 O olhar das margens: literatura, crítica literária e estudos culturais

A população afrodescendente brasileira não teve um percurso favorável. A inserção do negro, no Brasil, foi marcada por extremas injustiças sociais e sofrimentos dolorosos, traumáticos devido ao fato da instalação escravocrata patriarcal, oriunda dos desejos de supremacia dos portugueses. Com isso, a violência e os crimes contra negros vêm desde os primórdios da formação da sociedade brasileira. No século XVI, a formação social brasileira foi baseada na escravidão. Os negros foram arrancados da pátria África à força, trazidos ao Brasil para exercer o trabalho escravo. Assim foi considerado fonte de riqueza de uma minoria elitizada e branca, sobretudo, sob meios de sobrevivências subumanas e essas problemáticas para satisfação e riqueza dos europeus.

Como argumenta Freyre (1977) não bastava o dominador tomar todo o “solo, as cores, ainda as raças, de início os nativos e posteriormente os africanos e seus descendentes, considerados instrumentos de produção, de transporte e de trabalho” (FREYRE, 1977, p. 353). Tal problemática perdurou até o final do século XIX quando foi exigido o cumprimento da abolição da escravatura, Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel, em 13 de maio de 1888.

Nesse processo escravocrata, milhares de negros foram arrancados das famílias, das culturas, religiões e trazidos para trabalhar nas grandes plantações de cana de açúcar, café, algodão, nas minas de ouro, pecuária, nas regiões da Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso, Pernambuco e Salvador. As mulheres e crianças trabalhavam nas lavouras com os homens e nas áreas domésticas e servis.

Ana Maria Leal Almeida ²¹citado por Maria Odila Dias, em seu ensaio *Escravas: resistir e sobreviver* (2013) aborda que:

Nos engenhos e nas fazendas, o trabalho das escravas, embora desprezado, chegava a constituir metade dos grupos de trabalhadores do eito (nome dado ao trabalho na lavoura, na roça, no cafezal); no caso das fazendas do Vale do Paraíba e no Oeste Paulista constituíam às vezes 1/3 da mão de obra da lavoura. Ainda assim, a descrição da escrava Thereza, de 25 anos, informava que ela “não era prendada, só sabia fazer o serviço da roça”. 12 Apesar de consideradas incapazes, as escravas se encarregavam de um trabalho bastante árduo, trabalhando durante o dia com os homens, na lavoura, realizando as mesmas tarefas. Além disso, as mulheres assumiam com seus filhos e filhas o trabalho de cultivo de gêneros de subsistência. O costume do senhor de oferecer a um casal de escravos uma roça para plantar e criar animais atingia no Brasil uma abrangência que ia de Pernambuco e Bahia ao Rio de Janeiro. Em geral, as escravas com seus filhos trabalhavam a roça doméstica sem os maridos. Elas também processavam alimentos como o arroz, o milho e a mandioca, manuseando instrumentos como o pilão e o ralador. Cumpriam serões noturnos e eram requisitadas nos dias santos. Responsabilizavam-se ainda por cozinhar os alimentos para todos. Todo o trabalho era supervisionado de perto pelas senhoras que não cansavam de reclamar da morosidade das escravas na execução de suas tarefas (DIAS, 2013, p. 176).

Com o tráfico negreiro, como argumenta Gilberto Freyre, no livro *Casa Grande e senzala* (2004), “O escravocrata terrível que só faltou transportar da África para a América, em navios imundos, que de longe se adivinhavam pela inhaca, a população inteira de negros” [...] (FREIRE, 2004, p. 265), para o trabalho braçal em solo brasileiro.

Assim o colonizador português não mediu esforços, porque viu nos braços escravos a riqueza do ouro e da prata, com isso, passaram a “explorá-los, transportá-los ou adquiri-los” (FREIRE, 2004, p. 79), o trabalho era parte nas lavouras de açúcar em Pernambuco e Recôncavo baiano. Nesse processo de travessia entre África e Brasil muitos negros morreram de doenças ocasionadas por infecções a sujeiras, desidratação, falta de higiene e muitos que se jogavam no mar por preferirem a morte a tamanha perversidade.

Além disso, de acordo com Freyre (2004) nesse período colonialista, os negros eram considerados mercadorias, pois eram trazidos e vendidos em praça pública. E, ainda, possuíam as escolhas por porte, dentes brancos, robustos e jovens.

Ademais, a violência psicológica e moral, que era exercida sobre os negros, como

²¹ Ana Maria Leal Almeida, Da casa e da roça: a mulher escrava em Vassouras, Vassouras, 2000, Dissertação de Mestrado, Universidade Severino Sombra, p. 121. Stanley Stein, Vassouras: um município brasileiro do café, 1850-1900, São Paulo, Brasiliense, 1961, p. 169; Maria Paes de Barros, No tempo de dantes, São Paulo, Brasiliense, 1946, p. 69.

indivíduos infantilizados, passivos, doutrinados, a violência física era extrema, além do trabalho compulsivo nas grandes plantações, todo transporte era realizado pelos negros, como afirma Kidder citado por Freyre (1977) nesse trecho:

Tudo se transportava às cabeças ou nos ombros dos escravos. (...) Eram negros altos e atléticos, os empregados na bahia nesses serviços de transporte. E como os carregadores de café no Rio de Janeiro e os de açúcar no Recife, os de açúcar e de algodão, na cidade do Salvador, marchavam cantando, como para adoçar o peso das grandes cargas (FREYRE *apud* KIDDER, 1977, p. 494).

Os negros eram obrigados a trabalhar compulsoriamente e não tinham vida digna, nem alimentação, dormiam amontoados nas senzalas, além dos maus tratos físicos, como: açoites, chibatadas, amarramento em troncos aos quais eram submetidos, como forma de castigo e demonstração de poderio. Muitos negros não alcançavam nem a idade de trinta anos, acabavam por falecer, como afirma Freyre (1977), “-os carregadores de sacos de café, de caixas, de fardos, que, no Rio de Janeiro, faziam as vezes de carroças e de animais-não suportavam mais do que sete anos de semelhante vida” (FREYRE *apud* SCHAEFFER, 1977, p. 501).

Conforme Abdias do Nascimento, no livro: *O GENOCÍDIO DO NEGRO BRASILEIRO: processo de um racismo mascarado* (1978), a condição do negro, no Brasil, era de qualquer animal, menos de ser humano:

Desde que o motivo da importação de escravos era a simples exploração econômica representada pelo lucro, os escravos, rotulados como subumanos ou inumanos, existiam relegados a um papel, na sociedade, correspondente à sua função na economia: mera força de trabalho. Quer isto dizer que os africanos escravizados não mereciam nenhuma consideração como seres humanos relacionada com a continuidade da espécie no quadro da família organizada. Daí que a proporção da mulher para o homem estava perto de uma para cinco, e as relativamente poucas mulheres que existiam estavam automaticamente impedidas de estabelecer qualquer estável estrutura de família. A norma consistia na exploração da africana pelo senhor escravocrata e este fato ilustra um dos aspectos mais repugnantes do lascivo, indolente e ganancioso caráter da classe dirigente portuguesa. O costume de manter prostitutas negro-africanas como meio de renda, comum entre os escravocratas, revela que além de licenciosos, a alguns se tornavam também proxenetas (NASCIMENTO, 1978, p. 61).

Nota-se que o processo escravocrata foi árduo e desumano ao negro. Conforme Caio Prado Júnior, no livro *Formação do Brasil Contemporâneo* (2004), alguns senhores donos de escravos ferravam os negros igual faziam com animais, ali determinavam quem era o seu dono, se esse escravo tentasse fugir era facilmente localizado.

Tais problemáticas perduram por mais de três séculos na sociedade brasileira, devido às leis emancipatórias não possuírem valor mediante as colônias espanholas, francesas, britânicas as quais consideravam o negro como uma pessoa irracional, primitiva, feito para trabalho. Dessa forma, se cria o patriarcalismo centro de poderio do homem estrangeiro e branco percorreu do século XVI ao XIX e exercia toda forma de ordens e imposições sobre os indivíduos considerados inferiorizados e servos.

Os portugueses, como forma de domínio, criaram o apadrinhamento, brancos eram pais de ameríndios, mouros e africanos e nessa relação entrava cor, *status*. Com isso, era garantida “a proteção paternal” (FREYRE, 1977, p. 356). O patriarca, figura caracterizada como: pai, o senhor de tudo e todos, detinha o poder sobre pessoas do ciclo, famílias e quem morava consigo.

Todavia, tal proteção não abarcavam negros, melhor exemplificando não existiam leis de amparo aos afrodescendentes. Com isso, sofriam os piores tratos advindos dos senhores e, até mesmo, dos religiosos.

O brasileiro do litoral ou de cidade viveu, durante a primeira metade do século XIX na verdade durante o século inteiro-sob a obsessão dos “olhos dos Estrangeiros”. Preocupado com esses olhos. Sob o temor desses olhos como outrora vivera sob o terror dos olhos do Jesuíta ou dos da Santa Inquisição. E os “olhos dos estrangeiros” eram os olhos da Europa (FREYRE *apud* Sanctos, 1977, p. 426).

A citação comprova a falta de leis de amparo ao sujeito de cor por parte do senhor e da igreja, que aos olhos da sociedade era correta em seus atos. Freyre (1977) argumenta que negro não tinha o direito de reclamar, caso viria à reclamar sofria dura punição, chibatada e era entregue ao senhor para ser castigados do modo que julgaria ser a melhor pena. Muitos eram mutilados e mortos como forma de amedrontamento aos demais, o negro não podia reclamar de nenhum castigo de senhor branco, porque havia a:

Semelhante política de coerção ou repressão violenta seria, aliás, aplaudida pela melhor imprensa da época. [...] Não admira. Da mesma imprensa partiam aplausos a atos ainda mais violentos da polícia com relação a negros e escravos. Porque dois pretos cativos fossem ingenuamente queixar-se ao subdelegado da Boa Vista de que seus senhores os haviam castigado com palmatoadas por eles consideradas injustas e o Javert atendesse aos queixosos mandando “duplicar a dose de cada um”, o *Diário de pernambuco* comentou o abuso de força, aplaudindo-o: “excelente despacho para tais petições...” Negro não tinha o direito a queixar-se à polícia, de castigo de senhor branco. Escravo não tinha o direito de pedir reparação de castigo que lhe tivesse sido aplicado por senhor (FREYRE, 1977, p. 391).

Nota-se que na tentativa de um pedido de ajuda as autoridades, os negros eram traídos pelos mesmos, o que acarretava em danos morais e físicos maiores. Para Azevedo (2004) essa situação perdura, “até meados da década de (1880) temos como enfoque privilegiado a escravidão, o negro e sua rebeldia, o movimento abolicionista e as sucessivas tentativas imigrantistas, enfim, o chamado momento de transição para o estabelecimento pleno do trabalho livre” (AZEVEDO, 2004, p. 18).

A autora citada acima acentua que a preocupação partia, devido ao “Tratado de Comércio firmado na Inglaterra em 19 de fevereiro de 1810 que previa a extinção da escravidão”, porém, o patriarcado rural dessa decisão acabaria determinando a falta de trabalho braçal nas lavouras. Conforme a autora, somente no início do século XIX, surgiram dois grupos de influências os quais penetraram pelos ricos salões e nas ruas miseráveis e levaram os movimentos emancipatórios ao Parlamento da Inglaterra para que fosse extinguido o tráfico negreiro de além-mar.

Dentre esses grupos os *cabanos* e os *papa-mel* como argumenta Freyre (1977) que os Liberaes não aceitavam mais as desigualdades, como exigiam o fim do apadrinhamento como forma de obediência, “Os Liberais não querem mais desigualdade, quando desde que Christo se humanizou que há desigualdade” (FREYRE, 1977, p. 364). Consequentemente, as lutas das balaiadas e tapuiadas, como a Guerra de Canudos.

No século XIX, surgem diversas lutas abolicionistas e as rebeliões dos escravos, a situação estavam incontrolláveis, pois o número de escravo alforriados era maior do que os de escravos que continuavam sob domínio dos senhores e as revoltas e violências tornaram insustentáveis de controle entre senhores, escravos e libertos que não tinham mais medo do enfrentamento, ao chegar até mesmo a matar os opressores e se entregarem à polícia. Nesse sentido, houve a preocupação,

[...] o que fazer com o negro após a ruptura da polaridade senhor-escravo, presente em todas as dimensões da sociedade? Sim, porque é bom lembrar, mesmo os negros que já viviam em liberdade durante a escravidão, e que no século XIX chegaram a ultrapassar o número de escravos, estavam sujeitos a numerosas restrições legais ou simplesmente impregnadas nos costumes de uma sociedade dominada por uma diminuta elite branca. Na cor de sua pele, nos seus traços físicos, nos seus cabelos, os negros livres já de há muitas gerações, mesmo miscigenados, frequentemente traziam impressas as suas origens africanas, as marcas de seus antepassados escravos, e assim ficavam entregues à possibilidade de serem tratados com desprezo e violências. Quanto aos libertos, isto é, os negros alforriados, as restrições a eles eram ainda mais explícitas, constando de vários itens de leis que desta forma contrariavam a disposição da Constituição de 1824 em aceitá-los como cidadãos

(AZEVEDO, 2004, p. 27 – 28).

Por essa razão, alguns negros eram alforriados e algumas ascensões, porque muitos negros livres exerciam trabalhos na cidade, ainda sim existia distinção relacionada ao negro, com exceção as mucamas e os pajens, porque exerciam o trabalho no interior das residências. Entretanto, os carregadores não entravam na cidade de Recife nem calçado, porque, assim, eram diferenciados dos senhores, “a hierarquia dos modos de vestir não admitia que escravos se apresentassem calçados, como senhores” (FREYRE *apud* KOSTER, 1977, p. 450). Como afirma o trecho:

Por esclarecido que pudesse ser, D. Pedro ocupava o ápice de uma sociedade hierárquica baseada na escravatura. Era debaixo da autoridade do imperador e de seus ministros que a polícia e o exército caçavam escravos fugidos e devolviam-nos a seus senhores, algumas vezes para tortura e mutilação. Uma estrutura autoritária, embora adoçada na prática, estendia-se até o sistema familiar, em que o homem, cabeça da família, exercia sobre a mulher e os filhos um poder que podia chegar ao sadismo (SKIDMORE, 1976, p. 21).

Como exposto na citação, o português, o rei impunha sua autoridade sobre os negros escravos, e obtinham de todas as leis a seu favor. Os meios de proteção no Brasil colonial, eram destinados à Corte Portuguesa e negros não faziam parte dessa proteção.

Em meados do século XIX, mesmo após diversas promulgações de leis, e o patriarcado rural entrar em declínio o rural-urbano nota-se o alvoroço causado sociologicamente²², continuaram sob poder de supremacia da corte branca, classe privilegiada devido às extensas riquezas e poderio de extensas fazendas. Conforme Freyre:

Às posturas de Câmaras brasileiras da primeira metade do século XIX, que, como as do Recife de (1831) e as de Salvador, de (1844), se referem a situações de raça, de classe e de região dos indivíduos e nos permitem surpreender, através de suas definições de status e de suas restrições à liberdade individual, a ostentação de poder dos brancos sobre os pretos, dos senhores sobre os escravos e, como evidência de transição do patriarcado rural para o urbano, das populações das cidades-ou de suas elites dominantes: os moradores de sobrados- sobre as populações do campo (FREYRE, 1977, p.386).

A sociedade patriarcal como detentora de supremacia tinha a seu favor todos os meios de proteção, com isso, eram acatados as imposições dos estrangeiros sob as câmaras.

O negro era obrigado entrar nas ruas de Recife²³ puxando o animal pelo cabresto e

²² Estudo de Gilberto Freyre (1977, p. 420), Posturas da Câmara, 1844, ms., Arquivo da Prefeitura do Município do Salvador.

²³ Assim, ficava proibido, na cidade de Recife, a partir de 10 de dezembro de 1831, fazer alguém “vozerias”, alaridos e gritos pelas ruas”, restrição que atingia em cheio os africanos e as suas expansões de caráter

não montado, não podiam tomar banho nos rios, porque segundo o patriarcado urbano contaminaria as águas. Não usar tangas nas ruas, porque não predisponham vestimentas. Além disso, em meados do século XIX, diversos negros adoeceram de moléstias devido às péssimas condições de vida, alimentação precária, moradias precárias, e o local de dormir barro úmido:

Eram comuns entre os negros das senzalas, doenças de sedentários como a que se atribuía à friagem do chão ou do barro onde muitos dormiam e que, de qualquer modo, quase não acinzentava, descorava e matava senão escravo de oito: a então chamada “hypoemia inter-tropical”. [...] Pode-se atribuir as causas do desenvolvimento da opilação á natureza do clima, e a hygiene pelos habitantes dos lugares húmidos, pelos meninos pobres e pretos escravos de ruins senhores (FREYRE, 1977, p. 395)²⁴

Com a chegada da mula, do boi e da máquina a vapor, no século XIX, no entanto, Freyre (1977) menciona que os senhores, donos de escravos preferiram os braços negros, que faziam todo processo feito pelo animal e pela máquina sem ter que arcar com gastos de manutenção e cuidados com os animais. A pobreza era alarmante, desprezo de culturas, enquanto os brancos viviam nas casas-grandes, assobradadas, os negros existiam armas de fogo, cães de caça, para caçá-los, como animais, como reflete Freyre (1977).

Diante de tanto inconformismo com tamanha violência e crimes praticados contra negros, descendentes de escravos, Chiavenato (1999) diz que a solução ao problema seria o branqueamento, porque precisaria branquear os negros para chegar ao fim da escravidão.

2.1.2 Os estudos pós-coloniais no Brasil

Após a abolição da escravatura no final do século XIX, os negros foram tolhidos de direitos e falta de oportunidades. Com o mercado pós-abolicionistas e o avanço capitalista, o negro não tinha capacidade intelectual para trabalhar em máquinas mecânicas, não tinham posturas, considerados anti-sociais, termo agravante, porque mantinham na zona de

religioso ou simplesmente recreativo. [...] Mais: nenhum escravo poderia, na cidade do Recife, andar na rua “de dia ou de noite, com paos, ou outra qualquer arma, pública ou oculta, sob pena de sofrer de 50 a 150 assoutes na cadeia [...] Os indivíduos, aparentemente livres,, aos quais se obrigava-como aos sertanejos, que não entrassem nas cidades montados ou sentados nos seus animais de carga, mas ao lado ou à frente deles; e humildemente, a passo, pisando o chão e a lama como peões indignos de se apresentarem aos olhos dos moradores de sobrados com aparência ou modos de cavaleiros. (FREYRE, 7º., artigo 12, Camara Municipal de Recife), p.389-390). Estudos sobre *Anais Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, 1867, I, Tomo XIX, pág. 45.

conforto senhoril e rural, “os negros alforriados, as restrições a eles eram ainda mais explícitas, constando de vários itens de leis que desta forma contrariavam a disposição da Constituição de 1824²⁵ em aceitá-los como cidadãos” (AZEVEDO, 2004, p. 28). De acordo com Mbembe, o Nacional-colonialismo, “a lógica das raças deve ser agregada à lógica do lucro, à política da força e ao instinto de corrupção - esta é, em rigor, o que define a prática colonial” (MBEMBE, 2014, p. 112).

Devido à raça negra, os negros foram considerados uma mancha ao novo mundo, a população branca elitizada preferiu substituí-los por imigrantes europeus, como forma de branquear a nação brasileira, porque aos olhos da sociedade não precisava de negros, “leis de imigração considerava a população brasileira como feia e geneticamente inferior por causa da presença do sangue negro-africano” (NASCIMENTO, 1978, p. 70). Dessa forma, segundo Azevedo:

O ex escravo e seus descendentes saíram espoliados da escravidão e despreparados para o trabalho livre, incapazes, enfim, de se adequar aos novos padrões contratuais e esquemas racionalizadores e modernizantes da grande produção agrícola e industrial, tornando-se doravante marginais por força da lógica inevitável do progresso capitalista (AZEVEDO, 2004, p. 18).

Por esse viés, a população paulista fizera tudo para retirar os negros das áreas centrais e deslocados para outras regiões. Os “bem nascidos”, nesse caso os brancos, consideram os afros sem disciplina e modernização, incapazes para assumir as novas demandas do novo mundo capitalista. Os negros eram considerados os mal-nascidos. Isso posto, era necessário distanciá-los da branquitude, criam, então, o rótulo de raça e inferior, como destaca Nascimento:

Autoridades governamentais e sociedade dominante, se mostraram perfeitamente satisfeitas com o ato de condenar os africanos “livres”, e seus descendentes, a um novo estado econômico, político e cultural “livres”, e seus descendentes, a um novo estado econômico, político e cultural de escravidão-em-liberdade. Nutrido no ventre do racismo, o “problema” só podia ser, como de fato era, cruamente racial: como salvar a raça branca da ameaça do sangue negro, considerado explícita ou implicitamente como “inferior” (NASCIMENTO, 1978, p. 67).

Assim, a escravidão não cessaria, era mantida sob meios da falsa libertação

²⁵ Para Íáris Ramalho Cortês no ensaio “DIREITO: A TRILHA LEGISLATIVA DA MULHER”, o Brasil já passou por oito Constituições, sendo a primeira a de 1824, dois anos após tornar-se independente de Portugal. Essa Constituição, quando falava de “cidadãos brasileiros”, na verdade, falava do homem com propriedades, pois a mulher – juntamente com os escravos e os homens livres pobres – estava excluída de praticamente todos os atos da vida civil, como votar e ser votada, exercer cargo público, entre outras restrições (CORTÊS, 2013, p. 127).

escravocrata de democracia racial. Como argumenta Chiavenato (1999), a ideologia de que o negro era inferior, a classe dominante acreditava que podia usá-lo como quisesse, sem considerar sua condição humana. Destarte não era necessário branquear, mascarar, pois negros, por si só tornariam marginais em sociedade.

Conforme Nascimento (1978) na verdade, o que a população esperava era que a raça negra, considerada impura viria a ser extinta do Brasil, por desaparecer do novo mundo capitalista. Assim, prevaleceria a única raça considerada pura, a branca. O autor cita até uma crítica relacionada a Silvio Romero e João Batista de Lacerda, os quais presumiam até a data da extinção, conclui-se,

[...]...não... constituiremos uma nação de mulatos; pois que a forma branca vai prevalecendo e prevalecerá. [...] Enquanto João Batista de Lacerda, único delegado latino-americano ao Primeiro Congresso Universal de raças, em Londres, 1911, predisse que no ano de 2012 a raça negra teria desaparecido do Brasil. [...] Isto coincidirá com a extinção paralela da raça negra em nosso meio. [...] Afrânio Peixoto, médico e escritor, revelou mais tarde que: Trezentos anos, talvez, levaremos para mudar de alma e alvejar a pele, e se não-brancos, ao menos disfarçados, perderemos o caráter mestiço. Dentro de um século, ou de três séculos, isto pouco importa; o que se fazia essencial e indisputável era a necessidade de embranquecer o povo brasileiro por dentro e por fora ... (NASCIMENTO, 1978, 72 -73).

Como revela o exposto, a tendência era de que o negro fosse totalmente eliminado do solo brasileiro, assim a raça branca se fizesse única. Segundo Nascimento (1978), até mesmo o recenseamento contribuiu para isto, pois, em 1970 nas estatísticas, a população branca predominava no contexto brasileiro.

Esse branqueamento, possibilitou que muitas mulheres negras continuassem a ser estupradas pelo senhor como forma de colocar fim na mancha negra: “O crime de violação cometido contra a mulher negra pelo homem branco continuou como prática normal através das gerações” (NASCIMENTO, 1978, p. 69). De acordo, com o autor:

Tais teorias científicas forneceram suporte vital ao racismo arianista que se propunha erradicar o negro.[...] Em várias oportunidades a Câmara dos Deputados considerou e discutiu leis nas quais se proibia qualquer entrada no Brasil de indivíduos humanos das raças de cor preta. (1921-1923) (NASCIMENTO, 1978, p. 71).

Assim sendo, muitos negros continuaram à mercê da branquitude burguesa, com ideologia do discurso racista e da inferioridade. A maioria não obtinha terras, muitos se sujeitaram às falsas promessas dos senhores, que doavam pedaços de terras, em troca mantinham o trabalho braçal do negro nas fazendas. Como revela Chiavenato (1999), a Lei

Áurea²⁶ contribuiu para haver um “sem final feliz”, pois, após a liberdade, os escravos não tinham profissão, eram considerados “brancos e vagabundos” (CHIAVENATO, 1999, p. 117).

De acordo, com Nascimento (1978), no final do mandato de Getúlio Vargas foi assinado o decreto de 18 de setembro de 1945, que autorizava a entrada de imigrantes para o processo de miscigenação ocorrer, entretanto, Gonzales (1998); Ribeiro (2017) e Kilomba (2019) reiteram que havia o racismo e continuava a fazer suas vítimas diariamente, na sociedade brasileira contemporânea.

O livro *Olhos d'Água* (2014) faz aproximações simbólicas com essas realidades sociais ao abordar a vida dos protagonistas, como moradores de favelas, sem meios de proteção e sobrevivência. Os protagonistas da obra são resistentes, lutam, assim como visível no processo escravocrata, lugar que foram reservados a comunidade negra, o negro na “corda bamba da vida”²⁷.

2.1.3 Identidade e resistência feminina negra na literatura negro-brasileira

Ribeiro (2017) afirma que o processo de escrita de resistência feminina e negra é anterior ao processo de escravidão – o problema foi a – invisibilidade da mulher negra nos discursos hegemônicos femininos. Conforme a autora, o fato aconteceu em meio as lutas por igualdades de direitos pelo feminismo, logo, houve a inexistência das causas do feminino negro nas primeiras pautas feministas e, brancas, porque havia privilégios sociais. Sobretudo,

[...] mesmo quando mulheres negras começaram a escrever sobre a invisibilidade da mulher negra como categoria política e a denunciar esse apagamento. O que a voz de Sojourner traz, além de inquietações e necessidade de existir, é evidenciar que as vozes esquecidas pelo feminismo hegemônico já falavam há muito tempo. A questão a ser reformulada é: porque demoraram tanto a serem ouvidas? (RIBEIRO apud TRUTH, 2017, p. 16).

Como exposto, a escrita de resistência das mulheres negras se fez presentes, como argumenta Bernd (1998), que as lutas femininas negras pela busca de suas próprias

²⁶ A **Lei Áurea** ou Lei Imperial número 3.353 foi aprovada em 13 de maio de 1888, abolindo a escravidão no Brasil. Na época, a ordem libertou cerca de 700 mil escravos que ainda existiam no país. Apresentado pelo senador **Rodrigo Augusto da Silva** ao Senado Imperial Brasileiro no dia 11 de maio de 1888, o projeto de lei foi aprovado em dois dias. Após a aprovação, o projeto foi enviado para sanção da **Princesa Isabel**, que na época era Princesa Regente (<https://www.educamaisbrasil.com.br/>).

²⁷ CHEVALIER; GHEERBRANT (2001), “A corda está ligada de maneira geral ao simbolismo da ascensão, como árvore, a escada, o fio de teia de aranha. A corda representa o meio, bem como o desejo de subir” (p. 285).

identidades são incessantes, visto que: “A própria identidade feminina fica abafada sob a imperiosa necessidade de falar em nome da comunidade, de conclamar seus membros à luta e de construir a ferro e fogo uma identidade” (BERND, 1998, p. 98).

Para Alfredo Bosi, no livro *Literatura e resistência* (2002):

Resistência é um conceito originalmente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir; o antônimo familiar é de/sistir” (BOSI, 2002, p. 118).

O excerto configura a luta negra de resistência desde os primórdios, a qual apela para insistência e não à desistência. Essa perspectiva ganha amparo na escrita ficcional de Evaristo, por meio da entrevista ao *Correio da Manhã* (2023), a escritora afirma que o conceito de denúncia na sua escrita ocorre, conforme a grafia de mulheres negras: “As mulheres negras, apesar do machismo que nos cerca, conseguem criar redes de denúncia e de cumplicidade que os homens não são capazes de fazer. Em meus livros, a denúncia se dá pelo enredo, retratando as zonas de risco que nos cercam no dia a dia” (EVARISTO, 2023, s/p).

A ativista Anzaldúa (1981) argumenta acerca do modelo hegemônico epistêmico, branco e a recusa em aceitar uma mulher negra como escritora. Para a autora o branco se recusa a conhecer a identidade etnocêntrica, prefere manter a mulher negra nesse lugar que anos as subjugaram como inferiorizada e submissa: “A negra doméstica, a pesada ama de leite com uma dúzia de crianças sugando seus seios” (ANZALDÚA, 1981, p. 230). Anzaldúa apoiada nos estudos de Alice Walker diz que:

O homem branco diz: Talvez se rasparem o moreno de suas faces. Talvez se branquearem seus ossos. Parem de falar em línguas, parem de escrever com a mão esquerda. Não cultivem suas peles coloridas, nem suas línguas de fogo se quiserem prosperar em um mundo destro” (ANZALDÚA, 1981, p. 230).

Constata-se que o medo do homem branco se relaciona ao fato das relações de poder, de desequilíbrio, porque a escrita feminina e negra rompe com as confortáveis imagens de estereótipos afirmados pelo branco em relação à mulher negra.

De acordo com Bhabha²⁸ o uso dos estereótipos, “é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação que,

²⁸ Livro traduzido por Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Editora: UFMG, Belo Horizonte, 1998.

ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite)” (BHABHA, 1998, p. 117). Assim como revela Gonzales, que a população brasileira em termos geográficos era composta na maioria por africanos, “amefricanidade”, entretanto, o que vê é uma “*Neurose Cultural* brasileira”, porque segundo a autora a cultura brasileira tem no “racismo o sintoma por excelência” (GONZALES, 1988, p. 69).

De acordo com Gonzales amparada nos estudos de Freud, essas problemáticas em torno dos ladinoamefricanos refere a “denegação (*Verneinung*) “Processo pelo qual o indivíduo, embora formulando um de seus desejos, pensamentos ou sentimentos, de recalcado continua a defender-se dele, negando que lhe pertença”. E o objeto parcial (*Partialobjekt*), onde rotula o corpo da mulher negra como objetos de fantasias eróticas sexuais brasileiras de forma violenta e desprezível: “Elas se concentram no objeto parcial por excelência da nossa cultura: a bunda” (GONZALES, 1988, p. 69 - 70). Além da rotulação da bela mulata, doméstica e mãe preta.

A identidade negra foi usurpada pelo véu ideológico do branqueamento, a língua, o dialeto, as crenças, as danças foram transformadas em folclorização, porque a cultura popular minimizou “a importância da contribuição negra” (GONZALES, 1988, p. 70). As línguas africanas, no Brasil, foram transformadas em objeto de estereotipação, como o “pretoguês”, segundo a autora esse termo que prevalece até a atualidade como crítica à língua falada pelos africanos escravizados, no Brasil.

Nessa perspectiva, Stuart Hall no livro: *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006) afirma que,

[...] não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma grande família nacional. Mas seria a identidade nacional uma identidade unificadora desse tipo, uma identidade que anula e subordina a diferença cultural? (HALL, 2006, p. 59).

O conceito de identidade está atrelado ao conceito de cultura e não o ponto de localização e a individualização do eu do indivíduo como apregoado pela ciência da razão. Conforme Bernd (2003), os discursos literários eram estabelecidos, conforme parâmetros europeus, com isso, até metade do século XIX a historiografia literária brasileira assentava nos discursos de melhor representação do pensamento nacionalista, por isso, os escritores que não se encaixavam nesses discursos hegemônico, eram excluídos e silenciados pelo cânone literário e:

O discurso literário terá o mesmo papel do bobo da corte (*le fou du roi*), sendo o único que pode rir do rei, pois, devido à sua aparente frivolidade e o seu caráter ficcional e simbólico não é levada a sério, passando muitas vezes pelo crivo da censura que não chega a perceber seu caráter subversivo. Este é o inigualável poder que possui a literatura, e os grandes escritores têm sido justamente aqueles que conseguem usar este potencial subversivo da literatura para desestabilizar os sistemas sem comprometer a literariedade. (BERND, 1998, p. 100).

Nota-se que Bernd apoiada nos estudos de Hegel reafirma que esse conceito universal da literatura negou a África e as Américas, porque para a filosofia da história: “mundo de negros e de índios seu destino era a condenação a permanecerem em estado natural, a menos que, tocados pelo espírito, em contato com os colonizadores” (BERND, 2002, p. 23). Por essa razão, Hall chama de “identidade tardia”, as identidades estão a passar pelo processo de “crise de identidade”.

As estruturas que por tempos foram estabelecidas como únicas, detentoras e estáveis, na modernidade, no final do século XX sofreram abalos estruturantes com novas mudanças na sociedade. Essa concepção de identidade única que desde o Iluminismo definia núcleo, essência e existência “como sujeitos humanos” está em crise (HALL, 2006, p. 10).

A ideia Iluminista de razão, à consciência e à ação do indivíduo baseava em si próprio, esse conceito foi modificado no sujeito sociológico, o qual questionava essa autonomia. E, entende, que a identidade estaria em conformidade com modos de vida, cultura de cada grupo, na interação “entre o eu e a sociedade” (HALL, 2006, p. 11). E não acabada em si. Por isso, o conceito de verdade firmado pela ideia iluministas elucida que, “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2006, p. 13).

A nova demanda da globalização, nas sociedades modernas e pós-modernas, Hall (2006) afirma que o conceito de identidade individual do sujeito, nessa nova sociedade está constantemente, em processo de mudanças, o que diverge das sociedades tradicionais.

De acordo com Bernd (2003), a partir dos anos de 1960, o conceito de identidade individual foi questionada pela identidade cultural, porque as literaturas minorizadas não aceitavam tais demarcações originadas dos grupos hegemônicos literários “de literatura periféricas, conexas e marginais e reivindicam um estatuto autônomo no interior do campo instituído”(BERND, 2003, p. 15). A autora reafirma que,

[...] como um desafio à instituição literária, as literaturas emergentes, às vezes ainda próximas de seu passado colonial (como por exemplo, às

jovens nações africanas) estão destinadas a desempenhar um papel fundamental na elaboração da consciência nacional. Igualmente, as literaturas dos grupos discriminados – negros, mulheres, homossexuais – funcionam como o elemento que vem preencher os vazios da memória coletiva e fornecer os pontos de ancoramento do sentimento de identidade, essencial ao ato de auto-afirmação das comunidades ameaçadas pelo rolo compressor da assimilação (BERND, 2003, p. 15).

Nessa perspectiva, a identidade não é acabada no sujeito individual, porque depreende do processo cultural, em que as ações são determinadas pelas identidades individuais e coletivas. Pois, os processos são construídos a partir da determinação de identidade e entidade. Com isso, “a consciência de si toma sua forma na tensão entre o olhar sobre si próprio – visão do espelho, incompleta – e o olhar do outro ou do outro de si mesmo – visão complementar” (BERND, 2003, p. 17).

Assim, a identidade coletiva é estabelecida em forma de mosaico em que a construção gira em torno dos diversos grupos sociais e suas diversas histórias. Nessa junção, é formado o todo e não isoladamente como afirmado nas identidades estáveis e autênticas nacional e universal.

Assim como ocorre na escrita feminina e negra brasileira, “o texto literário torna-se o espaço onde diversas dimensões identitárias são convocadas a integrar a trama discursiva: a escritora quer fazer-se reconhecer por sua pertença ao sexo feminino, ao grupo étnico negro e à sociedade brasileira” (BERND, 2003, p. 17).

De acordo com Proença Filho (2004) diversos autores negros na busca de construções de suas próprias identidades engatam ações em prol da luta contra o Racismo disfarçado brasileiro, escrevendo romances, contos e poesias de resistências. Como, “elementos decisivos na luta pela eliminação das discriminações e pela conquista do lugar que lhes pertence de direito e que o grupo dominante insiste em negar, das mais variadas maneiras, ostensiva ou disfarçadamente” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 185. Grifos do autor).

Como afirma Eduardo de Assis Duarte acerca dos discursos literários contemporâneos dos afros-brasileiros, “[...] a presença do passado – um passado que não passa – e que remete tanto aos ancestrais e seus reverenciados saberes, quanto aos antepassados, com suas vivências e sofrimentos, hoje reproduzidos nos périplos dos descendentes” (DUARTE, 2020, p. 82).

Entretanto, Bhabha (1998) enfatiza a questão da fixidez e do fetichismo das identidades culturais, para que o escritor não caia na repetibilidade “das conjunturas

históricas e discursivas mutantes” (BHABHA, 1998, p. 106). E, no ato de defesa, não reconhecer as diferenças e acabar por recusar como foi estabelecido no colonialismo brasileiro.

CAPÍTULO 3

A VIDA NA CORDA BAMBA

CAPÍTULO 3 - A VIDA NA CORDA BAMBA

Neste capítulo discutiremos a vida na corda bamba: as violências e os crimes sofridos e/ou praticados pelos personagens protagonistas fictícios negros nas narrativas de cinco contos de *Olhos d'água* (2014), de Evaristo, para evidenciar o proposto no início desta pesquisa. Conceição Evaristo é uma escritora em pleno exercício. É contista, romancista, ensaísta, poetisa e novelística. Desse modo, o pesquisador Schollhammer (2009) no livro *Ficção brasileira contemporânea*²⁹ em seus estudos estéticos literários afirma que:

O contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo. Assim a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam de sua lógica. Ser contemporâneo, segundo esse raciocínio, é ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 9-10).

Como vemos na citação, a literatura contemporânea se configura numa óptica de reconhecimento e comprometimento a partir da realidade histórica, assim enxergar o presente. Segundo o autor, existe urgência nesses escritores para elevação de visibilidade midiática, acadêmica e dos leitores em torno da problemática. O que configura a escrita evaristiana.

Em *Olhos d'água* (2014), os protagonistas dos contos são moradores de favela, logradouros que não possui nem nome, o que é atribuído ao fato de referenciar as diversas favelas existentes nas cidades do Brasil afora, os protagonistas são carentes de sobrenomes e alguns até mesmo de nome próprio, necessitando de toda assistência social. Como argumenta, Dianne Cristine Rodrigues de Melo, no ensaio: *Escrevivência e exclusão nas práticas de leitura e escrita*, que:

No Brasil, as desigualdades são perpetuadas, dentre outros fatores, pela má distribuição de acesso a esses bens culturais, pela falta de uma educação pública de qualidade com equidade e, principalmente, pela pouca oferta de oportunidades de aprendizagem para famílias pobres, periféricas e na maioria negras (MELO, 2020, 247).

²⁹ ORGANIZADOR DA COLEÇÃO: Evando Nascimento. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. - (Coleção contemporânea: Filosofia, literatura e artes). 1. Ficção brasileira - Século XXI - História e crítica 2. Pós-modernismo (Literatura) - História e crítica. I. Título.

O fragmento ganha amparo nas discussões narrativas de Evaristo, pois conforme a escritora em sua entrevista (2020), o território brasileiro continua marcando o seu chão com sangue dos donos primeiro da terra.

Contudo, Evaristo, nas suas entrevistas, sempre afirma que esse tecido ficcional na sua escrita em que os protagonistas são levados à morte e, de forma sempre violenta, é o que permite ganhar uma nova vida, porque o leitor se comove com aquela cena brutal e se ver inserido nesse sistema opressor, carente de mudanças. Em consonância, Cuti (2010) afirma que a atitude dos escritores negros em mostrar essas problemáticas na comunidade negra é o anseio por mudanças educacionais, sociais, porque o Brasil é de todos os brasileiros. Ademais, o negro na escravidão considerava o ato da morte como libertação e purificação da carne, porque a vida era de ardores. A seguir apresentaremos as análises dos cinco contos abordados.

3.1 A vida nas margens e a resistência do negro

Nesta análise apresentaremos o conto, “Ana Davenga”. A narrativa compõe a coletânea de contos do livro *Olhos d’ água* (2014), de Conceição Evaristo. Neste conto, a escritora cria duas personagens femininas, Ana e Maria Agonia, entretanto uma o oposto da outra. Ana, mulher negra, pobre, submissa e Maria Agonia, branca, evangélica, filha de pastor, que utilizava o corpo para o prazer sexual. Contudo, duas mulheres com o mesmo fim trágico, pois tiveram suas vidas ceifadas, devido ao relacionamento amoroso com o personagem Davenga, um chefe de quadrilha. Ademais, a escritora coloca em cena as faces da violência por parte do masculino, que independente de ser negro ou branco é machista, covarde, é violento e agressor.

A narrativa traz as personagens protagonistas Ana e Davenga. Ana conheceu Davenga em uma roda de samba e no mesmo dia subiu o morro para morar com o companheiro: “desde aquele dia, Ana ficou para sempre no barraco e na vida de Davenga. Não perguntou de que o homem vivia” (EVARISTO, 2014, p. 26). O casal morava numa favela no morro, em condições precárias de vulnerabilidade social. No entanto, não é especificado o nome desta favela na trama. Características marcantes da escrita de Evaristo, como forma de retratar o contexto social que atinge toda a comunidade negra, independente de cidade e estado, estão expostos às mesmas discriminações raciais, como sujeitos inferiores sociologicamente.

O protagonista Davenga exercia a função de um patriarca, chefe de quadrilha no morro: “o barraco do casal, Davenga e Ana era uma espécie de quartel-general, e ele era o chefe. Ali se decidia tudo [...] Ali armava e confabulava com os outros todas as proezas”(EVARISTO, 2014, p. 22). Davenga possuía os comparsas homens, juntamente com suas esposas, para o trabalho nas funções do comércio ilegal, e todos obedeciam as suas ordens. Suas imposições eram inquestionáveis no grupo, porque conforme a narrativa: “Era preciso cuidado. Davenga era bom. Tinha um coração de Deus, mas, invocado, era o próprio diabo” (EVARISTO, 2014, p. 22). Conforme, Dias (2013), o homem negro, diante de algumas insatisfações, exercia em relação ao grupo étnico as piores violências, semelhantes as práticas dos senhores brancos no patriarcado.

Problemáticas evidenciadas quando Davenga levou Ana para morar consigo, mesmo os companheiros de luta ilegais não gostando, porém não questionaram o fato: “E de repente, sem consultar os companheiros, mete-se ali dentro uma mulher. Pensaram em escolher outro chefe e outro local para quartel-general, mas não tiveram coragem” (EVARISTO, 2014, p. 22). Por medo da atitude violenta que poderia desencadear no chefe.

A narrativa de Evaristo (2014) ganha amparo nos estudos sociológicos e históricos de Skidmore (1976), o autor afirma que esse poder de supremacia exercido pelos senhores era imitado pelos negros fragilizados e sempre ocorria de forma violenta na vida das pessoas do grupo familiar e étnico, os vulneráveis, pois, esses atos determinavam quem mandava, quem ditavam as regras, no Brasil colonial, conceito que segundo o autor, se faz presente, na atualidade.

O personagem Davenga era extremamente violento, possessivo e opressor das vítimas nas práticas dos crimes cometidos:

O que ele gostava mesmo era de ver o medo, o temor, o pavor nas feições e modos das pessoas. Quanto mais forte o sujeito, melhor. Adorava ver os chefões, os mandachuvas se cagando de medo, feito aquele deputado que ele assaltou um dia. Foi a maior comédia” (EVARISTO, 2014, p. 24)

O fragmento evidencia as práticas violentas do masculino negro exercido sobre suas vítimas, características que assemelham ao colonialismo brasileiro e prevalece impregnado na mentalidade do indivíduo na contemporaneidade social. Davenga ao assaltar um deputado esclarece que ele queria visitar a família bem vestido assim como trajava o político.

Como argumenta Freyre (2004) o poder de supremacia nas terras brasileiras era

centrado no homem branco. O patriarca obtinha o poder de apadrinhamento e, com isso, era tido como pai e as suas ordens eram inquestionáveis nos setores públicos da época do Brasil patriarcal colonial e até no Brasil República, de modo a repercutir na atualidade.

No conto, a violência psíquica também é exercida no grupo, cujos membros deviam lealdade ao chefe. Quando Davenga levou Ana para morar consigo no barraco, deixou seus comparsas sob aviso, [...] “qualquer um que bulisse com ela haveria de morrer sangrando nas mãos dele feito porco capado. Os amigos entenderam” (EVARISTO, 2014, p. 22).

Nota que a atitude de Davenga é de detentor de tudo e de todos que vivem ao seu redor, os quais deveriam respeito absoluto, afinal Ana passaria a ser a mulher do chefe, com isso, a personagem feminina e negra aqui é protegida, diferentemente do patriarcado que a mulher negra era abusada. A narradora reafirma que os atritos se deram em relação à chegada de Ana no quartel-general pelo fato da beleza e do corpo saliente, que gerava nos companheiros de Davenga desejos incestuosos, mas os comparsas sabiam que era a mulher do chefe e deviam respeitá-la.

Dessa forma, os companheiros de luta e práticas ilícitas do mundo dos delitos e crimes de Davenga passaram a enxergar Ana como uma irmã. No conto é evidente que Conceição Evaristo ao destacar a saliência do corpo de Ana, e ao colocar o termo como incestuosos, busca impregnar no pensamento do masculino, principalmente do masculino negro o respeito às mulheres, negras, o rompimento dos paradigmas ideológicos da mulher negra como quente, detentora de prazeres apregoado na literatura ocidental.

No conto, a narrativa expõe que o personagem Davenga, ao conhecer Ana em uma roda de samba, diversos sentimentos foram desencadeados na memória, o fato de Ana parecer uma bailarina nua na televisão, mas, ao mesmo tempo, uma dançarina liberta que dançava numa festa de uma aldeia africana. Além disso, Ana retoma o passado memorialístico do personagem em relação às mulheres do ciclo familiar, lembrou da mãe, das irmãs, das tias, das primas e até da avó, a velha Isolina, mulheres que fazia anos que não as via, devido a sua mudança de local de origem em Minas Gerais. A narrativa evidencia que,

[...] ela estava ali, faceira, dançando macio. Davenga gostou dos movimentos do corpo da mulher. Ela fazia um movimento bonito e ligeiro de bunda. Estava tão distraída na dança que nem percebeu Davenga olhando insistentemente para ela (EVARISTO, 2014, p. 24).

Essas características ascendem em Davenga o desejo de ter Ana como sua única mulher, a narradora afirma que: “Seria tão bom se aquela mulher quisesse ficar com ele,

morar com ele, ser dele na vida dele [...] Estava cansado de não ter pouso certo” (EVARISTO, 2013, p. 26). Nota-se que é enfatizado o desejo não de abuso, e sim de companhia para a vida toda, rompendo a imagem da mulher negra só para anseios sexuais impostos:

Como ocorria na literatura ocidental, no qual a violência dos escravos com os feitores se davam justamente devido à violência dos corpos femininos e negros, como abordado por Dias, que: “Uma das alegações mais frequentes para o assassinato de capatazes por escravos era a reação contra o castigo excessivo ou mesmo o estupro de suas mulheres ou filhas” (DIAS, 2013, p. 177).

Essa relação da bunda da mulher negra no fragmento, Gonzales (1989) argumenta que no Brasil, patriarcal, até a atualidade fez da mulher negra símbolo do erotismo sexual. Tais problemáticas prevalecem no país contemporâneo como forma de manter a inferiorização da mulher negra na sociedade. Problemáticas que são questionadas pelos escritores negro-brasileiros na literatura, por isso, Evaristo revela esse tecido na sua ficção.

A protagonista, como forma de elucidar o casamento, entre o casal, toma para si o nome Davenga como sobrenome: “Ana resolveu adotar o nome dele. Resolveu então a partir daquele momento se chamar Ana Davenga. Ela queria a marca do homem dela no seu corpo e no seu nome” (EVARISTO, 2014, p. 26-27).

No entanto, a protagonista Ana vive um relacionamento opressivo e conturbado com o protagonista Davenga, que constantemente foge dos policiais por ser um traficante e assaltante procurado pela justiça. Passa dias e até meses fora do barraco, e Ana ali sozinha, presa dentro de casa à espera do seu homem. A narrativa evidencia que mesmo Ana permanecendo sozinha no barraco era respeitada por todos, afinal, ela era a senhora, esposa do chefe.

Ana exercia a função de acolhida das outras mulheres dos companheiros de Davenga, devido ao longo tempo que eles passavam fora de casa. Mesmo distante, Davenga mantinha o sustento da companheira. O que ganha amparo nos estudos de Dias (2013): “Na vida das escravas, as uniões conjugais podiam tanto servir como estratégia de sobrevivência quanto ser mais uma fonte de sofrimento” (DIAS, 2013, p. 177).

A narrativa afirma que Ana sabia da atividade exercida pelo companheiro e era aceitável para evitar atritos na relação conjugal:

Ela não estranhava nada. Muitas vezes, Davenga mandava que ela fosse entregar dinheiro ou coisas para as mulheres dos amigos dele. Elas recebiam as encomendas e mandavam perguntar quando e se seus homens voltariam. Davenga às vezes falava do regresso, às vezes não. Ana sabia

bem qual era a atividade de seu homem (EVARISTO, 2014, p. 26).

O que evidencia a submissão de Ana, e ao mesmo tempo estratégia de sobrevivência, o que configura algumas mulheres negras no Brasil colonial, as quais se tornavam cúmplices dos senhores a fim de obter algum recurso de libertação como afirma Nepomuceno (2013), entretanto comprova a atualidade em que muitas mulheres negras, pardas, e até mesmo brancas submetem a relacionamentos abusivos por falta de recursos financeiros ou até mesmo por paixão e medo, como argumenta Sueli Carneiro (2003) acerca da violência de gênero.

A protagonista sabe das atividades ilícitas do marido, e se torna cúmplice: “Depois de certo tempo, Davenga comunicou a todos que aquela mulher ficaria com ele e nada mudaria. Ela era cega, surda e muda no que se referia a assuntos dele” (EVARISTO, 2014, p. 22). O que assemelha também ao modelo de mulher do século XX, como argumenta Carla Bassanezi Pinsky, no ensaio *“Imagens e representações 2: a era dos modelos flexíveis”* que:

A imagem de mulher associada a esse tipo de casamento de relações mais equilibradas é a da “parceira” do homem, que, embora compartilhe alegrias e tristezas com o companheiro, mantém a sua individualidade. Ambos são “cúmplices”, tanto que, para a mulher, investir na união conjugal não é mais garantir o respeito social, a segurança financeira ou mesmo o fim da solidão a qualquer custo. É, sim, dividir com o cônjuge certas dimensões de sua vida (PINSKY, 2013, p. 255).

Ana exercia uma relação de parceria, de cumplicidade com o companheiro, não questionava nenhuma prática considerada indevida. Sua postura era neutra como forma de evitar qualquer situação conflituosa, seu papel era de esposa ideal.

No entanto, Ana, sem se dar conta, vivia sob o olhar possessivo do companheiro, pois era extremamente vigiada pelo grupo de Davenga e controlada pelo companheiro. A narrativa ganha amparo nos discursos de Dias (2013) acerca da violência e os ciúmes possessivos dos homens no modelo patriarcal de chefe de família, ao chegar a extremar de violência:

Entre 1870 e 1888, na fase final da escravidão, as alforrias se ampliaram para os espaços rurais, principalmente as áreas de terras gastas e de senhores empobrecidos. Muitas roceiras passaram a vendedoras e quitandeiras e, uma vez nas cidades, conseguiram comprar a própria alforria. O movimento dessas mulheres rumo à liberdade foi uma aventura árdua, com embaraços e impedimentos de todo tipo e nas mais diferentes instâncias, incluindo as violências perpetradas no seio familiar em nome de uma suposta honra masculina (DIAS, 2013, p. 183).

A citação revela essas violências no seio familiar do feminino negro, o que configura as violências exercidas pelo personagem Davenga sobre a vida de Ana. Ele passava dias, meses fora do recinto familiar, mas era só Ana sair para colocar roupa no varal ou conversar com vizinha, o personagem aparecia repentinamente:

Às vezes, ficava dias e dias, meses até, foragido, e quando ela menos esperava dava com ele dentro de casa. Pois é, Davenga parecia ter mesmo o poder de se tornar invisível. Um pouco que ela saía para buscar roupas no varal ou falar um tantinho com as amigas, quando voltava dava com ele, deitado na cama. Nuzinho. Bonito o Davenga vestido com a pele que Deus lhe deu. Uma pele negra, esticada, lisinha, brilhosa. Ela mal fechava a porta e se abria todinha para o seu homem. Davenga! Davenga! (EVARISTO, 2014, p.23).

A citação confirma a desconfiança excessiva do companheiro, além das atitudes manipuladoras do ato sexual, como forma de manter a mulher sob seus cuidados excessivos, presa dentro de casa. Enquanto Ana achava que seu homem estava longe, ele estava por perto o tempo todo, a vigiar seus atos e comportamentos. O que configura o colonialismo brasileiro, havia escravos que, por desconfiança, tiravam a vida da companheira, de forma cruel, perversa e atroz. Como ocorre com o escravo Mariano ao sentir desconfiança da companheira Maria, em 1881, em Campinas, na casa-grande, [...] “sentiu vontade de matá-la e matar-se depois. Atacou-a, então, com algumas machadadas e, em seguida, duas facadas”(DIAS, 2013, p. 177).

No conto, até mesmo no momento de intimidade, Ana não pensava em si, e sim, na realização sexual de forma harmoniosa ao companheiro, porque Davenga, no momento de prazer, chorava feito criança e isso fazia com que Ana viria a sentir-se culpada, de certa forma, pelo sofrimento do seu homem:

Davenga que era tão grande, tão forte, mas tão menino, tinha o prazer banhado em lágrimas. Chorava feito criança. Soluçava, umedecia ela toda. Seu rosto, seu corpo ficavam úmidos das lágrimas de Davenga. E todas as vezes que ela via aquele homem no gozo-pranto, sentia uma dor intensa. Era como se Davenga estivesse sofrendo mesmo, e fosse ela a culpada (EVARISTO, 2014, p. 23).

As características desse personagem revelam muito o que Freud chama a atenção sobre o “falo”, pois a presença de Ana rememora a família. Até porque, o comportamento de Davenga no ato sexual, é infantilizado. Além disso, ele não exercia violência física com Ana, mas exercia a violência psicológica, simbólica, como aborda Pierre Bourdieu, no livro: *A dominação masculina* (2002), a violência suave, insensível e invisível sobre a vítima, exercida simbolicamente pelo ato da comunicação.

O personagem Davenga ao chorar durante o gozo-pranto, ali era imposta a violência, pois manteria Ana ao seu lado, por se sentir culpada daquele fato desconhecido. Essa articulação se dá, porque em nenhum momento era revelado o motivo do choro, a narradora diz que: “Era tudo tão doce, tão gozo, tão dor”! Que Ana pensou até em negar o ato sexual ao companheiro, mas ele procurava, pedia, caçava (EVARISTO, 2014, p. 23).

Tais práticas opressoras revela o caráter de senhor e chefe como reflete, Hahner (2013), que a mulher tinha que cumprir seu dever como esposa, pois na sociedade patriarcal, o prazer era algo fulcral ao homem, como forma definida de mostrar a virilidade do macho. Corroborando Cuti (2010) afirma que: “Os maiores problemas que o país enfrenta hoje foram plantados ontem e seus cultivadores deixaram uma legião de descendentes e seguidores” (CUTI, 2010, p. 13).

Em outra parte da narrativa, o caráter opressor e violento de Davenga é exercido sobre sua ex-namorada, Maria Agonia. Antes de conhecer Ana, Davenga havia tido um romance com a personagem Maria Agonia, uma mulher o oposto de Ana. Enquanto, Ana Davenga, se mantinha presa à espera do companheiro, o amava. A personagem Maria Agonia realizava diversas atividades religiosas, pois era filha de um pastor. A narradora afirma que era “bonita, usava uma roupa abaixo do joelho, o cabelo amarrado para trás. Uma voz calma acompanhada de gestos tranquilos” (EVARISTO, 2014, p.27).

Essa vivia pregando a palavra acerca da Bíblia nos presídios e nas praças com o pai, no entanto, exerce um caráter maléfico, pois na sociedade, transmitia a imagem de mulher santificada, mas, Maria Agonia longe do olhar social, era o oposto daquela imagem repassada nas pregações, a narradora diz que:

Ao acabar a pregação, ela saiu do meio dos outros, passou por ele e fez um sinal. Ele foi atrás. Assim que todos se dispersaram, ela falou do desejo de estar com ele. Queria ir para algum lugar, sozinhos. Foram e se amaram muito. Ele chorou como sempre. Esses encontros aconteceram muitas e muitas vezes. Primeiro na praça, a pregação, a crença. Depois tudo no silêncio, na moita, tudo escondidinho (EVARISTO, 2014, p. 27).

Diferentemente de Ana, Maria Agonia escolhe o corpo como forma de prazer, queria Davenga para realização desses prazeres sexuais e não para ser seu homem ou marido. Como argumenta, Denise Bernuzzi de Sant’Anna, no ensaio, *Corpo e beleza: “sempre bela”* que: “Para algumas jovens, o casamento não passava de um papel e era atraente imaginar uniões livres ou apenas “uma transa numa boa com a natureza”

(SANT'ANNA, 2013, p. 59). A autora supracitada enfatiza que as mudanças em relação ao corpo e ao prazer do feminino, na contemporaneidade ganharam novos contornos e que:

A história de divisão entre feias e belas começou a concorrer com uma outra: existiam as que diziam ter assumido seus desejos e aquelas que tinham medo de fazê-lo. Mas era difícil perceber o quanto uma mulher que se assumia o fazia por coragem ou medo, conveniência ou inconformismo. Mesmo assim, a expressão “assumir” se banalizou na imprensa. (SANT'ANNA, 2013, p. 59).

Nota no excerto as mudanças com o feminino, após a virada do século e do golpe militar. Contudo, o masculino continua preso às raízes da superioridade de gênero, pois essa escolha da insubordinação lhe custará a vida, o destino de Maria Agonia é trágico, Davenga, ao pedir Maria Agonia para morar consigo: “Propôs que ela subisse o morro e ficasse com ele. Corresse com ele todos os perigos. Deixasse a Bíblia, deixasse tudo” (EVARISTO, 2014, p. 27). Como resposta, escuta a recusa da personagem, como aborda a narradora que:

Maria Agonia reagiu. Vê só se ela, crente, filha de pastor, instruída, iria deixar tudo e morar com um marginal, com um bandido? Davenga se revoltou. Ah! Então era isso? Só prazer? Só o gostoso? Só aquilo na cama? Saiu dali novamente a Bíblia (EVARISTO, 2014, p. 27-28).

A narrativa evidencia que Davenga, revoltado, por não aceitar um não como resposta, reage de forma covarde, comete a pior atrocidade à vítima. Primeiro usa o corpo da vítima, como demonstração de dono, e posteriormente, manda matar de forma fria e calculista, a narradora revela que:

Saíram juntos do motel; a certa altura, como sempre, ele desceu do carro e caminhou sozinho. Não havia de ser nada. Tinha alguém que faria o serviço para ele. Dias depois, a seguinte manchete aparecia nos jornais: “Filha de pastor apareceu nua e toda perfurada de balas. Tinha ao lado do corpo uma Bíblia (EVARISTO, 2014, p. 28).

O fragmento comprova que independente de classe e raça, as mulheres não estão livres da violência do masculino, que se acha detentor desse corpo. Além disso, a narrativa revela a covardia do personagem Davenga que não tem coragem suficiente, ele manda matar em um ato macabro. Maria Agonia foi assassinada a mando de Davenga, pelo fato da insubserviência diante da imposição do masculino, que não aceitou o direito de escolha da jovem, sobre suas decisões sociais de forma igualitária. A narrativa de Evaristo ganha amparo no discurso de Íáris Ramalho Cortês, na “Lei n. 11.340 (Lei de Combate à Violência Doméstica) a Lei Maria da Penha conceitua a violência doméstica e familiar contra a mulher e apresenta suas diversas formas: física, sexual, psicológica, patrimonial e moral”

(CORTÊS, 2013, p. 127).

Neste conto, Evaristo impõe sua escrita literária negra, pois na literatura ocidental, a mulher branca exerce o papel de santa e a negra de demoníaca. Aqui, o próprio nome revela a insatisfação da personagem, “Agonia”, mostra o caráter duplo, como forma de evidenciar que o problema é estrutural e não cunhar esse erotismo no corpo feminino negro. Porque Ana assume socialmente Davenga, enquanto Maria transmite para a sociedade um olhar diferente de sua conduta, contrapondo o abordado na literatura brasileira do cânone.

Noutra parte da narrativa, a protagonista Ana, mesmo diante da incerteza de um futuro promissor, engravidar do companheiro e estava muito feliz por está grávida. A narrativa afirma que:

Ana Davenga alisou a barriga. Lá dentro estava a sua, bem pequena, bem sonho ainda. As crianças, havia umas que de longe ou às vezes de perto, acompanhavam as façanhas dos pais. Algumas seguiriam caminhos diferentes. E o filho dela com Davenga, que caminho faria? Ah, isto pertence ao futuro (EVARISTO, 2014, p. 29).

Mas Ana sabia, que, o futuro, na favela, era incerto, [...] “o futuro ali chegava rápido. O tempo de crescer era breve. O de matar ou morrer chegava breve, também” (EVARISTO, 2014, p. 29). De acordo com Ruben George Oliven, no livro: *Violência e cultura no Brasil* (2010), a violência relacionada a assaltos e roubos teve crescimento em decorrência capitalista, porque as “cidades representam espaços nos quais suas contradições se tornam mais evidentes, a riqueza e a opulência vivendo lado a lado com a mais flagrante miséria” (OLIVEN, 2010, p. 10). A personagem Ana representa esse cenário de pobreza, à medida que a protagonista, aos vinte e sete anos, nunca tinha tido uma festa de aniversário.

Caminhando para o desfecho final, Ana ganha a festa do companheiro Davenga, com direito a samba, muita comida, bebida e a presença de todos os companheiros, esposas, filhos. A narrativa mostra o transbordamento de alegria de Ana: “O barraco de Ana Davenga, como o seu coração, guardava gente e felicidades” (EVARISTO, 2014, p. 29). Conforme a narradora, Ana era tão viciada na dor que aquele momento ela queria guardar e retardar na memória.

Nesse dia, o casal se descuida no momento final de realização sexual em que Ana retarda o prazer para evitar sofrimento no seu homem e, quando se dão conta, o barraco estava cercado por policiais. Davenga, por medo de ir à prisão, reage, leva a mão na cintura, troca tiros com policiais, tanto Ana como Davenga são metralhados de balas. Assim:

Os noticiários depois lamentavam a morte de um dos policiais de serviço. Na favela, os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga. Em uma garrafa de cerveja cheia de água, um botão de rosa, que Ana Davenga havia recebido de seu homem, na festa primeira de seu aniversário, vinte e sete, se abria (EVARISTO, 2014, p. 30).

O excerto evidencia a falta de amparo social e visibilidade, o anúncio lamentava a morte do policial, mas, não, a morte de Ana Davenga e o companheiro. O desfecho trágico sem ter praticado ato de criminalidade algum, somente por ser mulher do criminoso. Ana demonstrava que estava grávida, nenhum gesto de compaixão ou proteção foi deferido à protagonista que morrera sem poder se defender.

O que torna evidente a escrita negro-brasileira ao mostrar o ato violento do masculino sobre o feminino em qual instância de classe ou raça. A escrita de Evaristo assemelha ao proposto por Proença filho (2004), por meio da escrita negro-brasileira, o leitor é conduzido a partir do trágico a lutar pelos direitos de igualdades, na sociedade brasileira.

O conto analisado reflete sobre a violência de gênero exercida nos corpos femininos por parte do masculino, que não aceita ser desafiado por considerar donos desses corpos. Ademais, Evaristo neste conto eleva o olhar a criminalidade e a violência exercida pelo homem sobre a mulher independente de raça e classe, ao mostrar esses crimes ocasionados por Davenga e o policial que age covardemente sobre as vítimas, sem nenhum sentimento. Sobretudo, A protagonista, Ana, representa muitas mulheres, as várias Anas, que vivem atos de violência doméstica e muitas que se envolvem com criminosos e perdem a vida em troca de tiros entre policiais e bandidos nas favelas nos morros na sociedade brasileira.

3.1.2 O negro em *Olhos d'água* e a dimensão psicoafetiva da violência e do racismo

Neste conto, Evaristo cria a personagem Duzu-Querença, uma criança que saiu do interior levada pelos pais à cidade em busca de melhores condições de vida, entretanto, depara com a exploração doméstica e violência sexual. Ao final da vida como resquício desse passado, a protagonista fica louca e morre mendiga. Conto inserido no livro *Olhos d'água* (2014), mas teve sua publicação inicial nos Cadernos Negros em 1993. Além disso, o conto traz para a discussão, o corpo negro sendo explorado mais uma vez, uma criança seduzida, estuprada e explorada, características análogas à escravidão.

Ademais, neste conto, a escritora Conceição Evaristo, assim como nos demais,

ênfatiza a dominação do masculino, visto que a mãe de Duzu é completamente silenciada, pois é o pai que decide o futuro da filha. A escritora revela a violência estrutural em que mulheres vulneráveis são exploradas por outras mulheres de classe elevada. Percebe-se que a autora busca conscientizar as mulheres acerca da defesa do feminino de forma igualitária.

As características emblemáticas da menina Duzu-Querença é a representação de muitas meninas na sociedade brasileira, que vivem num espaço de marginalização e de exclusão social, conseqüentemente da exploração, tanto de trabalho como sexual devido à miséria econômica, em que estão inseridas nos centros urbanos.

Conforme, Heloisa Toller Gomes: “Na verdade, essa mulher de muitas faces é emblemática de milhões de brasileiras na sociedade de exclusões que é a nossa. Frágil vara, corda bamba, fios de ferro, ferro de passar, a dança das metáforas as enlaça e reconstrói a vida de pessoas despossuídas” (GOMES, 2016, p. 10). Duzu-Querença representa essa realidade cruel, na vida dos pobres, raiz da escravidão, que permanece na sociedade contemporânea atual.

Para Gomes, tal problemática que “ultrapassa, decerto, o mundo negro, assim como transcende o dia de hoje” (GOMES, 2016, p. 10). Pois, Duzu-Querença é uma mulher vítima da exploração à vida toda, sem atingir seus objetivos, ao final é largada, desamparada socialmente do poder dos Direitos Humanos, restando-lhe a vida de mendiga, moradora de rua, que vive imbricada no delírio e no sofrimento.

Há uma crítica feita às questões religiosas católicas, porque, no momento em que a protagonista está passando mal, se encontra na escadaria da igreja e não é socorrida. Além disso, a visão de violência do machismo permeia o conto, pois a protagonista em um momento de alucinações é vista pelo homem com olhar de desprezo, repugnância, assim como revela a narradora, que:

Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco. Ela devolveu um olhar de zombaria. O homem apressou o passo, temendo que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhar o caminho. Duzu olhou no fundo da lata, encontrando apenas o espaço vazio. Insistiu ainda. Diversas vezes levou a mão lá dentro e retornou com um imaginário alimento que jogava prazerosamente à boca. Quando se fartou deste sonho, arrotou satisfeita, abandonando a lata na escadaria da igreja e caminhou até mais adiante, se afastando dos outros mendigos. Agachou-se quieta (EVARISTO, 2014, p. 32).

Nesse excerto do início do conto, fica visível a condição onírica na qual se encontrava a personagem protagonista, Duzu. Há o evidenciamento da invisibilidade social,

do desamparo e da exclusão diante da miséria, sobretudo, a presença de Duzu, no local é de incômodo aos demais, porque era essa imagem que a literatura canônica repassava da mulher negra ao leitor, como algo desprezível, maléfica, aquela que: “Mata-se no discurso literário a sua prole, ou melhor, na ficção elas surgem como mulheres infecundas e por tanto perigosas” (EVARISTO, 2005, p.3).

Neste conto da obra *Olhos d'água* (2014), às raízes da violência e dos crimes patriarcais se fazem presentes na literatura contemporânea. Percebe-se que a escrita evaristiana retrata um cenário de dor e crimes que assemelham as problemáticas da violência estrutural no contexto da sociedade brasileira contra os negros, assim, como visíveis no trabalho doméstico exercido pelas crianças.

Porque, abolida a escravidão, a mulher negra foi tolhida de diversos acessos sociais. Muitas continuaram a exercer as atividades nas áreas rurais, outras vendedoras ambulantes, serviços domésticos e a função de criada, como reflete Arend que:

No outro extremo social, o labor era a sina das meninas que nasciam pobres, fossem elas escravas, libertas, “ingênuas” ou livres. A partir dos 4 ou 5 anos de idade, começavam a auxiliar nas lides domésticas, com os animais (galinhas, vacas, porcos) e no cuidado de outras crianças. Nas cidades, também saíam a vender mercadorias junto dos adultos, auxiliavam na lavagem de roupas das famílias de mais posses ou eram postas para pedir esmolas. Algumas aprendiam ofícios considerados especializados, tais como a tecelagem e a costura, os relativos aos partos e benzeduras e as habilidades para produzir quitutes populares que seriam vendidos em tabuleiros ou barraquinhas nas ruas. Nas propriedades agrícolas, a mão de obra infantil feminina era utilizada, sobretudo, em atividades que exigiam habilidade manual e menor força física (AREND, 2013, p. 35).

Como comprova o fragmento, as crianças pobres iniciaram nas atividades domésticas e ademais muito novas, muitos pais acreditavam numa melhor condição de vida às filhas, caso elas iriam morar e trabalhar em casas de famílias nos centros urbanos. Como argumenta Silvia e Arend (2013), às meninas pobres não tinham muita escolha devido às limitações impostas do sistema:

Restava então, para a grande maioria das meninas sem recursos que habitavam o espaço urbano, o trabalho doméstico. Grande parte delas começava entre os 9 e 10 anos a trabalhar como babás e, com o avançar da idade, tornavam-se empregadas domésticas. Muitas das meninas e moças conhecidas como “filhas de criação” habitavam as residências das famílias das elites ou dos setores médios e recebiam como pagamento pelo seu labor somente cama, comida e algumas roupas. De maneira geral, o salário obtido pelas meninas até determinada idade contribuía para reforçar o orçamento da família e era, portanto, bem vindo (AREND, 2013, p. 39).

Muitas meninas não recebiam nem pagamento em troca do trabalho e, sim, somente roupas, moradias e comida. Além disso, muitas meninas que trabalhavam como doméstica não davam conta de conciliar trabalho e estudo, devido às longas jornadas de trabalho. Para “muitas famílias pobres, entretanto, suas filhas não precisavam estudar, pois entendiam que as meninas, desde muito cedo e sem escolaridade formal, já tinham conhecimento suficiente para ajudar os pais na manutenção da família e, depois, sobreviver na vida adulta” (AREND, 2013, p. 39).

No conto, a violência na vida de Duzu inicia cedo, a menina inicia na vida doméstica, torna prostituta no prostíbulo onde trabalhava ainda criança. Percebe-se que o pai da menina tinha esperança de que ela não passaria pelo mesmo sofrimento aos quais eles passavam. A narrativa diz que o pai da menina teve boas recomendações, por meio da filha de um amigo dele que já estava na cidade:

O pai de Duzu tinha nos atos a marca na esperança. De pescador que era, sonhava um ofício novo. Era preciso aprender outros meios de trabalhar. Era preciso também dar outra vida para a filha. Na cidade havia senhoras que empregavam meninas. Ela podia trabalhar e estudar. Duzu era caprichosa e tinha cabeça para leitura. Um dia sua filha seria pessoa de muito saber. E a menina tinha sorte. Já vinha no rumo certo. Uma senhora que havia arrumado trabalho para a filha de Zé Nogueira ia encontrar com eles na capital (EVARISTO, 2014, p. 32).

Nota que pelo fato da indicação da filha do amigo, o pai de Duzu deposita toda confiança na senhora, contudo, o pai não imaginava era que esse sonho não viria a se tornar realidade, que a sua filha seria somente objeto de exploração de serviço doméstico e exploração sexual infantil, pois, na verdade, a menina estava sendo levada à um prostíbulo. O pai da menina quer construir na descendência esperança, ascensão social, entretanto, escolha ingênua e errada. A filha não foi protegida por ele e a cafetina explora a menina por longos anos. Problemática visível na escrita evaristiana ao referenciar as pontes frágeis, na vida da menina, como aborda a narrativa que:

Quando Duzu chegou pela primeira vez à cidade, ela era menina, bem pequena. Viera numa viagem de trem, dias e dias. Atravessara terras e rios. As pontes pareciam frágeis. Ela ficava o tempo todo esperando o trem cair. A mãe já estava cansada. Queria descer no meio do caminho. O pai queria caminhar para o amanhã (EVARISTO, 2014, p. 32).

Nota que o fragmento evidencia os traços dos resquícios deixados pela escravidão. A menina Duzu se desloca do local de origem ainda criança em busca de melhores condições de vida, entretanto, num espaço de pontes frágeis, porque Duzu, o pai e a mãe

estavam desesperançosos em relação às situações reais de vida. A protagonista ficava a esperar o trem cair, a mãe cansada, e o pai queria fugir para o amanhã. Para Chevalier e Gheerbrant (2001), ponte significa “[...] aquilo que permite passar de uma margem à outra, é um dos mais difundidos universalmente” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 729).

Nesse ambiente, Duzu-Querença deparou com choques de realidades, pois haviam muitas mulheres bonitas, maquiadas e a menina achava essas mulheres lindas, queria a mesma condição social. A protagonista trabalhou por muitos anos na casa de dona Esmeraldina, era uma casa grande com muitos quartos. A menina arrumava a casa, lavava roupas e passava, a narradora afirma que Duzu-Querença trabalhava muito. Porém, não foi cumprida na vida da menina o combinado de dona Esmeraldina com o pai, pois Duzu-Querença não teve acesso aos estudos e nunca mais retornou para visitar os pais.

Em forma de *Flashback*, a narradora mostra passado e o presente na vida de Duzu-Querença, “a autora dá testemunho desse mesmo corpo discriminado, amordaçado, humilhado e violado, mas ao mesmo tempo sujeito que relembra, sonha, resiste e luta” (PINTO-BRAILEY, 2021, 13). A narradora aborda que:

A senhora tinha explicado a Duzu que batesse nas portas sempre. Batesse forte e esperasse o pode entrar. Um dia Duzu esqueceu foi entrando. A moça do quarto estava dormindo. Em cima dela dormia um homem. Duzu ficou confusa: porque aquele homem dormia em cima da moça? Saiu devagar, mas antes ficou olhando um pouco os dois. Estava engraçado. Estava bonito. Estava bom de olhar (EVARISTO, 2014, p. 32 – 33).

Nota-se que pelas atitudes de Duzu ao ver o casal daquele jeito, evidenciou que era muito nova. Fato que é confirmado a partir do momento de curiosidade em relação às características do casal. Decidiu, então, não bater mais em nenhuma porta do prostíbulo, ia entrar sem bater. A narradora diz que essa atitude de Duzu em alguns quartos era bem aceita, entretanto, noutros era repreendida. Mas, a curiosidade da menina faz com que retorne aos quartos cotidianamente:

E foi no entrar-entrando que Duzu viu várias vezes homens dormindo em cima das mulheres. Homens acordados em cima das mulheres. Homens mexendo em cima das mulheres. Homens trocando de lugar com as mulheres. Gostava de ver aquilo tudo. Em alguns quartos a menina era repreendida. Em outros, era bem-aceita (EVARISTO, 2014, p. 33).

O excerto evidencia esse acontecimento, na vida de Duzu, o qual assemelha às práticas de estupro na escravidão brasileira, em que crianças eram violentadas por senhores, como reflete Arend (2013), quando a narradora diz que em outros era repreendida nota a

literatura negro-brasileira, em que os escritores negros, escancaram as máscaras veladas pela literatura cânonica branca. Nos dias atuais, entende-se que essa prática configura violência infantil, determinada pelo *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA) (BRASIL, 1990).

A narradora diz que houve um quarto em que Duzu entrou, o homem a chamou e fez carinho, e sua acompanhante pediu-lhe para parar, pois era uma menina. Nesse dia, o homem deu uma nota de dinheiro à Duzu. Fato que acende o desejo da menina, com isso:

Voltou ali no outro dia no entrar-entrando. Não era o mesmo. Saiu desapontada e triste. Passados alguns dias, voltou a entrar de supetão. Era ele. Era o homem que lhe havia feito um carinho e lhe dado um dinheiro. Era ele que estava lá. Duzu ficou olhando tudo. Teve um momento em que o homem chamou por ela. Vagarosamente ela foi se aproximando. Ele, em cima da mulher, com uma das mãos fazia carinho no rosto e nos seios da menina (EVARISTO, 2014, p. 33).

Conforme a citação, Duzu buscava pelo mesmo homem com a intenção de ganhar mais gorjetas, pois o seu trabalho não dispunha de salário. Em suma, Soares (2019) afirma que essas são as atitudes dos pedófilos, que induzem as crianças, ganham a confiança delas, posteriormente, realizam seus desejos sexuais³⁰. Causando diversos transtornos na vida da criança e na fase adulta são desencadeados diversos transtornos psicológicos. Fatos que são visíveis no comportamento da menina, Duzu, que após essas carícias, retorna sempre ao predador:

Duzu voltava sempre. Vinha num entrar-entrando cheio de medo, desejo e desespero. Um dia o homem estava deitado nu e sozinho. Pegou a menina e jogou na cama. Duzu não sabia ainda o ritmo do corpo, mas, rápida e instintivamente, aprendeu a dançar. Ganhava mais e mais dinheiro. Voltava e a moça do quarto nunca estava (EVARISTO, 2014, p. 33).

O excerto comprova a violência física e a exploração sexual consumada de forma degradante no corpo da protagonista, o que configura as práticas de estupro de meninas ainda criança. A narradora fala que ele estava a aguardar no quarto sozinho, e que Duzu não sabia o ritmo do corpo e o homem a jogou sobre a cama.

Noutra parte da narrativa, a narradora afirma que nesse entrar-entrando de Duzu:

Um dia quem abriu a porta de supetão foi D. Esmeraldina. Estava brava. Se a menina quisesse deitar com homem, podia. Só uma coisa ela não ia permitir: Mulher deitando com homem, debaixo do teto dela, usando quarto e cama, e ganhando o dinheiro sozinha! Se a menina era esperta,

³⁰ Dissertação de mestrado orientada pelo professor Dr. Osmar Pereira Oliva.

SOARES, Daniela Rodrigues. O desejo pedofílico em Contos de Autran Dourado [manuscrito] / Daniela Rodrigues Soares. – Montes Claros, 2019.

ela era mais ainda. Queria todo o dinheiro e já!(EVARISTO, 2014, p. 34).

A citação revela a atitude de dona Esmeraldina, o que converge com práticas patriarcalistas destacadas por Abdias do Nascimento de que: “O costume de manter prostitutas negro-africanas como meio de renda, comum entre os escravocratas” (NASCIMENTO, 1978). Até mesmo o nome da dona do prostíbulo traz características de dominação, conforme dicionário de símbolos: Esmeralda significa “verde e translúcida, a esmeralda é a pedra da luz verde, o que lhe confere a um só tempo uma significação esotérica e um poder regenerador”, na tradição cristã das separações, revela, “os primeiros, o bem, e dos segundos, o Mal [...] simboliza a ciência maldita” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 390 -391). Diante disso, a narradora diz que:

Duzu [...] entendeu o porquê do homem lhe dar dinheiro. Entendeu o porquê de tantas mulheres e de tantos quartos ali. Entendeu o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixá-la estudar. E entendeu também qual seria a sua vida. É, ia ficar. Ia entrar-entrando sem saber quando e porque parar (EVARISTO, 2014, p. 34).

O excerto comprova que a personagem Duzu, nesse momento, toma conhecimento da condição social num espaço de exclusão. Percebe-se o desespero de Duzu diante da ausência dos pais, e de não ter tido acesso aos estudos como prometera a senhora. Duzu-Querença entregue à sorte, desamparada, sem dinheiro, sem estudo, não vê saída, acaba por se conformar com a situação à qual estava submetida de vulnerabilidade social.

A narradora fala que D. Esmeraldina providenciou um quarto para Duzu, ela conquistou fregueses e fama, ao permanecer neste prostíbulo por anos. Depois mudou-se para outras zonas, e: “Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida” (EVARISTO, 2014, p. 34). Como destaca Abdias do Nascimento, que:

O preço dessa herança foi pago pela mulher negra, não só durante a escravidão. Ainda nos dias de hoje, a mulher negra, por causa da sua condição de pobreza, ausência de status social, e total desamparo, continua a vítima fácil, vulnerável a qualquer agressão sexual do branco (NASCIMENTO, 1978, p. 61).

Como afirma o fragmento, essas práticas sexuais atingem a mulher marginalizada no contexto de vulnerabilidade social. A narrativa acentua que esses atos, herança que percorre desde o período colonial.

Duzu-Querença teve nove filhos e todos seus filhos foram pais, sempre acima de

dois. Mas o destino dos filhos não foi dos melhores, estavam espalhados nos morros, nas zonas e na cidade. A maternidade é recorrente na escrita literária negro-brasileira de Evaristo, por ter sido um direito por séculos negados na vida das mulheres negras na literatura, ao justapor que o modelo ideal de mãe era a mulher branca. Como questiona Evaristo (2005) acerca da ausência de mulheres negras e mães na literatura canônica:

Percebe-se que na literatura brasileira a mulher negra não aparece como musa ou heroína romântica, aliás, representação nem sempre relevante para as mulheres brancas em geral. A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral. Personagens negras como Rita Baiana, Gabriela, e outras não são construídas como mulheres que geram descendência (EVARISTO, 2005, p. 02).

A citação revela que a literatura hegemônica ocidental trazia a mulher negra como algo da sexualização, menos mães. A mulher negra era considerada maléfica, impura, demoníaca, como reflete a escritora, a mulher era símbolo do “bem e do mal, do anjo e demônio, cujas figuras símbolos são Eva e de Maria e que corpo da mulher se salva pela maternidade, a ausência de tal representação para a mulher negra, acaba por fixar a mulher negra no lugar de um mal não redimido” (EVARISTO, 2005, p. 2).

Outro ponto interessante do conto é a relação de Duzu dado aos netos. A narradora diz que dos netos de Duzu, três abrandavam seus dias, Angélico que não queria ser homem, Tático que não gostava de fazer nada e Querença, que era a representação ancestral na vida de Duzu. Naquela enxergava o caminho para futuras mudanças sociais, porque a neta gostava de estudar, características marcantes da escrita evaristiana.

Outra referência da violência é presente no conto, quando o neto de Duzu, Tático, foi morto por um grupo de rivais na favela. Esse acontecimento levou Duzu ao desespero: “Com a morte de Tático, Duzu ganhou uma nova dor para guardar no peito. Ficava ali, amuada, diante da porta da igreja. Olhava os santos lá dentro, os homens cá fora, sem obter consolo algum. Era preciso descobrir uma forma de ludibriar a dor” (EVARISTO, 2014, p. 35).

Contudo, devido às violências na vida de Duzu, essa perda a leva a brincar de faz de conta, nesse momento a personagem já se encontrava imbricada nos delírios. A narradora afirma que essa foi a forma encontrada para entorpecer a dor, porque ali Duzu ganhou asas, voou, viajou, saiu de cena da realidade, à medida que: “Estava chegando uma época em que o sofrer era proibido” (EVARISTO, 2014, p. 35). Nesses delírios Duzu viajava e

vislumbrava o carnaval, ali, era a estrela, dela e dos povos afrodescendentes.

O conto tem um desfecho triste, a protagonista Duzu-Querença, mergulhada nas alucinações psíquicas, morre. A neta de Duzu, Querença, ao saber da morte da avó, retorna no tempo, na busca pelos antepassados, lembrou dos ensinamentos da avó, por mudanças reais, reinventar, encontrar novas possibilidades de vida.

Com isso, Querença desceu o morro, para ver o corpo da avó, largado e estirado: “O sol passado do meio-dia estava colado no alto do céu. Raios de luz agrediam o asfalto. Mistérios coloridos, cacos de vidro – lixo talvez – brilhavam no chão” (EVARISTO, 2014, p. 37).

Outrossim, Eduardo de Assis Duarte (2020), ao retratar acerca do brutalismo poético na escrita de Conceição Evaristo, afirma essa tessitura poética como fio condutor de rupturas “antípoda dessa redução do sujeito a corpo descartável” (DUARTE, 2020, p. 85). A reflexão final do conto é o momento em que sua neta, Querença, analisa as possibilidades de luta contra essas hegemonias excludentes e assim, umedecer e florescer os sonhos da avó para cumprirem vivos e reais, mesmo diante das dificuldades:

Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos. Não sabia ainda como. Estava estudando, ensinava as crianças menores da favela, participava do grupo de jovens da associação de Moradores e do Grêmio da Escola. Intuí que tudo era muito pouco. A luta devia ser maior ainda. Menina Querença treze anos, como seu primo Tático que havia ido por aqueles dias (EVARISTO, 2014, p. 36-37).

O fragmento evidencia a esperança de mudança com pessoas afrodescendentes a partir do acesso aos estudos e da visibilidade social, pois Querença mesmo nova já estava inserida nas lutas de apoio do grupo. A grafia para a comunidade negra diz respeito à urgência afrodiaspórica de rompimento dos silenciados e invisíveis, que podem ser salvo por meio da escrita, não sendo cacos de vidro – lixo talvez – a brilhar um chão, como afirma Abdias do Nascimento (1978), que o negro era considerado lixo humano, descartável pelo poder público do Estado, igreja e social, pois, o negro era considerado um nada ser.

O conto analisado representa a realidade de muitas crianças e mulheres negras vulneráveis expostas à exploração sexual como forma de sobrevivência, porque, por mais que as lutas femininas estejam em constantes debates, segundo, Souza, o sistema capitalista como forma de manter o poder e domínio obriga o Estado a manter os afrodescendentes as margens da sociedade:

O emprego do instrumento racial, da discriminação constitucional e da falta de punição aos que sonegam a legislação são métodos de tortura que impedem o desenvolvimento humano desses profissionais. Para manter a

tradição, as elites adaptaram seus interesses particulares ao conceito de democracia para que a maioria da população obedeça às normas do Estado burguês sem questionar as contradições (SOUZA, 2013, p. 67).

Com isso, Conceição Evaristo diz que somente o ato da escrita é capaz de tirar o negro desse espaço de domínios impostos e de exclusões. A análise do conto evidenciou que o sofrimento da mulher negra é diferente do espaço reservado ao branco e ao burguês.

A protagonista Duzu-Querença além de sofrer a violência de gênero pelo masculino, opressor, sofre a violência por parte do feminino e do sistema estrutural na sociedade. O que evidencia a exploração da família da menina, posteriormente de Duzu por essa sociedade, como argumenta Cuti, que a sociedade hierárquica, “segue mudando de cor como os camaleões, adaptando-se a situações novas, com manobras da hipocrisia sempre mais elaboradas” (CUTI, 2010, p. 13). Porque a menina não teve acesso aos estudos, permaneceu explorada sexualmente por toda a vida, e mesmo na velhice não teve amparo do poder público, permanecendo à mercê, largada no morro e posteriormente às ruas invisivelmente, excluída, sem meios básicos de sobrevivência, e assistência social até a morte.

3.1.3 A mulher negra e o colonialismo racista

No conto “Maria” inserida no livro *Olhos d’ água* (2014), a narrativa de Conceição Evaristo traz a história de uma mulher negra, pobre, mãe solteira, moradora de favela e, empregada doméstica, que ao retornar do trabalho tem a vida ceifada dentro de um coletivo urbano por intolerância racial. Além disso, a escritora evidencia um cenário de violência racista estrutural que se faz presente na contemporaneidade.

A narrativa do conto “Maria” é breve, os fatos são desencadeados no ponto de ônibus, onde Maria aguarda pelo coletivo. Logo após, há o conflito dentro desse coletivo, local onde o desfecho se finaliza. A narrativa descreve a história de uma mulher negra, pobre, trabalhadora, mãe de três filhos, que luta sozinha para sustentar as crianças. Moradora de uma favela, mas não especifica o nome desta favela. É empregada doméstica numa casa de uma família rica no centro da cidade, mas não é especificado o nome do bairro, porém é evidenciado no conto essa relação centro-periferia ao fazer menção ao local de moradia. Os contos contemporâneos se caracterizam por narrativas breves, envolvendo as violências sociais do cotidiano. Para Schollhammer, a ficção que retrata o realismo cruel “[...] a dimensão mais sombria e cínica da alta sociedade” (Schollhammer, 2009, p. 27).

A narradora diz que Maria ao aguardar pelo coletivo mais de meia hora, refletia na possibilidade de ir embora a pé, apesar de ter que “ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto!” (EVARISTO, 2014, p. 39). O que configura com a relação de polinucleada afirmada por Lopes Junior e Santos, no ensaio, *Novas centralidades na perspectiva da relação centro – periferia* (2009), de um lado o (núcleo), em que no centro se concentram os grupos privilegiados e do outro, a periferia, os subalternos, os desamparados, “considerando uma relação hierárquica entre os lugares intra-urbanos, a periferia estaria subordinada ao centro” (JUNIOR; SANTOS, 2009, p. 352).

O conto é narrado em terceira pessoa. A narrativa é linear, pois Maria possui características similares à personagem Ana do conto “Ana Davenga” e Duzu-Querença, mulheres exploradas pela sociedade e vítimas da ação do masculino. Assim, há duas mulheres que têm a vida ceifada no contexto urbano, por terem tido envolvimento com companheiros chefes de quadrilhas. Consequentemente, luta não pela vida própria, mas sim, pela vida dos filhos. O que assemelha ao período pós-abolicionista, o qual as mulheres tornaram detentora do sustento familiar, devido os homens caírem na embriaguez³¹

Além disso, neste conto, é evidente que a escrita evaristiana mostra a mulher negra sendo explorada por outra mulher, visto que por se tratar da profissão de doméstica, subentende que geralmente o contrato é feito por outra mulher. Mesmo não especificando o nome da patroa na narrativa, a relação de dominação é implícita com o uso da faca a laser, arma branca, modulada, de uso diferenciado.

Ademais, a personagem-protagonista, Maria retornava do trabalho em uma segunda-feira, após um longo dia de trabalho, estava cansada, e, além do cansaço carregava uma sacola pesada com os restos de comida da festa que acontecera, no domingo, na casa dos patrões: “No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora” (EVARISTO, 2014, p. 39).

Estava feliz com esses restos de comida e, com a gorjeta que ganhara³², ia comprar

³¹ Com a abolição da escravidão e a Proclamação da República, o governo financiou a imigração, e o/a negro/negra ficou sem colocação. Ao escravo restou a bebedeira pois só aprendera a trabalhar sob o estalo do chicote. Enquanto, a exemplo, escravos foram à luta para garantir o sustento da família e retornaram para a casa grande [...] a remuneração era baixíssima ou a troca de sua comida e a de seus filhos (SOUZA, 2013, p. 73).

³² No Brasil, o trabalho doméstico é uma das profissões mais antigas, com 467 anos de existência marcados pela violência institucional. Desse total, 343 anos foram de trabalho escravo; o fim da escravidão parcial (Lei

um Toddy e remédios aos filhos que estavam gripados, e entre as frutas tinha melão, seus filhos nunca tinham comido melão: “Será que os meninos iriam gostar de melão?” (EVARISTO, 2014, p. 40). Nota-se nessas afirmações o quanto a personagem era pobre, a miséria que assola a vida, no entanto, percebe-se a felicidade da personagem pela gorjeta e pelos restos de comida, alimentos destinados à sobrevivência dos filhos, logo, lhe trazia consolo de subsistência.

Depois da abolição, muitas mulheres negras continuaram a atividade doméstica, muitas vezes só pela comida ou pagamento inferiorizado, como afirma Nepomuceno (2013). Além do cansaço, Maria ainda estava sentindo dor na palma de uma das mãos: “Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida!” (EVARISTO, 2014, p. 40).

Para Jean Chevalier e Gheerbrant (2001), “o simbolismo geral dos instrumentos cortantes, que se aplica plenamente aqui: é o princípio ativo modificando a matéria passiva. [...] frequentemente, associado também a ideia de execução, no sentido judiciário, de morte, vingança” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2001, 414). Esse corte no meio da mão de Maria caracteriza a expurgação do visceral, na qual a literatura negra brasileira busca cortar esse cordão umbilical de subordinação e resgatar a mulher negra a uma sociedade justa, emancipadora e igualitária. Pois, a faca a laser assemelha essa estrutura modulada e que precisa ser desfeita contra a mulher negra.

Quando o coletivo chegou, a protagonista Maria, ao entrar no ônibus, deparou com um homem que levantou e pagou a sua passagem, ao observá-lo reconheceu que era o seu ex-marido e pai de um dos filhos dela. Nesse momento, Maria relembra dos momentos em família no barraco onde vivia, a saudade que sentia, das alegrias:

Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem sentou-se ao seu lado. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam de gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. (EVARISTO, 2014, p. 40). (EVARISTO, 2014, p. 40).

Nota na citação que a escrita de Evaristo opõe ao discurso canônico de que o negro era incapaz de ter sentimento, como amor e afeto, considerado personagem exotizado e ou

Áurea) obrigou os/as negros/as a trabalhar por mais 48 anos a troco de comida ou por uns trocados, e nos últimos 76 anos, o Movimento Nacional das Domésticas luta para ter os mesmos 34 direitos garantidos às outras categorias de trabalhadores como, defendia Laudelina de Campos Mello (SOUZA, 2013, p.67).

folclorizado, pois a sensibilidade entre Maria e o ex companheiro se faz presente.

Outra característica desse conto é a relação de gênero, a protagonista ao afirmar que era um menino e haveria de se tornar um homem. Conforme, Ribeiro (2017) em consonância com Carneiro (2003) essa relação de supremacia trata da invisibilidade da realidade de *status* da mulher negra, “mulheres brancas ganham 30% a menos do que homens brancos. Homens negros ganham menos do que mulheres brancas e mulheres negras ganham menos do que todos” (RIBEIRO, 2017, p. 24). O que pode ser configurado com as falas da personagem protagonista, Maria.

Carneiro (2003) discorre sobre gêneros culturais definidos, no qual a mulher coube os espaços privados e aos homens os espaços públicos e essa definição alcançou a “produção de gêneros subalternizados, homem/mulher negra” (CARNEIRO, 2003, p. 274), o que fica evidenciado neste fragmento:

E o menino, Maria? Como vai o menino? Cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também (EVARISTO, 2014, p. 40).

A citação evidencia as dificuldades da protagonista diante da dissimulação do homem ao dizer que estava sozinho, que sentia saudades, porque mesmo Maria sendo abandonada com os filhos pelo companheiro, nesse momento, ela se sente culpada do acontecimento, assumindo toda responsabilidade para si em defesa do homem.

Para Ribeiro (2017), esse sentimento é acarretado, devido as mulheres negras não “serem nem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade supremacista branca por serem uma espécie de carência dupla, a antítese de branquitude e masculinidade [...] Enquanto os homens negros, [...] são negros, mas homens” (RIBEIRO *apud* KILOMBA, 2017, p. 23 – 24). O sentimento de culpa, de reverência ao masculino é visível na personagem-protagonista, mesmo estando separados: “Senti uma mágoa imensa. Porque não podia ser de uma outra forma? Porque não podiam ser felizes?” (EVARISTO, 2014, p. 40), como se dependesse somente dela fazer com que esse relacionamento fluísse. A narradora diz que:

O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem entretanto virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho

no filho. E, logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. (EVARISTO, 2014, p. 41).

Maria imbricada nos sentimentos da vivência com o ex, cheia de expectativas de chegar em casa e falar ao filho acerca do carinho do pai, o abraço e o beijo enviado, não imaginava que este diálogo teria consequências graves e, custaria sua vida, antes mesmo de chegar à casa. A citação mescla a voz autoral, pois Evaristo (2020) revela que mesmo no ato de violência, há sensibilidade humana no ex de Maria, ao mandar um abraço e um beijo ao filho.

As características do ex de Maria se assemelham com práticas de violência nos centros urbanos, como estratégia de sobrevivência. Conforme Oliven (2010), os estudos aponta que o Brasil foi construído a base da violência, principalmente, em relação aos negros, que no período escravocrata sofriam violências diariamente. Em 1964, com aumento dessas violências, tanto nos centros urbanos como rurais, os mais afetados continuaram a ser os marginalizados, porque o Brasil, “em vez de combater o desemprego, o Estado combate o desempregado” (OLIVEN, 2010, p. 07). Contudo, a crescente modernização capitalista excludente continuou doravante no,

[...] aumento de assaltos e roubos que se tem verificado nas grandes cidades brasileiras precisa, pois, ser discutido neste contexto. Por se constituírem nos centros mais dinâmicos do capitalismo no Brasil, suas grandes cidades representam espaços nos quais suas contradições se tornam mais evidentes, a riqueza e a opulência vivendo lado a lado com a mais flagrante miséria (OLIVEN, 2010, p. 10).

A narrativa ganha amparo no conceito de Oliven, pois nota que a protagonista Maria não possui meios básicos de sobrevivência, durante o saqueamento dos passageiros, a narradora revela que caso fosse outros assaltantes: “Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança” (EVARISTO, 2014, p. 41). O que denota situação degradante socialmente.

Após o assalto, os passageiros perceberam que Maria tinha sido a única dentro do coletivo urbano que não foi assaltada. Consideraram que Maria era cúmplice dessa violência. Os passageiros começaram a agredi-la verbalmente: “Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois” (EVARISTO, 2014, p. 41). Posteriormente, a agrediram violentamente fisicamente até a morte de forma perversa e cruel.

A narradora afirma que: “Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar

de Melão”? (EVARISTO, 2014, p. 42). Aqui nessa passagem a narrativa ganha amparo ao que Eduardo de Assis Duarte (2020) cunhou para a escrita de Conceição Evaristo de brutalismo poético para retratar a violência sistêmica que recai sobre os corpos negros, “a preencher o *fait divers* das páginas policiais”(DUARTE, 2020, p. 85) em meros corpos descartáveis.

O conto “Maria” reflete a condição da mulher negra numa sociedade racista, preconceituosa, machista, desigual e excludente. Conforme Azevedo (2004), “uma sociedade profundamente racista, prevalece na historiografia da transição este quadro bem montado da marginalização inevitável do negro por força da própria herança da escravidão carregada por ele”(AZEVEDO, 2004, p. 20). Assim como ocorre com Maria que caminha sobre a corda bamba da vida.

A narrativa ao colocar na trama discursiva em relação entre empregada doméstica e patroa estabelece essas, [...] “relações entre ricos proprietários brancos e miseráveis negros e mestiços escravos ou livres” (AZEVEDO, 2004, p. 24) a viver à merce da humilhação do poder estrutural. Maria, ao receber da patroa os restos de comida para sustentar seus filhos expõe a sua miserabilidade social numa sociedade que as mulheres negras foram tolhidas de trabalhos melhores remunerados, após a escravidão.

Com o advento do setor industrial fabril, no século XX, as mulheres negras não puderam ingressar nesses setores, considerados locais de privilégios, e o preconceito racial reinava, como afirma Maria Izilda Matos Andrea Borelli, no ensaio, *TRABALHO: espaço feminino no mercado produtivo* (2013) que,

[...] as mulheres negras tinham mais dificuldade em encontrar trabalho, pois, por conta do preconceito, os patrões preferiam contratar o serviço das brancas. Com isso, as negras acabavam se concentrando em postos ainda menos valorizados e pior remunerados como os de doméstica, cozinheira, lavadeira e catadora de restolhos (BORELLI, 2013, p. 65).

De acordo, Carneiro, além do racismo estrutural disfarçado que a população brasileira perpetuava, a população criava outros meios de barrar as mulheres negras a quaisquer práticas comerciais e industriais, como: exigência da “boa aparência” nos anúncios para vagas de empregos:

Os diferentes retornos auferidos pelas mulheres de uma luta que se pretendia universalizante tornava insustentável o não reconhecimento do peso do racismo e da discriminação racial nos processos de seleção e alocação da mão de obra feminina, posto que as desigualdades se mantêm mesmo quando controladas as condições educacionais. Em síntese, o quesito “boa aparência”, um eufemismo sistematicamente denunciado pelas mulheres negras como forma sutil de barrar as aspirações dos

negros, em geral, e das mulheres negras, em particular, revelava em números, no mercado de trabalho, todo o seu potencial discricionário (CARNEIRO, 2003, p. 277).

Esse foi o método utilizado pela pequena elite branca para manter nos postos trabalhistas somente mulheres brancas. Coube à mulher negra a violência discriminatória constitucional, mesmo com as mudanças na Constituição Federal de 1988.

Além da violência do trabalho doméstico, Maria representa a violência da vulnerabilidade social, essa etnia, pois ao realizar o percurso de casa ao trabalho, torna exposta a violência desigual e excludente, porque nesse acesso o negro é visto como sujeito “indesejável – espécie de figura diferenciada e incômoda”(DUARTE, 2020, p. 85).

A violência sofrida por Maria no coletivo urbano comprova essa problemática, um ato de intolerância racial, em que a personagem-protagonista não havia cometido crime algum, mas, pelo fato de ter conversado com o assaltante, virou alvo de discurso de ódio. A narradora diz que, “uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá na frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto” (EVARISTO, 2014, p. 41).

A confirmação de intolerância racial é elucidado neste ato: “Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!”(EVARISTO, 2014, p. 42). Em atos de intolerância, esse tipo de atitude é comum, uma pessoa ancora as demais à prática criminosa. O ônibus ao parar para alguns passageiros descer, “outros voaram em direção à Maria” (EVARISTO, 2014, p. 42).

Para Oliven (2010), “a violência se constitui em mecanismo de dominação por parte das classes dominantes, ela se transforma cada vez mais numa estratégia de sobrevivência por parte das classes dominadas” (OLIVEN, 2010, p. 10), porque dentro do coletivo havia pessoas de diversas classes. Maria insistia aos criminosos que não tinha nada a ver com o assalto, chegou a exaltar: “Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher” (EVARISTO, 2014, p. 42). O que configura a violência e a criminalidade machista de relação de gênero, pois não é especificado raça deste homem, o que comprova o machismo violento, opressor sobre o feminino, caso na pesquisa, negro. Além disso, a voz que acordou os demais, conforme Maria foi de um “rapazinho negro e magro, com feições de menino e que lembrava vagamente o seu filho” (EVARISTO, 2014, p. 42).

Por se tratar de um espaço coletivo, a protagonista Maria não foi defendida, nem teve o direito de falar, o que ganha amparo nas teorias de Spivak (2010), *Pode o subalterno*

falar? “o subalterno, nesse caso em especial, a mulher subalterna não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir” (SPIVAK, 2010, p. 15).

Nota-se também na escrita de Evaristo que assim como existe a violência por parte do masculino, porém, isso não pode ser generalizado, pois noutra parte da narrativa, o motorista do coletivo tenta defender a protagonista Maria: “- calma pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos...” (EVARISTO, 2014, p. 42). Como comprova o fragmento:

Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com a arma na mão. (...) O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? (EVARISTO, 2014, p. 41).

Desse modo, a citação rompe os estereótipos canônicos, pois o direito de ser mãe foi privado por séculos para as mulheres negras, politicamente negados, “uma realidade violenta que acometia e, infelizmente, ainda acomete mulheres negras no Brasil. Na década de 1980, mulheres negras eram esterilizadas forçadamente” (RIBEIRO, 2017, p. 25).

O papel da mulher negra na literatura brasileira, tinha: “A imagem fundante do termo é a figura da mãe preta”, a escrava que era “forçada de cuidar da prole da família colonizadora” (EVARISTO, 2020, p. 29 - 30). Elas tinham a incumbência de ensinar as primeiras palavras, eram as amas de leite, contavam histórias para os bebês dormirem, cantavam, ninavam os futuros senhores e senhoras. Mas o direito de ser mãe de seus próprios filhos foi negado na literatura brasileira. O que para Evaristo oculta a matiz africana na sociedade brasileira.

O desfecho do conto evidencia a violência e a criminalidade vivido pela protagonista que teve seu corpo dilacerado, por um grupo de pessoas, como aborda a narrativa, que:

Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Porque estavam fazendo isso com ela? O homem havia segregado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho (EVARISTO, 2014, p. 42).

No excerto evidencia a relação de violência advinda do ser humano na sociedade estrutural, pois Maria diz que a faca a laser a qual cortara sua mão exerce o mesmo poder

nas atitudes dos agressores sobre o seu corpo, faca a laser cortam até a vida, configurando as relações de poder da sociedade brasileira.

Sobretudo, a escrita Evaristiana desconstrói os discursos hegemônicos da mulher negra animalizada, sem percepções das realidades sociais. Maria, no momento de dor, de luta, teme pela vida dos filhos sem a sua presença materna, “as domésticas eram classificadas de forma pejorativa, tratadas como coisa, não tinham alma, não tinham cérebro, portanto, a domesticação tinha o mesmo tratamento dos animais” (SOUZA, 2013, p. 73). O que opõe a escrita de Conceição Evaristo, pois a narrativa, evidencia que Maria lutava pela vida, e refletia sobre a vida dos filhos, sendo pisoteada, e assim foi morta, ali, dentro do coletivo urbano.

Desse modo, o conto analisado comprova a violência e a criminalidade sofrida pela protagonista Maria devido às desigualdades sociais, o racismo e o preconceito. Vítima da violência brutal no centro urbano, em que o sujeito negro é invisível, vulnerável e excluído devido ao seu tom de pele. Em suma, a literatura negro-brasileira de Conceição Evaristo mostra os lados do crime e da violência estrutural, pois dentro de um coletivo encontram-se homens, mulheres, jovens de diversas classes sociais, que tiraram a vida da protagonista devido a ira dos passageiros contra o bandido. E mais uma vez a mulher é vítima, e é punida pela ação do homem.

3.1.4 Marcas da ordem patriarcal e as dimensões do colonialismo em “Di lixão”

O conto “Di lixão” faz parte da coletânea de contos do livro *Olhos d’ água* (2014), de Conceição Evaristo. Nesse conto, a escritora cria um protagonista jovem, morador de rua, doente com um câncer bucal, sem família. Um jovem que sofreu a violência por parte da mãe e do amigo, vive em condições análogas à escravidão. É evidenciado ainda, uma forte crítica aos resquícios colonialistas do racismo, da invisibilidade e da exclusão na contemporaneidade.

Diferentemente dos contos analisados, nesse conto, Evaristo (2014) narra a história de um garoto que acabara de completar quinze anos de idade, negro, pobre e morador de rua, que sofre com tumor bucal. Além do sofrimento físico, o protagonista sofre ainda, a dor do ódio materno que carrega dentro de si, e a dor do abandono social.

O conto é narrado em terceira pessoa, a narrativa é breve e os fatos são desencadeados durante uma noite de sofrimento intenso do protagonista, Di lixão, com dores causadas devido ao tumor bucal. A narrativa inicia com o protagonista em plena

madrugada sem conseguir dormir, devido às dores intensas que estava sentindo no dente devido a esse tumor que tinha surgido na boca há quase duas semanas:

Di Lixão abriu os olhos sob a madrugada clara que já se tornava dia. Apalpou um lado do rosto, sentindo a diferença, mesmo sem tocar o outro. O dente latejou espalhando a dor por todo o céu da boca. Passou lentamente a língua no canto da gengiva. Sentiu que a bola de pus estava inteira (EVARISTO, 2014, p.77).

O excerto evidencia a dor ocasionada pelo tumor na boca do protagonista, que nem sequer imaginava do que se tratava. Nesta narrativa, Conceição Evaristo, assim como argumenta Eduardo de Assis Duarte (2020) escreve sem sentimentalismo poético, a dura realidade dos excluídos socialmente, dos invisibilizados, que, conforme, Oliven “o Estado preocupava-se em divulgar uma imagem do Brasil como sendo uma ilha de tranquilidade num mundo conturbado” (OLIVEN, 2010, p. 07 – 08). Essa exclusão, é evidente até mesmo pelo nome do protagonista, “lixão”.

Na narrativa, a escritora Conceição Evaristo, a partir da tessitura poética ficcional, constrói a miserabilidade na qual o protagonista, Di Lixão, está exposto. Divide um quarto-marquise na zona com um amigo de quatorze anos de idade, não é especificado o nome dessa zona no conto, os dois amigos não têm contatos com familiares, vivem pelas ruas em busca de meios de sobrevivência: “Já tinha bastante tempo que os dois dividiam aquele espaço. De dia perambulavam pela rua, cada qual no seu ganho” (EVARISTO, 2014, p. 78). O que reafirma a condição social econômica de miséria do protagonista, sem nenhum amparo social, largado, invisível nas ruas da cidade.

O que assemelha com o fim da escravidão, em que o negro foi largado, sem apoio, sem meios de sobrevivência e sem acesso aos meios básicos, como: saúde, educação, trabalho, “havia uma política de privilegiamento do imigrante no mercado de trabalho, tornando ainda mais difícil a integração social do negro, pois a discriminação contra ele crescia ao mesmo ritmo do aumento da concorrência representada pelo europeu” (AZEVEDO, 2004, p . 213). Com isso, conforme a autora, esses negros ajuntavam e vagavam sem destinos.

O protagonista Di Lixão aproxima a realidade dos diversos negros que desde o período colonialista brasileiro foram exonerados das responsabilidades do poder público, da igreja e dos senhores, quando se diziam que os negros estavam livres. Conforme Abdias Nascimento (1978), essa liberdade não passava de corpos mutilados, doentes incuráveis, idosos que não davam mais lucro aos senhores, assim, eram jogados nas ruas, igual lixos

descartáveis:

Depois de sete anos de trabalho, o velho, o doente, o aleijado e o mutilado – aqueles que sobreviveram aos horrores da escravidão e não podiam continuar mantendo satisfatória capacidade produtiva – eram atirados à rua, à própria sorte, qual lixo humano indesejável; estes eram chamados de “africanos livres”. Não passava, a liberdade sob tais condições, de pura e simples forma de legalizado assassino coletivo. As classes dirigentes e autoridades públicas praticavam a libertação dos escravos idosos, dos inválidos e dos enfermos incuráveis, sem lhes conceder qualquer recurso, apoio, ou meio de subsistência. Em 1888 se repetiria o mesmo ato “liberador” que a História do Brasil registra com o nome de Abolição ou Lei Áurea, aquilo que não passou de um assassinato em massa ou seja, a multiplicação do crime, em menor escala, dos “africanos livres”. Atirando os africanos e seus descendentes para fora da sociedade, a abolição exonerou de responsabilidades os senhores, o estado, e a Igreja. Tudo cessou, extinguiu-se todo o humanismo, qualquer gesto de solidariedade ou de justiça social: o africano e seus descendentes que sobrevivessem como pudessem. (NASCIMENTO, 1978, p. 65).

O fragmento mostra essa realidade dura, cruel e excludente, as quais os negros enfrentaram no Brasil Colonial e que prevalece nos dias atuais, porque conforme Atlas da violência no Brasil (2021)³³ há um grande número de assassinatos contra pessoas negras, no país, nos últimos anos e aumentou em detrimento das pessoas brancas. De acordo com a diretora executiva da Fundação Brasileira de São Paulo (FBSP), responsável pela pesquisa, a problemática se deve ao fato do racismo estrutural.

E, esses resquícios colonialistas são percebidos na condição que se encontrava o protagonista: “O dente de Di Lixão latejava compassadamente. Ele era uma dor só. As dores haviam se encontrado. Doía o dente. Doíam as partes de baixo. Doía o ódio” (EVARISTO, 2014, p. 78). O protagonista, traz dentro de si a violência simbólica, como aborda Bourdieu (2002) a violência invisível, ódio da vida que levava na zona, debaixo de um telhado, da fome, da solidão, abandonado pela figura paterna, maltratado pela mãe quando criança e por fim abandonado pelo amigo de quarto.

Os castigos excessivos da mãe quando era criança fizeram com que o protagonista não sentisse amor materno. A mãe de Di Lixão foi assassinada. Sabia quem era o autor do

³²No Brasil, os casos de homicídio de pessoas negras (pretas e pardas) aumentaram 11,5% em uma década, de acordo com o Atlas da Violência 2020, divulgado hoje (27), em São Paulo, pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Feito com base no Sistema de Informação sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde, o relatório evidencia ainda que, para cada pessoa não negra assassinada em 2018, 2,7 negros foram mortos, estes últimos representando 75,7% das vítimas. Enquanto a taxa de homicídio a cada 100 mil habitantes foi de 13,9 casos entre não negros, a atingida entre negros chegou a 37,8. Disponível: Atlas da Violência: assassinatos de negros crescem 11,5% em 10 anos | Agência Brasil (ebc.com.br) Acesso: 10/04/2023.

crime, mas não revelou a identidade do assassino à polícia, pois, na convicção dele, sua mãe não merecia nem mesmo que o homem perdesse a liberdade por ela. O protagonista:

Não gostava mesmo da mãe. Nenhuma falta ela fazia. Não aguentava a falação dela. Di, eu nasci aqui, você nasceu aqui, mas dá um jeito de mudar o seu caminho! Puta safada que vivia querendo ensinar a vida para ele. Depois, pouco adiantava. Zona por zona, ficava ali mesmo. Lá fora, o outro mundo também era uma zona. Sabia quem tinha matado a mãe. E daí? O que ele tinha com isso? (EVARISTO, 2014, p. 78).

O fragmento possui diversas significações, pois mostra que o protagonista detestava o fio de esperança materno, a esperança de um futuro diferenciado na vida dele. A revolta de não ver mudanças em lugar algum, era uma soma tanto onde morava quanto em outros lugares. O que comprova a literatura negra de Evaristo ao não referenciar nomes dos locais, pois o negro sofre em todos os espaços sociais, devido a sua condição social na sociedade.

Di Lixão naquela madrugada de dor e ódio, como forma de transferir a alguém esse sentimento, cospe no colega de quarto-marquise:

O companheiro de quarto-marquise levantou um pouco o corpo e entre o sono olhou espantado, meio adormecido, para ele. Di Lixão encheu rápido a boca de saliva e deu uma cusparada no rosto do menino. O outro, num sobressalto, acordou de seu sono todo instinto de defesa. Pulou inesperadamente, acabando de se levantar. Di Lixão acompanhou o gesto raivoso do menino, levantando também. Numa fração de segundos recebeu um pontapé nas suas partes baixas (EVARISTO, 2014, p. 77).

Nota-se que Di Lixão, ao cuspir no colega, Mbembe (2014)³⁴ afirma que é uma “necessidade de transferir para os outros, no ódio, o peso do horror inerente à nossa condição. Os homens, acrescentava, odeiam, tanto quanto parece, na medida em que são eles mesmos odiados” (MBEMBE, 1978, p. 72). O colega reivindica a agressão recebida, chuta as partes de baixo de Di Lixão. É evidente a violência do colega, sem sensibilidade em um momento de dor.

Exatamente no momento da agressão, a dor que gerara no protagonista Di Lixão fez com que recordasse as maldades da mãe, de quando criança e fazia xixi na cama, puxava sua bimbina até quase arrebentar, além de berrar por diversas vezes que o órgão servia para “mijar, para mijar, mijar, mijar” (EVARISTO, 2014, p. 79). O protagonista não sentia ódio do colega, porque lembrava das dores que tinha nas partes de baixo como recordações

³⁴ Em estudos com Georges Bataille, CEuvres complètes. XII, Articles 2.1950-1961, Gallimard, Paris, 1988, p. 98.

dos castigos dados pela mãe.

Noutra passagem da narrativa, Di Lixão:

Abaixou desesperado, segurando os ovos-vida. E foi se encolhendo, se enroscando até ganhar a posição de feto. Pela primeira vez, depois de tudo, se lembrou da mãe. Ainda bem que aquela puta tinha morrido! Ele sabia quem havia matado a mulher. Tinha visto tudo direitinho. Na polícia negou que estivesse por perto, que suspeitasse de alguém (EVARISTO, 2014, p. 78).

O excerto além de afirmar o comportamento machista de Di Lixão ao se referir à mãe com estereótipos de inferioridade, é cheio de significações, ao referir os ovos-vida do protagonista, órgão característicos da geração de filhos, sua posição de feto.

No entanto, nessa atitude de Di Lixão diante da dor intensa, o que se percebe é a solidão íntima do protagonista: “O dente latejou fundo no profundo da boca. Dor de dente matava? Não sabia. Sabia porém que ia morrer. Mas isto também, como a morte da mãe, pouca importância tinha” (EVARISTO, 2014, p. 79). Nesse momento, o protagonista faz comparações e se percebe que assim como a mãe, estariam na mesma posição social, de destituição e amparo social. Como comprova Pessanha (2018), apoiado nos estudos de Mbembe que:

Destituído de qualquer direito, era uma mercadoria que possuía valor como instrumento de trabalho, mas nenhum valor quanto à sua dignidade humana. Nessa condição, Mbembe sintetiza a transformação desse “homem objeto” em “homem-mineral”, depois “homem-metal” e depois o “homem-moeda”. O corpo negro é o combustível para geração de lucro do colonialismo, é um corpo usável, descartável e matável (PESSANHA, 2018, p. 162).

Tais problemáticas são abordadas na escrita negra, por assimilar à vida dos afrodescendentes no contexto social, devido ao rótulo depositado ao corpo negro de raça inferior a etnia branca, com isso, a violência do racismo continua a fazer suas vítimas.

Assim como ocorreu com Di Lixão, que já pressentia que iria morrer, mas não queria morrer sozinho, abandonado, busca pelo menos pela presença do colega de quarto-marquise que havia saído após o chute: “Onde estava o desgraçado do outro? Só não queria morrer tão sozinho. Os primeiros trabalhadores passavam apressados. Di Lixão teve vontade de chamar um deles, mas silenciou o desejo na garganta” (EVARISTO, 2014, p. 79).

Conforme Kilomba(2019), há uma dificuldade, na sociedade, em ouvir uma pessoa negra “essa dificuldade da pessoa branca em ouvir, por conta do incômodo que as vozes silenciadas trazem, do confronto que é gerado quando se rompe com a voz única”

(RIBEIRO *apud* KILOMBA, 2017, p. 44). Entretanto, quando a narradora diz que os trabalhadores passavam apressados, não especifica raça, classe, *status*, reafirmando a violência estrutural racista, o que se assemelha ao cenário atual brasileiro.

Ao final da narrativa, Di Lixão permanecia ali, a narradora diz que o dia parecia ser de sol quente, mas, o protagonista estava tremendo de frio, a cabeça vazia e estava com fome, pois desde que surgiu o tumor, quase não se alimentava. A narradora conta que o protagonista, na ânsia de fazer xixi:

Fez um esforço. Sentou. Pegou a bimbina dolorida e fez xixi. Assustou-se. Estava urinando sangue. Passou a língua no canto da boca. O carocinho latejou. Num gesto coragem-desespero levou o dedo em cima da bola de pus e apertou-a contra a gengiva. Cuspiu pus e sangue. Tudo doía. A boca, a bimbina, a vida... (EVARISTO, 2014, p. 80).

Evidencia-se o desespero junto a coragem do protagonista que não sabia mais a quem recorrer e toma atitude drástica como forma de aliviar, pois tudo nele doía, até a vida. O que comprova esse descaso que essas pessoas vivenciam num contexto de desigualdades e exclusão. Assim, onde o negro morador de rua é oprimido e violentado com imagem de algo animalizador e não humano, objeto que causa pânico, conforme Azevedo (2004), no pós-abolição, o negro foi visto como um ser delinquente social, “acusando-os não só de membros de uma raça inferior tendente fatalmente à ociosidade, à desagregação social e ao crime” (AZEVEDO, 2004, p. 219).

A narrativa revela que Di Lixão: Deitou novamente, retomando a posição de feto. Já eram sete horas da manhã. Um transeunte passou e teve a impressão de que o garoto estava morto. Um filete de sangue escorria de sua boca entreaberta. (EVARISTO, 2014, p. 80). Situação degradante, semelhantes a de moradores de rua, largados, debaixo das coberturas urbanas, sem proteção e amparo social. Di Lixão possui verossimilhança a essa situação desumana de descaso público político. E, ao retomar a sua posição de feto evidencia a sua invisibilidade social e falta de voz.

De acordo com Mbembe (2014), “No grande quadro das espécies, gêneros, raças e classes, o Negro, na sua magnífica obscuridade, representa a síntese destas duas figuras. O Negro não existe, no entanto, enquanto tal. É constantemente produzido”. (MBEMBE, 1987, p. 40). Nota-se que a escritora Evaristo ao situar esse local ganha amparo nas teorias de Bourdieu (1997), ao revelar o espaço físico como relações de poder, porque:

O espaço é um dos lugares onde o poder se afirma e se exerce e, sem dúvida, sob a forma mais sutil, a da violência simbólica como violência despercebida: os espaços arquitetônicos, cujas injunções muda dirigem-se diretamente ao corpo, obtendo dele, com a mesma segurança que a

etiqueta das sociedades da corte, a reverência, o respeito que nasce do distanciamento ou, melhor, do estar longe, à distância respeitosa são, sem dúvida, os componentes mais importantes, em razão de sua invisibilidade (BOURDIEU, 1997, p. 163).

Esse espaço de poder é comprovado noutra parte da narrativa, quando a narradora diz que: “Às nove horas, o rabecão da polícia veio recolher o cadáver”. O menino era conhecido na área. Tinha a mania de chutar os latões de lixo e por isso ganhara o apelido. Sim! Aquele era o Di Lixão. Di Lixão havia morrido (EVARISTO, 2014, p. 80). A recolha do cadáver como objeto qualquer, “indivíduos que anonimamente fazem a história, vivendo, em seus cotidianos diferenciados social e culturalmente” (AZEVEDO, 2004, p. 23).

Sobretudo, conforme Mbembe (2014) nesse momento o leitor é convidado a “testemunhar a transfiguração do corpo (invólucro perecível), a apoteose do mundo e a sua imputrescibilidade. É no intuito de regressar à ideia da vida como forma imperecível e imputrescível que o trabalho de reparação nos convida” (MBEMBE, 2014, p. 303).

A romper e descortinar o problema do racismo e do preconceito velado para que sejam expurgadas contra o negro. Di Lixão representa esses meninos anônimos, invisíveis na sociedade brasileira afora, destituídos até mesmo de um nome e sobrenome, os indigentes sociais, “espécie de figura diferenciada e incômoda, na vida real cotidianamente suprimida da paisagem pela eliminação pura e simples, conforme apontam as estatísticas da violência no Brasil” (DUARTE, 2020, p. 85).

Para Caio Prado Junior, “subcategoria colonial composta daqueles que vegetam miseravelmente em algum canto mais ou menos remoto e apartado da civilização, mantendo-se ao deus-dará, embrutecidos e moralmente degradados” (JUNIOR, 1986, p. 282) socialmente. Como argumenta Kilomba, no livro: *Memórias da plantação* (2019), que “O colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Uma ferida que dói sempre. Por vezes infecta. E outras vezes sangra” (KILOMBA, 2019, p. 02), ferida que retirou de Di Lixão até mesmo o direito da dignidade humana.

3.1.5 A escrita de sangrar em “A gente combinamos de não morrer”

O conto “A gente combinamos de não morrer”, inserido no livro *Olhos d’ água* (2014) traz uma forte crítica em relação às violências e aos crimes contra jovens negros na sociedade contemporânea, onde diversos negros vivem em condições subumanas nas periferias, nos arredores das cidades, como afirma a protagonista do conto, Bica, será que

ainda há dor por vir? Características que assemelham aos resquícios colonialistas.

Nesse conto, a narradora mostra um cenário de exclusão, invisibilidade, desamparo social, miséria econômica, descaso, desigualdade racial, no qual diversos jovens negros vivem nos espaços periféricos das cidades brasileiras. Além disso, Evaristo faz uma crítica veemente em relação às políticas públicas, aos meios de comunicação audiovisual em massa e levanta diversos questionamentos com pontos interrogativos para chamar a atenção do leitor, com mesclas da voz autoral acerca dos problemas que afligem os negros.

A prosa literária contemporânea de contos geração 00 e geração 90 vem ganhando maior visibilidade na contemporaneidade, nos espaços acadêmicos os autores gritam as problemáticas sociais a partir da escrita e dos excluídos dos centros urbanos das cidades brasileiras. Dentre eles, Dalton Trevisan, Lygia Fagundes Telles, Rubem Fonseca, Sérgio Sant'Anna, os quais abordam o novo realismo contemporâneo vanguardista,

[...] da construção literária, que permitem que a prosa contemporânea se diferencie de uma evocação simples da brutalidade da tragédia humana, tão frequente nos gêneros semi jornalísticos especializados na revelação chocante dos dramas do cotidiano nas grandes cidades (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 58).

Corroborando, Sérgio Vaz (2013) em entrevista ao Festival Literário de Votuporanga (FLIV) atesta que essa característica contempla a literatura marginal³⁵, que retratam justamente essa realidade.

No conto é mostrado a realidade de alguns jovens negros submetido às práticas criminais doravante de um sistema opressor que os privou de todos acessos básicos de sobrevivência humana. Moradores de favelas, nos morros e a exposição da vulnerabilidade social, consequentemente acesso ao mundo das drogas e à criminalidade.

O sociólogo, Prado Júnior afirma que os negros se tornaram “a mais degradada, incômoda e nociva é a dos desocupados permanentes, ao vagar de léu em léu à cata do que se manter e que, apresentando-se a ocasião, enveredam francamente pelo crime” (JUNIOR, 1978, p. 253). O que ganha amparo na narrativa, no qual os jovens na busca por meios de

³⁵ Dessa literatura que nasce das ruas violentas, da saúde precária, do ensino de má qualidade, do racismo, do preconceito de classe, do desemprego, das mazelas sociais, etc. Dessa literatura que denuncia o que se sofre na pele. Dessa literatura das letras descalças, mas de pés firmes e calejados que não descansam nunca. Dessa literatura que sangra na página e umedece de lágrimas. Dessa literatura órfã de pai e mãe, dessas letras mal dormidas, dessa palavra torta e mira certa, que falta trigo na hora do pão. Dessa poesia que apanha na cara, e não dá a outra face. Desse verso maltrapilho que dorme nas calçadas, mas não pede esmola. Da rima pobre, que por dignidade, não pede dinheiro emprestado nem compra fiado. Disponível: <https://www.facebook.com/poetasergio.vaz2/posts/4>. Acesso: 20/05/2023.

sobrevivência, enveredaram as atividades criminais, onde foram exterminados pelos lucros do tráfico de drogas.

Pessanha e Flor do Nascimento apoiados nos estudos de Mbembe no texto, *Necropolítica: Estratégia de extermínio do corpo negro* (2018) assevera que quando retiraram do negro suas características humanas, “a única maneira de não sucumbir a esse estado de coisidade, [...] é optar por uma índole ambígua durante toda a vida” (PESSANHA; NASCIMENTO, 2018, p. 163). Conforme o autor, após esse procedimento de coisificação, o poder do colonizador sobre o colonizado, caso aqui o negro brasileiro foi de objeto de humilhação, desonra, zombaria de suas aflições.

Cabe aqui abrir um parêntese, antes de entrar a análise do conto, pois conforme Oliven: “Embora a falta de oportunidades de trabalho com remuneração condigna possa levar à criminalidade, não são obviamente todos os pobres que se valem da delinquência para sobreviver” (OLIVEN, 2010, p. 18). Da mesma forma que ocorre neste conto, Dorvi, Neo e Idago estão na criminalidade.

Entretanto, Bica é mãe, e ajuda as outras meninas mães a cuidar dos filhos: “Meu leite jorra para o alimento de meu filho e de filhos alheios. Quero contagiar de esperança outras bocas” (EVARISTO, 2014, p. 109). Dona Estelinda é mãe de (Bica e Idago) e condiz aos ensinamentos de rupturas subversivas burguesas da branquitude: “Idago era tão bonito! Podia trabalhar na televisão, feito aquele negro que é ator. Podia ser cantor também. Tinha o dom” (EVARISTO, 2014, p. 102). Porém, o que o conto evidencia é a morte precoce de todos esses jovens que já se encontravam no mundo do crime. Como salienta o professor de Sociologia da (USP), Álvaro de Aquino e Silva Gullo em seu artigo *Violência urbana um problema social* que:

A análise da marginalidade como fenômeno social considera a complexidade de fatores que atribuem ao comportamento real do marginal um papel social que lhe foi atribuído no drama da vida urbana. Os grupos de homens que atacam, roubam e matam caracterizam um tipo de marginalidade que reflete uma forma de resposta às contradições da sociedade urbana. Esses marginais urbanos, vistos como criminosos pelo Estado, se encontram impossibilitados de integração na sociedade urbana porque são considerados perturbadores da ordem institucional. Formam grupos, bandos ou gangs e geralmente habitam cortiços e favelas (GULLO, 1998, p. 108).

O fragmento expõe de forma clara o fator desencadeador que leva os jovens às práticas ilícitas no contexto urbano e marginal, configurando aos protagonistas que não possuem oportunidades.

A narrativa apresenta os personagens, Dorvi e Neo, dois amigos traficantes de drogas no morro. Bica (mulher de Dorvi) e Idago (irmão de Bica), diferente dos demais, é um jovem revoltado com as condições de miséria, achava a vida toda uma amolação. Por isso, sempre entregava crimes dos colegas, não conseguia guardar segredo. Dona Esterlinda (mãe de Bica e Idago), uma senhora de poucas palavras, gosta de assistir às novelas como amenizo da realidade, mas está sempre atenta aos problemas que envolvem o entorno do morro.

Esses personagens são destituídos de qualquer meio de proteção, desamparados, vivem o descaso, a miséria, a desigualdade social, fatores fulcrais da violência e da criminalidade entre a rivalidade do tráfico de drogas. Narrado em terceira pessoa, mas diferentemente dos outros, esse é mais extenso, dividido em partes e nessas partes há a pluralidade de voz na primeira pessoa do singular, pois a autora dá voz aos personagens que narram seus dilemas como forma de comprovação dos fatos descritos.

Para Ribeiro (2020), a literatura ruidosa: “São essas vozes não autorizadas que dão origem aos ruídos, que vão provocar incômodos, de onde provém o termo literatura ruidosa (RIBEIRO et al, 2020, p. 274). Segundo os autores:

Assim, na história, a heterogeneidade se marca por meio da descontinuidade do discurso do narrador que é atravessado pelas vozes das/dos personagens que encaminham a narrativa numa trama/rede de vozes que instigam o leitor na construção discursiva de cada um deles. Essas marcas de heterogeneidade irão produzir efeitos de sentido que vão suscitar estereótipos sociais, a partir dos quais são construídas as imagens dos moradores da favela. Quando Evaristo utiliza esses recursos narrativos, evidencia aquilo que já destacamos anteriormente de “literatura ruidosa” [...] em que as vozes tomam a cena e a narrativa vai instituindo visibilidades aos grupos silenciados/invisibilizados, comumente, os da favela são marginalizados (pelas instâncias de poder). Por isso, os moradores da periferia assumem o narrar e circunscrevem os acontecimentos não pela voz do outro (ou dos outros), mas pelo próprio locus existencial, são vivências e dramas da existência que se dão pelo corpo. E, o conto é tecido por uma rede de vozes, assim como é constituído o próprio sujeito (RIBEIRO, et al, 2020, p. 276).

Assim como ocorre na narrativa desde o título “a gente combinamos de não morrer”, que é imbricado de significações, pois parte da luta dos personagens que nas incertezas da vida ou da morte, ali, na favela, resolveram selar um pacto como forma de resistir à criminalidade, porque no morro: “a morte brinca com balas nos dedos gatilhos dos meninos. [...] A morte incendeia a vida, como se essa estopa fosse. Molambos erigem fumaça no ar [...] Às vezes a morte é leve como a poeira. E a vida se confunde com um pó branco qualquer” (EVARISTO, 2014, p. 99-100). Em consonância, Aquino e Silva Gullo diz que:

Nas sociedades contemporâneas, consolida estruturas de poder, particularmente às fora da lei sob o controle de grupos organizados como máfias, cartéis ou bandos paramilitares. Nas sociedades democráticas, reflete os limites jurídico-legais da ação determinada pelo pacto social. Quando a violência ultrapassa os parâmetros sociais, recebe as sanções correspondentes, de acordo com os instrumentos institucionais disponíveis (GULLO, 1998, p. 105-106).

Essa estrutura de poder configura as atitudes do personagem-protagonista Dorvi relembrando o pacto feito entre jovens, “em voz uníssona, gritado sob o pipocar dos tiros: - A gente combinamos de não morrer”! (EVARISTO, 2014, p. 99). Mas, o que se percebe é que o trato do grupo não havia dado certo, pois alguns jovens do grupo perderam suas vidas e estavam se esvaindo: “Nosso trato de vida virou às avessas. Morremos nós, apesar de que a gente combinamos de não morrer” (EVARISTO, 2020, p. 106).

Nota-se que os jovens ao fazer esse pacto o que ocorre é a morte precoce, o que ganha amparo em Prado Júnior (1986), que: “O negro não teve no Brasil a proteção de ninguém. Verdadeiro “pária” social, nenhum gesto se esboçou em seu favor” (JUNIOR, 1986, p. 276). A narrativa revela que esses jovens possuem a mesma faixa etária, de 13 para 14 anos, no entanto, já estão condicionados às relações de poder, pois trabalham para grupos de facções rivais do tráfico de drogas no morro, local onde a todo momento, conforme a narradora de Evaristo são:

Saraivadas de balas, de instantes em instantes, retumbam no interior da casa, ameaçando a diversão da mãe de Bica e de Idago. Dona Esterlinda levanta irritada e muda de canal de televisão. Lá fora, balas e balas, independente do desejo da mulher, executam continuamente a mesma e seca sonata (EVARISTO, 2014, p. 101).

O excerto destaca essa violência que não causa nem mesmo comoção, uma sonata seca. Espaços onde moradores vivem em meio à violência constante, sem sossego e tranquilidade.

Violência reafirmada com o personagem Idago que ao abrir a boca e entregar os colegas à direção da escola, como vingança dos grupos rivais que ficaram putos a sua traição, derramaram um vidro de pimenta “pela goela adentro daquele que cultivava a língua venenosamente solta”(EVARISTO, 2014, p. 103). Bica, irmã de Idago, comenta que ela e a mãe choraram. Entretanto, diz que o irmão nessa época já estava com onze anos e ela doze, já sabia o poder das palavras: “As palavras, às vezes, feriam segredos e escorregavam pela ladeira abaixo parando lá na delegacia” (EVARISTO, 2014, p. 103). Percebe que a literatura negra retratada por Evaristo busca sensibilizar o leitor a escrever.

Dona Esterlinda perante as violências e o comportamento do filho, vivia a cantar a música *Um elefante amola a gente*, mas essa música deixava Idago extremamente irritado, ao considerar que na vida tudo era amolação, a mãe, a irmã, o inimigo, o policial. Um dia dona Esterlinda ao cantar alto, o filho irritado, pediu a benção à mãe e saiu, Bica diz que nem desceu o morro:

Vacilou, dançou. Minha mãe recebeu a notícia que ela já esperava. Foi lá, acendeu uma vela perto do corpo. Uma fumacinha-menina dançava ao pé de Idago. Só ela, a fumacinha, a mãe e eu ali velamos o corpo de meu irmão. Um tapa, dois tapas, elefantes, patas pisam na gente. Escopetas, como facas afiadas, brincam tatuagens, cravam fendas na nossa tão esburacada vida. Balas cortam e recortam o corpo da noite. Mais um corpo tombou. Penso em Dorvi. Apalpo o meu. Peito, barriga, pernas... estou de pé. Meu neném dorme. Ainda me resta e arrasto aquilo que sou (EVARISTO, 2014, p. 102).

A protagonista Bica revela que somente ela, a fumaça e a mãe dos dois velaram o corpo, essa teoria ganha amparo nos estudos de Gullo (1998), ao destacar que a morte de um filho de rico causa comoção social, mas, um marginalizado não obtém a mesma comoção: “A conclusão é dolorosa: matar filho de rico em bairro de classe média alta ou abastada dá notícia, repercute, revolta a sociedade, que reage; o mesmo fato, quando atinge o marginalizado da economia não desperta reação” (GULLO, 1998, p. 112).

Nessa narrativa há a violência que configura aos Direitos Humanos e cidadania apregoados na Constituição Federal de 1988, pois: “Na escola, era todo mundo, ou quase todos a destelhar a cantina para pegar a merenda armazenada. Uns subiam, outros vigiavam. Só queríamos os biscoitos, comer com antecedência, o que era nosso. Premiar nossa fome” (EVARISTO, 2014, p. 102). Cabe, aqui, retomar Freyre (1977) ao afirmar que muitos negros, no Brasil, patriarcal morriam de fome e na contemporaneidade essas problemáticas se fazem presentes, e afetam alarmante a população negra³⁶

Com isso, Dorvi, ao contrário de Idago, almejava vencer, sentia-se homem, mesmo diante do medo. O narrador-protagonista afirma que, de início, ele fazia trabalhos pequenos no tráfico, ficava vigiando, passando o bagulho, e empunhando a arma nos becos, para garantir a proteção nos pontos de tráfico durante à noite. Até determinaram um trabalho mortal para si:

³⁶ Fome no Brasil. A fome é uma realidade para milhares de pessoas no Brasil (cerca de 7 milhões). Além disso, existem, ainda, mais de 40 milhões de pessoas que não comem a quantidade mínima necessária para uma alimentação adequada, apresentando, por isso, problemas de nutrição. Quanto à raça, os brancos são menos afetados do que os negros e pardos, bem como os amarelos e indígenas (estes, os mais afetados). O problema afeta mais a população com baixa escolaridade. Disponível: <https://www.todamateria.com.br/fome-no-brasil>.

Um dia os homens subiram o morro. O combinado era o enfrentamento. (...) Naquele dia, mandaram que eu fosse enfrentar também. Eu tinha treze anos. No meio do tiroteio, esporrei, gozei. E juro que não era de medo, foi de prazer. Uma alegria tomava conta de meu corpo inteiro. Senti quando o meu pau cresceu ereto, firme, duro feito arma que eu segurava nas mãos. Atirei, gozei, atirei, gozei...Gozei dor e alegria, feito outro momento de gozo que me aconteceu na infância. Eu estava com seis para sete anos e arranquei com as minhas próprias mãos, um dentinho de leite que dançava em minha boca. Minha mãe me chamou de homem. Cuspi sangue. Limpei a baba com as costas da mão, ainda tremendo um pouco, mas correspondi ao elogio (EVARISTO, 2014, p. 106-107).

O fragmento revela esse espaço de violências e crimes do qual o protagonista fazia parte, percebe-se que entrou ao mundo do crime ainda criança, mas, para ele o fato o determinava como um homem dentro do grupo. Dorvi neste momento não sabe se “A morte às vezes tem um gosto de gozo? Ou o gozo tem um gosto de morte?” (EVARISTO, 2014, p. 106). Esse acontecimento, na vida de Dorvi, assemelha ao período colonialista brasileira, onde havia o poder de supremacia burguesa, e exercia suas forças violentas sobre corpos negros.

Pessanha e Flor do Nascimento diz que a “eliminação do corpo negro não cessara. Agora, como ameaça biológica, os sistemas políticos contemporâneos, atualizando técnicas coloniais executam esse mesmo corpo em forma de necropolítica” (PESSANHA; NASCIMENTO, 2018, p. 149). Nota-se que Dorvi revoltado, resolve abrir seu próprio negócio, como revela dona Esterlinda: “Consegui estabelecer um ponto, arriscou a pele e mantém o próprio negócio, mas confiou na pessoa errada. E agora o pessoal do Baependi³⁷, o tal fornecedor, quer a paga. Disseram que, se Dorvi levou um banho, eles é que não vão se banhar na mesma água”(EVARISTO, 2014, p. 105).

Nesse comércio ilegal, Dorvi repassou ao amigo Neo a mercadoria (droga) para ser vendida, entretanto, Neo não repassou o dinheiro da venda para Dorvi nem para os fornecedores do Baependi. Os fornecedores queriam receber o pagamento pela

³⁷ Baependi é um município do estado de Minas Gerais, no Brasil. De acordo com o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2010, sua população é de 18. 292 habitantes. "Baependi" é uma palavra oriunda da língua tupi. Significa "água da coisa achatada", através da junção dos termos mba'e ("coisa"), peb ("achatado") e 'y ("água, rio"). Outra teoria diz que o nome provém do tupi mbaé-pindi, que significa "a clareira aberta". Admite-se que o desbravador se tenha estabelecido no local mais tarde conhecido como o Engenho. Disponível: <https://www.cidadesdomeubrasil.com.br/mg/baependi>. Acesso: 30/05/2023.

mercadoria vendida por Dorvi, o que ocasionou a ameaça de morte na vida do protagonista que determinou vingança:

Arranco os bagos do filho da puta que me traiu. Acerto as contas, as minhas. Levo o concluído e entrego ao bacana. Nunca falhei. Ele retira o que é dele e devolve o que é meu. Hoje não terá devolução alguma. Devo. Falta. A dívida do outro é minha dívida. É? O apartamento da chefia é bonito. [...] O outro, o que me fornece, estava na sala com os amigos e me chamou para dentro. É um pessoalzinho meio besta. Não tenho ilusão. O que temos em comum é o pó do qual somos feitos. É o pó que nos faz, mais nada. Mas o meu pó corre mais perigo. Meu pó vira cinza rápido. Quem incendeia? Pode ser a polícia, pode ser qualquer um de nós mesmos, grupos rivais. Quero o fundo do mar. Quero a predileta minha e o meu putinho que nasceu (EVARISTO, 2014, p. 103-104).

O excerto comprova que Dorvi foi traído e se encontrava encrencado com o comerciante da mercadoria, pois precisa pagar sua dívida. Percebe que nesse momento o narrador-protagonista reflete acerca da condição social, o apartamento da chefia é bonito, mas o que tem em comum é somente o pó e ainda assim entre o pó (droga) do fornecedor e a droga dele, ele corria mais perigo, porque morreria mais facilmente, como forma de pagamento. Assim, como assegura Gullo, que,

[...] o ponto de vista sociológico, considerando o fato de as classes subalternas, por aspirarem as posições de maior prestígio e poder das classes dominantes, assumirem os valores dessas classes e passarem a se orientar por esses valores, mesmo contra os membros de sua própria classe social, é de se esperar uma distorção na forma de perceber o suspeito na perspectiva do aparato policial. Sem reconhecer as diferenças sociais, os policiais militares tendem a ter uma visão distorcida da população. O pobre, o negro, o desempregado, o mal vestido são vistos como suspeitos e, portanto, passíveis de um tratamento repressivo (GULLO, 1998, p. 111).

Nota que a citação comprova tais problemáticas na vida do negro mediante percepção a cor, o que o coloca em uma situação de risco na sociedade contemporânea brasileira, problemáticas discutidas por Evaristo na literatura negro-brasileira.

Dorvi sonhava em melhorar de vida, dar uma vida diferente para Bica e seu filho, afinal, conforme o narrador-protagonista, “da ponta da escopeta também sai carinho”, ele queria construir um castelo e com um copo de uísque observar o mar do alto. O protagonista conclui que o desejo dele seria “um castelo de areia”, o que acentua a situação complicada, devido à dívida: “Explode, ode, ode, ode, ode”, e ao olhar o mar de cima do apartamento do fornecedor, ele percebeu que ele era pequeno, a coragem dele é somente quando está armado, caso contrário borra de medo: “tenho vontade de chorar” (EVARISTO, 2014, p. 104).

No ato desesperador, o narrador pergunta: “A vida vale? A dívida é minha? Com quem dividir essa dívida? Essa dúvida? Dileta minha, putinho meu...(EVARISTO, 2014, p. 104). O que configura aos estudos Azevedo (2004), que o negro, “sucumbe à própria inércia” (AZEVEDO, 2004, p. 19). Assim como ocorre após as reflexões Dorvi:

Limpou os olhos. Lágrimas apontavam diversos sentimentos. A fumaça que subia do monturo de lixo, ao lado, justificava qualquer gota ou rio-mar que surgisse e rolasse pela face abaixo. Era a fumaça, desculpou-se consigo mesmo e cantarolou mordiscando a dor, a canção do Seixas: “Quem não tem colírio usa óculos escuros [...] Na lixeira, corpos são incinerados. A vida é capim, mato, lixo, é pele e cabelo. É e não é. Na televisão deu: - Mataram a mulher, puseram o corpo na lixeira e atearam fogo! (EVARISTO, 2014, p. 99).

O excerto comprova esse espaço de violência e crimes na contemporaneidade, o que ganha amparo ao proposto por Pessanha e Flor do Nascimento que esse novo modelo estrutural de dominação se deve ao fato de a necropolítica operar,

[...] com o extermínio de populações, a ocupação colonial contemporânea, que tem como estratégia a dominação territorial onde se encontram os corpos matáveis, funciona como dispositivo que pode determinar em que área e em que momento o estado de exceção pode ser executado, sem o menor constrangimento jurídico (PESSANHA; NASCIMENTO, 2018, p. 169).

Assim como evidencia na narrativa, com isso, o narrador-protagonista, como fuga da morte, nesse momento desaparece da trama discursiva, ninguém sabe seu paradeiro e não é evidenciada sua morte.

A partir desse momento, a personagem Bica continua narrando a história e provoca o leitor a fazer parte desse discurso. Nem a mãe, nem a companheira Bica sabem o paradeiro de Dorvi, no entanto, tentam adivinhar, pois de Neo, receberam a notícia que foi morto por Dorvi: “a casa de Neo caiu. Aprontou, dançou! Mais um, que não será o último, outros virão (...) De Neo já temos notícia. Dançou ao som da música da escopeta de Dorvi”(EVARISTO, 2014, p. 107). É evidente que a lei da favela assemelha ao colonialismo brasileiro, o negro que aprontava com os senhores podiam ser mortos, como acentua Freyre (1977), na relação entre chefe de quadrilha e subordinados esses resquícios são visíveis.

A protagonista, Bica revela que os amigos fizeram pactos, entretanto, muitos haviam perdido a vida para o crime e faz menção aos nomes:

Crispim, Antônia, Cleuza, Bernadete, Lindinha, Biunda, Neide, Adão e eu temos ou tínhamos (alguns já se foram) a mesma idade. Um ano e às vezes só meses variavam o tempo entre a data de nascimento de um e de

outro. Alguns morreram também em datas bem próximas. Apalpo meu corpo, aqui estou eu. Entre as mulheres, quase todas ficaram menstruadas juntas, pela primeira vez. Brincávamos que íamos misturar as nossas regras e selar a nossa irmandade com o nosso íntimo sangue (EVARISTO, 2014, p. 107).

Aqui é evidenciado a violência e os crimes com jovens de pouca idade, e o pacto de sangue entre as meninas, como forma de selar os laços de irmandade, proclamação da origem, parentesco.

A narrativa acentua que Bica era estudiosa, inteligente, gostava de escrever, era calada, não falava muito, preferia observar e registrar na escrita. Contudo, Bica sabe pouco do segredo, porque esse pouco bastava, pois: “O saber compromete, penso eu. Idago sabia, falou, dançou. Morreu. Feriu o código de honra, a palavra dada. A palavra que não se escreve, pois escrita está na palma e na alma de cada um. É preciso trazer sempre a mão aberta” (EVARISTO, 2014, p. 102).

Nesse sentido, cabe retomar os estudos de Ribeiro (2017), apoiada aos estudos de Evaristo e Kilomba ao afirmar que as máscaras coloniais da tia Anastácia eram usadas para manter o silenciamento, Evaristo afirma que,

[...] aquela imagem da escrava Anastácia, eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada. E eu acho que o estilhaçamento é um símbolo nosso, porque nossa fala força a máscara (RIBEIRO *apud* EVARISTO, 2017, p. 43).

Essa máscara pode configurar a escrita de Bica, ao falar pouco, porque o ambiente no qual está exposta torna necessário falar pelos orifícios, assim a escrita literária ficcional, de Evaristo busca acordar a sociedade brasileira, os governantes para o problema. Porque conforme Kilomba (2019), o saber compromete e fere os códigos hegemônicos, o branco se recusa a ser descortinado, preferem a obscuridade histórica.

No final da narrativa, Bica diante dos tiroteios, estilhaça as máscaras a partir da sua escrita misturada ao som da explosão dos tiros e do sangue dos corpos. Como comprova o trecho:

Entre Dorvi e os companheiros dele havia o pacto de não morrer. Eu sei que não morrer, nem sempre, é viver. Deve haver outros caminhos, saídas mais amenas. Meu filho dorme. Lá fora a sonata seca continua explodindo balas. Neste momento, corpos caídos no chão, devem estar esvaindo em sangue. Eu aqui escrevo e relembro um verso que li um dia. “Escrever é uma maneira de sangrar”. Acrescento: e de muito sangrar, muito e muito... (EVARISTO, 2014, p. 109).

Nota que o fragmento comprova essa relação de vida e morte, na qual o viver é

incerto para Bica, a escrita assinala o sangue dos corpos negros, na qual Bica sonha com mudança, onde essa dor, essa violência não seria considerada normal aos olhos da sociedade. Gomes enfatiza que essa escrita de sangrar, é um ato de,

[...] invocar e evocar vidas costuradas “com fios de ferro” – porém aqui preservadas com a persistente costura dos fios da ficção, em que também se almeja e se combina, incansavelmente, não decerto a imortalidade, mas a tenaz vitória humana, a cada geração, sobre a morte (GOMES, 2014, p. 11).

De acordo com Mbembe, o colonialismo do “poder fantasmal também opera por captura. A maneira mais vulgar é a captura física. Consiste simplesmente em atar e amordaçar o sujeito como um condenado, até o reduzir à imobilidade” (MBEMBE, 2014, p. 240). Nesse momento, a literatura negro-brasileira evoca o leitor a não mais aceitação desses paradigmas estéticos impostos.

O conto analisado mostra um caso de extermínio com protagonistas negros oriundos de espaços periféricos, características que ganham verossimilhança por meio da violência e da criminalidade nas periferias da sociedade brasileira contemporânea, onde muitos jovens, especificamente, os negros, estão a perder a vida ao mundo do tráfico. Para Pessanha e Nascimento:

Se tomarmos o caso brasileiro, observamos que as muitas denúncias sobre o genocídio da população negra e, em especial, o extermínio da juventude negra, se referem muitas vezes aos aparatos do Estado, que ora negligencia ações e políticas públicas para reparar os efeitos nefastos da escravidão formalmente abolida sem nenhum tipo de estratégia de integração da população negra aos processos brasileiros de cidadania, e ora é o próprio agente executor das mortes que, em muitos dos casos, acontecem pelas forças policiais do Estado, ainda quando não há criminalidade envolvida que justifique, pelo argumento do risco, a morte de sujeitos entendidos como perigosos (PESSANHA; NASCIMENTO, 2018, p. 172-173).

O excerto ganha amparo quando Bica diz que após revoltar-se na sala de aula e escrever diversas violências das quais fazia parte, pensou em retornar ao seu lugar, mas nesse momento a narradora-personagem questiona, “Se é que tenho algum” (EVARISTO, 2014, p. 108). Noutro momento da narrativa Bica diz que estava à assistir televisão e ouviu um escritor dizer que,

[...] ficava perplexo diante da fome do mundo. Perplexo! Eu pedi para ele ter a bondade, a caridade cristã e que incluísse ali todos os tipos de fome, inclusive a minha, que pode ser diferente da fome dos meus. Falei, mas, pelo menos naquele momento, me pareceu que ele fazia ouvidos moucos (EVARISTO, 2014, p. 108).

Fica evidente que a protagonista, Bica questiona sobre a sua fome, que seria diferente dos demais, fome de mudanças, de rupturas dos padrões ideológicos. O fragmento ganha amparo na pesquisa de Irme Salete Bonamigo, no ensaio, *Violências e contemporaneidade* (2008) ao afirmar que a muito tempo, essas vozes “clamam por ordem e por controle” (Bonamigo, 2008, p. 210). Segundo a autora, isso não passa de legitimação de controle sobre estado, município e nação. A autora reafirma ainda que da mesma forma ocorre com os famosos bordões midiáticos frequentemente fora de contexto e manipulados para servir aos propósitos oportunistas do candidato.

O conto analisado, os próprios nomes dos protagonistas, Bica e Dorvir evidencia o ato de dores, sofrimentos, visto que Bica remete a uma grande quantidade de água e Dorvir, como a própria protagonista Bica questiona no conto, será se ainda a dor por vir, o que remete as diversas mortes diariamente no morro, assim como o personagem que conheceu o mundo do crime desde criança devido a inserção neste ambiente de violências e crimes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que a violência e a criminalidade sofrida pelos protagonistas negros nos cinco contos analisados advém da relação de gênero, classe e raça. Tendo em vista que, as protagonistas mulheres dos contos sofrem a violência estrutural, machista e racista, em um contexto de vulnerabilidade e marginalização social. Também nestes contos, a escritora coloca em oposição, violências e crimes sofridos e ou praticados tanto com homens e mulheres, como forma de demonstrar que tanto o feminino como o masculino estão expostos à criminalidade social.

A análise evidenciou que as protagonistas femininas são vítimas do machismo, pois Ana Davenga, Maria Agonia e Maria perderam a vida pelo fato do envolvimento com sujeitos chefes de quadrilhas nos espaços subalternos do morro. Além dos crimes machistas são vítimas da violência e dos crimes estruturais, pois Maria ao ser violentada até a morte, o conto coloca em cena um espaço coletivo no qual diversas pessoas fazem uso. Ademais, Maria foi vítimas além do machismo, da violência por parte da patroa, que usufruam de sua força braçal no trabalho doméstico, e como forma de inferiorização doava restos e ossos de comidas para o alimento de seus filhos e uma gojerta que dava mal para comprar toddy e xarope gripal, demarcação enfatizada com o uso da faca a laser, arma branca recorte diferenciado.

A protagonista Duzu-Querença também vítima dessa violência, explorada pela patroa, dona Esmeraldina nos serviços domésticos e posteriormente na prostituição. Vítima da violência desde criança, por parte do pai, da amiga da família, que indicou o trabalho aos pais de Duzu mesmo sabendo que se tratava de um prostíbulo, e como consequência, Duzu é explorada pelo sistema opressor até o final da vida.

No conto Di Lixão, o próprio nome do menino expõe sua condição social, em que ele não possui nem mesmo um nome e um sobrenome. Vítima do sofrimento estrutural e do poder público e materno, pois era um jovem de quinze anos largado doente nas calçadas, restando-lhe a morte.

No conto “A gente combinamos de não morrer”, é evidente o sofrimento, a dor dos personagens, desamparados socialmente, sem meios básicos de sobrevivência, no qual alguns jovens para matar a fome se viam obrigados a roubar a dispensa da escola. Esses jovens na esperança de mudança se inseriram no mercado ilícito de tráfico de drogas. Tornando-se vítimas fatais da violência e do crime por disputa de poder. Neste conto, é

evidente o grito da literatura negra, ao colocar a personagem Bica como uma menina calada, observadora e que escreve todo cenário de dor no entorno desse morro, porque para Conceição Evaristo somente a escrita será capaz de romper os paradigmas ideológicos impregnados a comunidade negra na literatura.

Com isso, a pesquisa evidenciou que por mais que Conceição Evaristo tentou elevar uma certa hegemonia igualitária entre negros nos contos, entretanto, ficou comprovado que as atitudes de liderança é uma forma do negro impor a não aceitabilidade mais de serem usurpados em um sistema que os oprimem e tolhem de diversos setores sociais, como: educação, moradia, saúde, lazer apregoados como direitos iguais a todos na Constituição Federal, pois o poder de supremacia encontra-se nas mãos de um grupo privilegiado em relação à classe social e *status* no qual o racismo impede que a comunidade negra usufrua.

Outrossim, os protagonistas dos contos analisados vivem imersos na invisibilidade, exclusão, desamparo e descaso social. Carentes de educação, moradia, alimentação decente, saúde, devido ao racismo e ao preconceito que lhes acometem. Protagonistas que vivem uma extrema miséria social econômica, ao exercer profissões de domésticas por gorjetas, outros largados nas ruas, calçadas e outros inseridos na criminalidade.

Contudo, a pesquisa evidenciou que os negros continuam a mercê da branquitude, características que assemelham ao contexto de escravidão na sociedade brasileira e que prevalece fazendo suas vítimas na contemporaneidade, pois o maior número de desemprego, violência e crimes acometem os negros na sociedade brasileira.

Diante disso, fica visível que em todas essas profissões existem, de forma simbólica, a característica de uma figura superior, como: chefia, faca a laser da patroa, termos fulcrais na determinação de patrão e empregado, porque a própria Conceição Evaristo diz que quem está no local de mando ainda é o branco. E, dentro deste local de governância, a violência e os crimes se voltam aos negros, assim como na obra que as vítimas foram os próprios negros nesta análise.

Conceição Evaristo, a partir desses protagonistas fictícios, convida o leitor a não subserviência dessa problemática que busca mantê-los nesse local de carência econômica para exploração, conforme os grupos privilegiados necessitarem. Outro fator comprovado na pesquisa é a resistência da mulher negra diante dos obstáculos, pois os personagens homens revelam seus medos, sendo valentes quando armados, e ao final todos morrem, enquanto, as mulheres mesmo diante da morte se faz maior o ato materno.

Em suma, a escrita evaristiana, é uma escrita violenta, como forma de denunciar a dor, o sofrimento doravante do racismo estrutural e do machismo, que continuam ceifando diversas vidas negras na sociedade brasileira. Por conseguinte, na trama, a esperança de recomeço, de mudanças são depositadas na inteligência feminina, como destaca as personagens: Bica e Querença, duas meninas determinadas, estudiosas, mesmo diante das atrocidades dentro da favela lutam em prol de si e do coletivo. Os protagonistas masculinos nos contos analisados são modificados a partir do olhar do feminino negro, assim como ocorre com o personagem Davenga e o companheiro de Maria, os quais não possuem nome na narrativa, entretanto mesmo tendo profissões ilegais, ganham sentimentalismo perante as protagonistas.

REFERÊNCIAS

Bibliografia do autor:

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

EVARISTO, Conceição. “Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face.” **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. X Seminário Nacional Mulher e Literatura. I Seminário Internacional Mulher e Literatura. Orgs. Nadilza Martins de Barro Moreira e Liane Schneider. João Pessoa: Ideia; Editora da UFPB, 2005, p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014

EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Azizi, o menino viajante*. São Paulo: Kids Book Itaú, 2017.
Disponível em: www.euleioparaumacriança.com.br

EVARISTO, Conceição. *Canção para ninar menino grande*. São Paulo: Ed. Unipalmes, 2018.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. In: *Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*./organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. - - 1. Ed. – Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: *Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*./organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. - - 1. Ed. – Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. *"Fio de prumo". Um piano Yá Dulcina*. 1º Disponível em: <https://medium.com/@folhetimsescpompeia/fio-de-pruma>.

Bibliografia sobre o autor:

DUARTE, Eduardo de Assis. **Escrevivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiaspórica**. In: *Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição*

Evaristo./organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. - - 1. Ed. – Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, Constância Lima Duarte. **Canção para ninar menino grande: o homem na berlinda da Escrivivência.** In: Escrivivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo./organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. - - 1. Ed. – Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

GOMES, Heloísa Toller. **“Minha mãe costurou a vida com fios de ferro”.** Prefácio. In: EVARISTO, Conceição. Olhos d’água. Rio de Janeiro: Pallas : Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

MELO, Dianne Cristine Rodrigues de. **Escrivivência e exclusão nas práticas de leitura e escrita.** In: Escrivivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo./organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. - - 1. Ed. – Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

NATÁLIA, Livia. **Intelectuais escreviventes: enegrecendo os estudos literários.** In: Escrivivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo./organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. - - 1. Ed. – Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

NUNES, Isabella Rosado. **Sobre o que nos move, sobre a vida.** In: Escrivivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo./organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. - - 1. Ed. – Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

PINTO-BAILEY, Cristina Ferreira. **Escrivivência, testemunho e direitos humanos em Olhos d’água de Conceição Evaristo.** Revista Brasileira de Literatura Comparada, v. 23, n. 43, p. 8-19, mai.- ago., 2021. doi: <https://doi.org/10.1590/2596-304x20212343cfpb>.

SILVA, Assunção de Maria Sousa e Silva. **EscreVivência: itinerário de vidas e de palavras.** In: Escrivivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo./organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. - - 1. Ed. – Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

Bibliografia Geral:

AREND, Silvia Fávero. **Meninas trabalho, escola e lazer.** In: Nova História das mulheres no Brasil / organizadoras Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2013.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra medo branco: O negro no imaginário**

das elites século XIX. 2ª Edição/ Celia Maria Marinho de Azevedo – São Paulo: Annablume, 2004.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; PEREIRA, Helena Bonito Couto. **O conto brasileiro contemporâneo de autoria feminina.** Letras de hoje porto alegre, v. 56, n. 2, p. 144-151, maio.-ago. 2021 e-issn: 1984-7726 | issn-l: 0101-3335.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional.** 2. Ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

BERND, Zilá. **Literatura negra brasileira: racismo e defesa de direitos humanos.** LETRAS - Revista do Mestrado em Letras da UFSM (RS) janeiro/junho/1998.

BHABHA, Homi K. **O local da Cultura.** Tradução de Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte, Editora: UFMG, 1998.

BONAMIGO, Irme Salete. **Violências e contemporaneidade.** Universidade Regional Comunitária de Chapecó (Unochapecó). Rev. Katál. Florianópolis v. 11 n. 2 p. 204-213 jul./dez. 2008.

BORELLI, Maria Izilda Matos Andrea. **Trabalho: espaço feminino no mercado produtivo.** In: Nova História das mulheres no Brasil / organizadoras Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2013.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência.** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2002.

BOURDIEU, Pierre, 1930-2002. **A dominação masculina**/Pierre Bourdieu, tradução Maria Helena Kuhner. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160 p.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Prêmio Mulheres Negras Contam sua História** – 2013. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013. 296 páginas.

BRASIL. **[Constituição (1988)].** Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 15/05/2023.

BRASIL. MEC - **Lei Nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003.** Disponível em: https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPDH/Leis_10.639_2003__inclus%C3%A3o_no_curr%C3%ADculo_oficial_da_Hist%C3%B3ria_e_Cultura_Afrobrasileira.pdf. Acesso em: 10 mai. 2023

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Geledés. 2003.

CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano : entre intenções e gestos**. São Paulo Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa , 1999.

CHEVALIER, Jean, 1906 - **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**/Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, com a colaboração de: André Barbault...[et al.]; coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva...[et al.]. – 16.ed, - Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

CORTÊS, Iáris Ramalho. **DIREITO: a trilha legislativa da mulher**. In: Nova História das mulheres no Brasil / organizadoras Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2013.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira** – São Paulo: Selo Negro, 2010. – (coleção consciência em debate/coordenada por Vera Lúcia Benedito)

DIAS, Maria Odila. **Escravas - resistir e sobreviver**. In: Nova História das mulheres no Brasil / organizadoras Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2013.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, política, identidades: ensaios**/Eduardo de Assis Duarte. – Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2005.

DUARTE, Eduardo de Assis (coord.). **Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XX**. Rio de Janeiro, Pallas, 2014.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo: Uma história a ser contada**. Estudos avançados 17 (49), 2003.

FILHO, Domício Proença. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Estudos avançados 18 (50), 2004.

FRANCO, Maria Ligia Prado Stella Scatena. **CULTURA E POLÍTICA: participação feminina no debate público brasileiro**. In: Nova História das mulheres no Brasil / organizadoras Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2013.

FREYRE, Gilberto, 1900 – **Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**/por/ Gilberto Freyre; ilustrações de Lula Cardoso Ayres, M. Bandeira, Carlos Leão e do autor. 5. Ed. Rio de Janeiro, J. Olympio; Brasília, INL, 1977.

FREYRE, Gilberto, 1900-1987. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira**

sob o regime da economia patriarcal / Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. — 481 ed. rev. — São Paulo : Global, 2004. — (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil ; 1).

GLORIA ANZALDÚA. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**, 1980.

GONZALES, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan/jun).1988b,p. 69 – 82.

GULLO, Álvaro de Aquino e Silva. Violência urbana: um problema social. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 10(1): 105-119, maio de 1998.

HAHNER, June E. **Mulheres da elite honra e distinção das famílias**. In: Nova História das mulheres no Brasil / organizadoras Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2013.

JÚNIOR, Caio Prado. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 19ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 340 – 377.

JUNIOR; SANTOS, Wilson Martins Lopes; Regina Celia Bega Dos. **Novas centralidades na perspectiva da relação centro – periferia**. Sociedade & Natureza, Uberlândia, 21 (3): 351-359, dez. 2009.

JUNKES, G. **O que é a literatura periférica?** poeta Sérgio vaz responde, 2013. <https://vaiserrimando.com.br/poeta-sergio-vaz-explica-literatura-periferica>. Acesso em 10/05/2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** – Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MASSAUD, Moisés, 1928- **A criação literária : prosa 1** / Massaud Moisés. -- 20. ed. -- São Paulo : Cultrix, 2006.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Marta Lança. 1. ed. Lisboa: Antígona, 2014.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Amanda Cristine Oliveira. **Diálogo com o cânone na ficção de augusta faro: linhas de força na produção literária contemporânea feminina**. Unimontes, 2021.

NEPOMUCENO, Bebel. **Mulheres negras: protagonismo ignorado**. In: Nova História das mulheres no Brasil / organizadoras Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2013.

OLIVEN, RG. **Violência e cultura no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2010, 94p. ISBN 978-85-7982-006-9. Available from SciELO Books .

PAIXÃO, Marcelo; GOMES, Flávio. **Histórias das diferenças e das desigualdades revisitadas: notas sobre gênero, escravidão, raça e pós-emancipação**. Estudos Feministas, Florianópolis, 16(3): 424, setembro-dezembro/2008.

PESSANHA, Eliseu Amaro; NASCIMENTO, Wanderson Flor do. **Necropolítica: Estratégia de extermínio do corpo negro**. Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB. ISSN: 2525-4715 – Ano 2018, Volume 3, número 6, Julho – Dezembro de 2018. DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v3i6.4327>.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Imagens e representações 1 a era dos modelos rígidos**. In: Nova História das mulheres no Brasil / organizadoras Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2013.

RIBEIRO, Djamila. **Apresentação: Feminismo Plurais. O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

RIBEIRO, Ana Cláudia Dias; APINAGÉ, Maria Deusa Brito de Sousa; TESTA, Eliane Cristina. **Heterogeneidade narrativa em “A gente combinamos de não morrer”**, de Conceição Evaristo. Revista Letras Raras. Campina Grande, v. 9, n. 4, p. 270-286, dez. 2020.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpo e beleza: “sempre bela”**. In: Nova História das mulheres no Brasil / organizadoras Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2013.

SILVA, Cristiane Rodrigues Antunes da. **Violência contra a mulher negra [manuscrito] : uma leitura de Insubmissas lágrimas de mulheres** / Cristiane Rodrigues Antunes da Silva. – Montes Claros, 2017. 98 f.

SOARES, Daniela Rodrigues. **O desejo pedofílico em Contos de Autran Dourado** [manuscrito] / Daniela Rodrigues Soares. – Montes Claros, 2019. 98 f.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Organizador da coleção Evando Nascimento / Karl Erik Schollhammer. - Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2009. - (Coleção contemporânea : Filosofia, literatura e artes).

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**; tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

STUART, Hall. **A identidade cultural da pós-modernidade** – 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

TONDO, Marlei Castro. **A violência contra as personagens femininas nos contos de Olhos d' água da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo**/Marlei Castro Tondo. – 2018. 98f.: il: 30 cm.